



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Clodoaldo Linhares

**O ENSINO DA ORALIDADE: PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA DE ENTREVISTAS POR PODCAST**

Florianópolis
2023

Clodoaldo Linhares

**O ENSINO DA ORALIDADE: PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA DE ENTREVISTAS POR PODCAST**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues

Florianópolis

2023

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Linhares, Clodoaldo

O ENSINO DA ORALIDADE: PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA DE ENTREVISTAS POR PODCAST /
Clodoaldo Linhares ; orientadora, Rosângela Hammes
Rodrigues, 2023.

147 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal
de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Letras. 2. Escola. 3. Ensino. 4. Práticas. 5.
Oralidade. I. Rodrigues, Rosângela Hammes. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

Clodoaldo Linhares

**O ENSINO DA ORALIDADE: PROPOSTA DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
ESCUTA DE ENTREVISTAS POR PODCAST**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 05 de dezembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues – PROFLETRAS/UFSC

Prof.^a. Dra. Nara Caetano Rodrigues – EBTCC-CA/UFSC

Prof.^a. Dra. Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos – PROFLETRAS/UFSC,

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Letras.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.^a. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues
Orientadora

Florianópolis
2024

À minha adorável e amada esposa e meus queridos filhos suportaram com amor minha ausência em suas vidas durante essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo pela vida e saúde nas noites e dias em que sem saber o que fazer pude ter esperança de que tudo se resolveria.

Aos meus queridos pais, que mesmo estando distantes me incentivaram a caminhar mais do que eles próprios conseguiram caminhar.

Aos queridos irmãos do grupo de oração das sextas-feiras que me animaram e sustentaram com seu carinho e afeto e orações.

Aos amigos que fiz no Profletras, pessoas que sem saber a dimensão me foram alicerce durante a caminhada.

Aos professores do programa de mestrado em Letras da UFSC que compartilharam conhecimento e acrescentaram sabedoria.

Ao meu amigo Paulo Alcaraz, que trabalhou com muita competência no apoio para que todos os prazos fossem respeitados com responsabilidade.

À minha orientadora, Dra. Rosângela Hammes Rodrigues, que conseguiu enxergar em mim características que me eram ocultas e teve empatia para caminhar comigo, até quando eu mesmo não acreditava que fosse possível.

À banca de defesa composta pela professora Dra. Nara Caetano Rodrigues e pela professora Dra. Silvia Inês Carrilho de Vasconcellos, que pacientemente leram meu trabalho e me deram a honra de ouvir seus preciosos apontamentos no dia da defesa.

À minha colaboradora e amiga Maria Gabriela, que teve paciência para ler meus textos e sensibilidade para apontar soluções de melhoria com gentileza e competência.

Às minhas diretoras Eliane e Cinthia que se doaram na busca por adequações de horário e remanejamentos na escola quando mais precisei.

Aos meus queridos amigos professores das escolas em que trabalho, que me deram força e tornaram possíveis momentos de estudo quando estes eram praticamente impossíveis. A estes o meu respeito e acima de tudo a certeza de que esse momento também os representa.

Por fim aos meus alunos de agora e de todos os tempos anteriores, que sempre foram a razão de uma incansável busca por melhoria das minhas práticas em sala de aula.

RESUMO

A presente dissertação situa-se no tema do ensino e aprendizado das práticas sociais de oralidade, com especial destaque para a escuta de textos orais, e tem por objetivo o desenvolvimento de uma proposta didática de escuta de entrevistas por podcast para estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais. A fundamentação teórica da pesquisa vem da teoria bakhtiniana de estudo da linguagem contida nas obras do Círculo de Bakhtin, além do apoio de autores contemporâneos de notável contribuição para o estudo sobre linguagem e seus usos, dos quais destacam-se João Wanderley Geraldi, Luiz Antônio Marcuschi, Rodrigo Acosta Pereira, Rosângela Hammes Rodrigues, Terezinha Costa-Hübes, entre outros de igual importância citados no trabalho. Acorado na concepção dialógica da linguagem e do sujeito, com o reconhecimento da linguagem como fenômeno social permeado por aspectos ideológicos, a proposta didática partiu da compreensão da realidade dos estudantes onde atuo como docente, feita a partir de trabalhos realizados com práticas de oralidade no 9º ano do Ensino Fundamental no componente de Língua Portuguesa de uma escola na região leste de Curitiba no estado do Paraná. O desejo de pesquisa surgiu após a observação do autor sobre uma tendência na utilização de práticas de oralidade apenas como suporte para atividades de escrita. Diante dessa observação, a pesquisa orientou-se para a elaboração de uma proposta didática, enfocando o desenvolvimento de práticas de oralidade por meio da escuta atenta, especialmente utilizando entrevistas por podcast. A escolha de entrevistas por podcast surgiu pela ascensão dessa modalidade de interação entre o público estudantil, sendo as entrevistas uma opção valiosa para o estudo da escuta ativa, permitindo aos estudantes fazer releituras, compreender diferentes posicionamentos, desenvolver habilidades comunicativas e pensamento crítico. Nessa etapa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é empregada como suporte, uma vez que esse documento norteia o desenvolvimento de habilidades de oralidade. Em decorrência das concepções teóricas e das orientações da BNCC, a proposta didática norteou-se a partir de três pontos de sustentação: a construção do conhecimento por meio do dialogismo, o desenvolvimento da linguagem oral na interação com o "outro" e a construção de significados a partir da escuta, que se materializaram nas três etapas dessa proposta, nomeadas como: O cronotopo da entrevista por podcast, A ausculta do(s) outro(s), As contrapalavras dos estudantes. A pesquisa aponta como conclusão que a oralidade não deve ser vista como apenas um suporte para o ensino de outras práticas, como a escrita e que, além de sua relevância no processo de aprendizagem, o ensino de práticas de oralidade na escola envolve os estudantes em situações reais de comunicação, contribuindo para uma compreensão mais profunda da cultura, da história e da sociedade. Para aprimorar ainda mais esse estudo, sugere-se uma exploração mais detalhada da interseção entre teorias bakhtinianas e outras correntes relevantes, visando uma análise mais abrangente e uma contribuição mais substancial para o campo acadêmico.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; oralidade; proposta didática; escuta de entrevistas por podcast.

ABSTRACT

The present dissertation is situated in the theme of teaching and learning social oral practices, with a special emphasis on listening to oral texts, aiming to develop a didactic proposal for listening to podcast interviews for students in the later years of elementary school. The theoretical foundation of the research comes from Bakhtinian theory of language study contained in the works of the Bakhtin Circle, along with the support of contemporary authors who have made notable contributions to the study of language and its uses, including João Wanderley Geraldi, Luiz Antônio Marcuschi, Rodrigo Acosta Pereira, Rosângela Hammes Rodrigues, Terezinha Costa-Hübes, among others of equal importance cited in the work. Anchored in the dialogical conception of language and subject, with the recognition of language as a social phenomenon permeated by ideological aspects, the didactic proposal stemmed from the understanding of the reality of the students where I teach as a teacher, based on work done with oral practices in the 9th grade of Elementary School in the Portuguese Language component of a school in the eastern region of Curitiba in the state of Paraná. The research desire arose after the author's observation of a tendency to use oral practices only as a support for writing activities. Faced with this observation, the research was oriented towards the elaboration of a didactic proposal, focusing on the development of oral practices through attentive listening, especially using podcast interviews. The choice of podcast interviews arose from the rise of this modality of interaction among the student audience, with interviews being a valuable option for studying active listening, allowing students to reinterpret, understand different positions, develop communication skills, and critical thinking. At this stage, the National Common Curricular Base (BNCC) is used as support, since this document guides the development of oral skills. As a result of theoretical conceptions and BNCC guidelines, the didactic proposal was guided by three main points: the construction of knowledge through dialogism, the development of oral language in interaction with the "other," and the construction of meanings through listening, which materialized in the three stages of this proposal, named as: The chronotope of podcast interviews, Listening to the "other(s)," The students' counterwords. The research concludes that oral language should not be seen merely as a support for teaching other practices, such as writing, and that, in addition to its relevance in the learning process, teaching oral practices in school involves students in real communication situations, contributing to a deeper understanding of culture, history, and society. To further enhance this study, a more detailed exploration of the intersection between Bakhtinian theories and other relevant currents is suggested, aiming for a broader analysis and a more substantial contribution to the academic field.

Keywords: Portuguese Language; orality; didactic proposal; listening to podcast interviews.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Países com maior consumo de podcast no mundo.	41
Quadro 2 – Plataformas de acesso mais utilizadas no mundo.	42
Quadro 3 – Podcasts mais ouvidos no Brasil.	43
Quadro 4 – Formatos e gêneros preferidos.	43
Quadro 5 – Critérios de análise de oralidade dos seminários	91
Quadro 6 – Subtemas e perguntas do debate 1	96
Quadro 7 – Subtemas e perguntas do debate 2	101
Quadro 8 – Critérios de análise de oralidade dos debates	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF69LP11	Ensino Fundamental 6º a 9º ano Língua Portuguesa habilidade 11
EMICIDA	Matador de MC's
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MC'S	Microfone Controller, ou Mestre de Cerimônia
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
PROVOCAST	Podcast do canal Provoca
RAP	Estilo de música baseado em um canto falado
RAPPER	Cantor de RAP
SME	Secretaria Municipal de Educação (Curitiba)
TV	Televisão
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1	A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM E DO SUJEITO	23
2.1.1	A concepção do sujeito	24
2.1.2	A concepção da linguagem.....	26
2.1.3	Linguagem e ideologia	29
2.1.4	Os gêneros do discurso	32
2.2	AS PRÁTICAS ORAIS	34
2.3	AS PRÁTICAS ORAIS NO COMPONENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA	36
2.4	O PODCAST E A ENTREVISTA POR PODCAST	40
3	O PONTO DE PARTIDA DA PROPOSTA DIDÁTICA	46
3.1	A ESCOLA, OS ESTUDANTES E A BNCC	46
3.2	O PODCAST SELECIONADO PARA AS ATIVIDADES DE ESCUTA	49
4	A PROPOSTA DIDÁTICA	53
4.1	ETAPA 1: O CRONOTOPO DA ENTREVISTA POR PODCAST	53
4.1.1	A importância do lugar do outro - Atividade 1	54
4.1.2	A entrevista por podcast - Atividade 2	60
4.2	ETAPA 2: A AUSCULTA DO(S) OUTRO(S)	67
4.2.1	Podcast como recurso de escuta - Atividade 1	68
4.2.2	Barulhos e Ruídos - Atividade 2	71
4.2.3	Discussão das atividades da Etapa 2.....	79
4.3	ETAPA 3: AS CONTRAPALAVRAS DOS ESTUDANTES	80
4.3.1	Atividade de retomada 1 - Seminário	82
4.3.2	Atividade de retomada 2 – Debate.....	84
4.3.3	Produção 1 - Seminário – Diálogo social na entrevista por podcast ...	86
4.3.4	Apoio para avaliação do seminário	91
4.3.5	Discussão do seminário	93
4.3.6	Produção 2 – Debate - O Brasil que só produz pobre	94
4.3.7	Produção 3 – Debate - “Brasil branco”	99
4.3.8	Apoio para avaliação dos debates	103
4.3.9	Discussão dos debates	107
4.4	ENCERRAMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA	110

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS	116
	ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM AILTON KRENAK	
	FEITO POR EMICIDA NO PODCST CHAMAÊ.....	120

1 INTRODUÇÃO

Quando os sujeitos interagem, suas escolhas de linguagem (estilo), de objeto do discurso, que se materializam no enunciado, refletem e refratam as formas de comunicação, ou seja, as condições sociais de produção e de enunciação. Além do mais, essas interações e seus enunciados estão imbricados a meios ou suportes, que possibilitam tais interações, ações e reações, de maneira que lhes seja possível a construção de projetos de dizer e agir, em diversas situações sociais de interação.

Entre essas formas de comunicação, destaca-se a linguagem verbal, em suas mediações orais ou escritas. É por meio delas que, em praticamente todas as enunciações comunicativas, produzem-se interações, construção de argumentos e o estabelecimento de contratos sociais, físicos ou virtuais. A esse respeito, vale lembrar que Volóchinov ([1929]2017), ao tratar dos diferentes sistemas semióticos, dá centralidade à linguagem verbal, considerando um conjunto de propriedades da língua, dentre elas a sua ubiquidade e, mais do que tudo, a particularidade de não ter outra função além de ser signo. E são essas características que fazem dela o mais poderoso sistema semiótico de interação e de refração social. E, ainda, destacamos a relação da ideologia com o signo, de modo que o signo além de refletir a realidade também a refrata.

Ao longo da história da civilização humana, com a escrita, a imprensa e a internet, por exemplo, as sociedades foram se complexificando em termos de esferas sociais. Desta maneira, quanto mais complexo se torna um processo comunicativo, mais necessária se faz sua compreensão. Essa vem a ser a razão pela qual entendemos ser importante, no presente tempo, o seguimento de pesquisas quanto à modalidade oral de uso da linguagem e o seu ensino e aprendizagem na esfera escolar.

Entendemos que haja divergências sobre a definição do que seja um ensino-aprendizagem de práticas de oralidade na esfera escolar, de modo geral, e no componente curricular de Língua Portuguesa, de modo particular. No entanto, apesar dessas divergências, há consenso da necessidade do ensino e aprendizagem das práticas orais, reverberado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL 2018, p. 78-79), que toma a oralidade como um dos eixos de ensino no componente curricular de Língua Portuguesa.

Assim sendo, este trabalho de pesquisa, desenvolvido no Programa Mestrado Profissional da Universidade Federal de Santa Catarina (PROFLETRAS/UFSC), insere-se na área de concentração “Linguagens e Letramentos” e na linha de pesquisa “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”; e surge como continuidade a outros pesquisadores que anteriormente se lançaram no campo de estudo da oralidade e do seu ensino na esfera escolar, estabelecendo elos dialógicos com essas pesquisas, objetivando entrar no grande ambiente de discussão sobre o tema.

A etiologia que propiciou o avanço nesta direção de pesquisa vem do *chão da escola*¹, sendo construída em meio à prática e à percepção docente de que o trabalho com a oralidade nas atividades de ensino da escola brasileira ainda não contempla de forma satisfatória esse ensino e sua aprendizagem, quando considerado o uso dessa modalidade de interação em diferentes esferas sociais. Isso pode ser verificado ao final de cada etapa de escolaridade dos estudantes, quando estes se mostram ainda pouco capazes de interagir e de reagir nas mais variadas esferas comunicativas de que participam, inclusive a escolar.

A afirmação anterior se baseia em várias observações e seus registros, feitos ao longo de treze anos de efetivo trabalho como professor de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Fundamental Anos Finais, das redes pública e privada. A possibilidade de atuar concomitantemente nas duas redes me² permitiu cotejar que em grande parte das situações, quando é feito uso da oralidade em sala de aula, o objetivo é ainda muitas vezes se certificar da capacidade de um estudante em reproduzir, por meio da fala, a compreensão de um texto escrito, ou ainda de um determinado material recebido através de outro suporte comunicativo.

Há, ainda, situações em que são consideradas como ensino de oralidade a simples reprodução oral de um discurso alheio com o qual o estudante tenha tido contato. Apesar de essas interações serem legitimamente mediadas pela oralidade, o queremos destacar é que a simples repetição de um discurso ou a boa apresentação da compreensão pela verbalização oral de um texto lido não refletem totalmente o que seja um ensino e aprendizagem que tenha como objeto uma prática oral. Ainda que

¹ Refere-se às relações vividas no cotidiano das instituições de ensino.

² Eu me enunciarei na primeira pessoa do singular quando se tratar de questões mais atinentes ao contexto escolar em que atuo. Nos demais casos, a enunciação será na primeira pessoa do plural, por entender que a proposição e o desenvolvimento da pesquisa estão sustentados coletivamente.

haja a mediação por meio da oralidade nesses casos mencionados, muitos elementos de grande importância em uma prática de ensino dessa modalidade da linguagem verbal são desconsiderados.

Entendemos que o ensino da oralidade necessita não só de planejamento e de atividades sistematizadas, como também de acompanhamento que possibilite verificar o desenvolvimento e a ampliação do domínio da oralidade em práticas sociais, devendo, tanto quanto outras práticas escolares, ser contemplada com situações de ensino, de acompanhamento e de avaliação.

Na escola, projetos para aprendizagem de práticas orais raramente são contemplados nos planejamentos, ainda que previstos na BNCC, cujos apontamentos faremos em seções subsequentes desta dissertação. Em defesa dessa constatação, atentamos para o fato de que o ensino da oralidade como prática deve ir além do trivial da sala de aula, ou seja, como a aula acontece em grande parte mediada pela oralidade, como o estudante responde à compreensão de textos escritos pela oralidade, essa prática parece ser já contemplada a contento. Portanto, como trivial entendemos, então, as ações sem um objetivo específico para a aprendizagem de uma prática oral, ou seja, uma situação em que o professor motiva o estudante a partir do que objetiva ensinar e aproveita fragmentos de oralidade para compor sua estratégia. Esse “modelo” não nos parece prejudicial em sua intenção, mas se distancia, ou condensa a oralidade com outros ensinamentos, que terão maior proeminência.

Mesmo que tudo o que até aqui conseguimos apresentar tenha apenas força observacional, e, portanto, empírica, além de estar restrita ao olhar de apenas um profissional num universo de outras possibilidades de leitura da mesma temática, cria em nós o desafio a defender a importância de pesquisa sobre o eixo da *oralidade*.

De modo particular, percebemos sua grande relevância nos contextos atuais, seja em função de sua rarefação na escola, seja pelas novas interações sociais mediadas pelas práticas de oralidade, que surgem em decorrência da convergência das novas mídias. Ademais, como já mencionamos, a própria BNCC apresenta a oralidade como um dos quatro eixos de ensino³ no componente de Língua Portuguesa. Além do quê, esse documento legislador propõe ao eixo da oralidade uma definição bem como as habilidades a serem desenvolvidas. Com a finalidade de uma rápida exemplificação, citamos uma dessas habilidades, direcionada às turmas

³ Há, no decorrer do texto, momentos em que clarificamos a definição do que sejam eixos de ensino.

de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, público-alvo desta pesquisa, trata-se da habilidade 11 que é prescrita a ser desenvolvida em turmas de 6º até o 9º ano: “(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivos, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.” (BRASIL, 2018, p. 143).

Como se pode perceber, essa habilidade do campo do jornalístico-midiático, foca tanto a compreensão oral quanto a produção textual oral, além de articular o domínio das práticas orais da esfera jornalística/midiática com a competência geral 7 da Educação Básica onde se lê:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2018, p. 9).

Assim sendo, o tema desta pesquisa é o ensino e aprendizagem das práticas sociais de oralidade no Ensino Fundamental Anos Finais, por meio da elaboração de uma proposta didática para estudantes dessa etapa da escolaridade, que desenvolva e amplie a habilidade de escutar, de refletir e de se posicionar sobre algum tema em dada situação social de interação, modificando e sendo modificados por suas conclusões; ou seja, uma ampliação de suas experiências orais públicas.

Como se trata de uma temática bastante abrangente, decidimos delimitar em primeiro lugar o **objeto de pesquisa**, inicialmente, para um dos elementos dos processos interacionais constantes no eixo da oralidade, **a escuta**; ou seja, a escuta de textos orais. E isso porque se a produção de textos orais como objeto de ensino e aprendizagem já é rarefeita, a proposição de atividades de compreensão de textos orais é ainda mais restrita.

A segunda delimitação é referente à compreensão de quais práticas orais tomar como objeto de ensino e aprendizagem. Considerando as práticas orais da vida pública, delimitamos o escopo para o campo do jornalismo-midiático: escuta e compreensão de textos desse campo, a saber escuta de entrevistas orais. Ou seja, nossa pesquisa converge com a habilidade EF69LP11, citada anteriormente, embora o foco da pesquisa não esteja circunscrito a somente essa habilidade.

Diante disso, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: como desenvolver e ampliar as práticas sociais de oralidade dos estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e, de modo particular, as práticas de escuta de textos em interações do campo jornalístico-midiático em aulas de Língua Portuguesa?

O ponto de partida pedagógico para justificar nosso trabalho vem das atividades desenvolvidas em sala de aula na Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME), onde eu atuo como professor de Língua Portuguesa. A rede possui ao todo 11 escolas que atendem o Ensino Fundamental Anos Finais, sendo seis unidades na área sul, duas na área leste e três na área norte, contemplando assim quase toda a planta geográfica da cidade, que tem atualmente pouco mais de 1,800,000 habitantes.

O cenário educacional possui uma estratificação social bastante diversificada, composta por estudantes oriundos, em sua maioria, de famílias de classe baixa a média-baixa, com rendas familiares que vão desde as quantias estipuladas em repasses de assistência social proposta pelos governos até pouco mais de três salários-mínimos mensais, ressalvadas pouquíssimas exceções.

Essas circunstâncias, mesmo com a manutenção de políticas públicas que podem ser consideradas de boa qualidade e em quantidades aceitáveis junto à população, ainda permitem a observação de contextos de carência nas questões sociais. O maior número de escolas e de estudantes carentes se concentra na região sul, onde também se localizam os bairros mais populosos da cidade, chegando a aproximadamente 175.000 habitantes em um único bairro. E assim, como acontece em praticamente todas as grandes cidades brasileiras, muitos dos cidadãos, por razões diversas, não dispõem de recursos que lhes permitam acessar plenamente seus direitos e se fazerem atendidos em suas demandas. Essa carência social acaba por se refletir e se refratar nas práticas sociais e de linguagem com as quais rotineiramente se lida na escola.

A SME possui uma estrutura que permitiu que, ao longo dos anos, se desenvolvesse um currículo próprio de ensino em suas escolas, possibilitando que o estudante migre com certa facilidade por qualquer uma das unidades educacionais sem grandes prejuízos de perda de conteúdo, uma vez que os planejamentos são estabelecidos sob a estrutura curricular municipal, que, por sua vez, está em consonância com as prescrições da BNCC, minimizando assim a maior quantidade

possível de distorções no tempo de exposição de cada fração do ensino nas quatro etapas finais do Ensino fundamental.

Ao nos referirmos aos estudantes, que são a razão do objeto da pesquisa, nota-se que em sua grande maioria são alunos regulares, provindos dos anos iniciais da própria rede municipal de ensino, e que, em geral, já têm em suas falas uma culturalidade influenciada pela vivência regional, com leves variações de um bairro para outro, desenvolvida por meio de relações sociais com seus pares, e que se dá em maior quantidade fora do ambiente escolar.

Como resultado, em algumas etapas do processo, a falta de práticas de oralidade adequadas, ou melhor, a escassez dessas práticas, acaba por limitar a ampliação e desenvolvimento de habilidades que ampliem tais práticas. Isso acaba por formá-los com dificuldades de protagonismo e interação em diversas situações comunicativas, inclusive nas mais simples e triviais, como uma requisição de direitos individuais e coletivos no próprio ambiente escolar cujo *lócus* lhes é comum.

Um exemplo é o grêmio estudantil, em que, nas diferentes unidades em que trabalhei, pude verificar a necessidade de desenvolvimento da oralidade com mais profundidade. Não falo aqui que haja uma ausência de construções orais relevantes, em geral posso atribuir a necessidade não à falta do *que falar*, e sim de *como falar*.

Isso posto, cabe-nos agora voltar a atenção para o que nos levou à decisão de pesquisar acerca da *oralidade* como uma prática de linguagem importante para essa etapa de formação. E se existe uma pretensão de nossa parte, é a de contribuir com o escopo de ensino e aprendizagem da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa.

Retomando então a nossa **questão de pesquisa** que é: como desenvolver e ampliar as práticas sociais de oralidade dos estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e, de modo particular, as práticas de escuta de textos em interações do campo jornalístico-midiático em aulas de Língua Portuguesa?

A problemática nos leva ao interesse de elaborar uma proposta didática que responda à questão de pesquisa. Por conseguinte, nosso objetivo de pesquisa vai no sentido desta elaboração para o desenvolvimento e ampliação do domínio das práticas orais. A partir da questão de pesquisa e do objetivo, consideramos que a delimitação de uma prática oral mais específica se torna fundamental para que seja possível o desenvolvimento de uma proposta didática. Diante disso, para fins de construção dessa proposta didática, dentre as várias possibilidades de escuta e

compreensão de textos orais do campo citado, elegemos o *podcast*, que constitui a terceira delimitação de pesquisa.

Assim sendo, nosso **objetivo de pesquisa** é: Elaborar uma proposta didática de ensino e aprendizagem de escuta de entrevistas de podcast para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais.

Embora seja uma situação social de interação recente⁴, mediada pelas novas tecnologias, a produção e o “consumo”⁵ de podcast têm se alargado e se consolidado cada vez mais, o que torna a prática de escuta de entrevistas por podcast um objeto importante de ensino e aprendizagem na escola.

Outro ponto que julgamos importante na terceira delimitação da pesquisa é o fato de que os assuntos abordados em entrevistas por podcast possibilitam a motivação dos estudantes, pois muitas entrevistas propostas coadunam com a realidade das vidas dos estudantes, e também porque os chamam a participar da discussão de cada tema, além de estabelecerem uma relação de pertencimento às causas sociais debatidas. Os temas e falas são entrecortados por situações de interesse dos estudantes, fornecendo assim a oportunidade de refletir criticamente sobre a escuta de um discurso ante a uma dada realidade.

É por todas as razões apontadas nesta introdução e por mais outras que se apresentam no decorrer da dissertação que entendemos a importância de um ensino mais comprometido com a prática da oralidade nas escolas brasileiras, não somente para dar sustentação para a escrita ou para ratificar a proficiência de um estudante ao apresentar por meio da fala a compreensão de textos escritos ou de outra modalidade semiótica. Entendemos que as práticas orais precisam ser objeto de aprendizagem na escola e, de modo particular, a escuta e compreensão de textos orais.

É certo que não será este trabalho que resolverá todo o problema levantado aqui, mas poderá ser um novo enunciado na cadeia da comunicação discursiva, que contribuirá com a melhora das práticas de oralidade que venham a ser desenvolvidas nas escolas brasileiras, podendo quiçá atenuar alguns dos problemas enfrentados por professores, que, assim como eu, anseiam por referências de trabalho com a oralidade na escola.

⁴ O podcast surgiu no Brasil por volta do final da década de 2000, mas seu crescimento e popularização ocorreram principalmente na década de 2010.

⁵ A palavra “consumo” sugere o podcast como um produto midiático de largo alcance entre seus ouvintes, aqui tomados como interlocutores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, o referencial teórico, o objetivo será apresentar os conceitos centrais que sustentaram a proposta didática elaborada. Assim, esse referencial cria a fundamentação para a importância que damos ao estudo das práticas orais e a seu ensino aprendizagem na esfera escolar.

Na primeira seção, apresentamos os principais conceitos relacionados à concepção de linguagem e de sujeito vistos pelo Círculo bakhtiniano, e para tal foram consultadas obras como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) e *Estética da Criação Verbal*, cujos conteúdos têm grande importância para estabelecimento de elementos basilares à elaboração da proposta didática. Além disso, as obras de autores contemporâneos dos quais se extraíram importantíssimas contribuições através dos comentários e releituras que ao longo das últimas décadas forneceram suporte para a compreensão dos conceitos teóricos e para a elaboração da proposta didática. Essa seção está dividida em subseções com a discussão de cada um desses conceitos. O ponto mais relevante reside na concepção interacionista de linguagem, que enfatiza o papel central da interação social na apropriação e uso da linguagem.

Na segunda seção, apresentamos pesquisas que tratam da oralidade e que se consolidaram por conta de sua relevância no cenário de estudos da linguagem. Já na terceira seção, em consonância com os pressupostos teóricos da concepção dialógica da linguagem e do sujeito, discutimos o ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva dialógica/interacionista da linguagem, incluindo o ensino e aprendizagem das práticas orais tais como entendidas pela BNCC (BRASIL, 2018).

Em resumo, o referencial está organizado em seções e subseções que discutem a concepção da linguagem e do sujeito, a concepção ideológica da linguagem e outros pontos a esses relacionados, conforme vistos pela teoria do dialogismo em MFL e *Estética da Criação Verbal*, além das práticas de oralidade associadas ao ensino da Língua Portuguesa.

2.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM E DO SUJEITO

O dialogismo, tendo sua ênfase na natureza social e interativa da linguagem, é um conceito central nesta seção. Aqui exploramos as ideias fundamentais do pensador russo Mikhail Bakhtin, do Círculo de Bakhtin e dos chamados estudiosos do Círculo de Bakhtin, cuja teoria da linguagem oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a forma como interagimos com o outro e compreendemos o mundo ao nosso redor.

O dialogismo sustentado nos estudos de Bakhtin e seu Círculo de pensadores se apresenta em muitas de suas obras desde seus primeiros escritos e se consolida ao tratar os fenômenos linguísticos a partir de uma concepção que enfatiza a linguagem não como um processo solitário e individual, mas sim como algo profundamente enraizado na interação vista nas condições sociais imediatas e amplas. É através da interação que as vozes, presentes e diversas nas enunciações, se entrelaçam, influenciam-se mutuamente e constroem sentidos. Logo, a linguagem é o espaço onde se dão a negociação, a disputa de sentidos, a expressão da construção de identidades e a criação axiológica de realidades compartilhadas.

A linguagem, nessa abordagem, define um papel de destaque para o sujeito, que por ser dialógico que vai se (re)constituindo a cada enunciação, e isso sempre em relação aos outros e às múltiplas vozes presentes na esfera social a que faz parte, adquirindo suas próprias perspectivas, na formação de sua identidade.

De outro lado, o Círculo examina na linguagem o fenômeno da ideologia como uma força poderosa que molda crenças e valores. Ele ressalta que a linguagem é permeada pela ideologia, mas também oferece espaço para a contestação e a resistência. Sendo sempre através da interação que diferentes ideologias entram em conflito e se entrecruzam, permitindo a emergência de novas perspectivas e a possibilidade de transformação social, bem como a formação das ideologias dominantes.

Portanto, ao explorar os conceitos de dialogismo, sujeito e ideologia, sustentaremos nossa linha de pensamento em Bakhtin e no Círculo e adotaremos a partir de agora uma visão da linguagem como um fenômeno social, interativo e em constante construção de sentidos. Isso nos oferecerá lastro teórico para a compreensão da natureza dinâmica e relacional da linguagem humana.

2.1.1 A concepção do sujeito

O sujeito é compreendido pelo Círculo de Bakhtin como um ser em constante interação e construção, sendo influenciado pelas vozes externas com as quais interagiu e que o constituíram, bem como seu discurso interior. Essa concepção coaduna com a abordagem dialógica da linguagem do Círculo, que ainda conceitua o sujeito como um ser social e histórico, cuja identidade e consciência são formadas por meio das interações, dentre as quais as linguísticas, o que pode ser visto em MFL quando Volóchinov atesta que só é possível a ocorrência de um intercâmbio verbal se ambos os sujeitos estiverem em condições de proximidade social e coletiva. Dessa forma, o sujeito que aponta Volóchinov não existe isoladamente, mas se constitui na relação com os outros sujeitos em espaços determinados.

Outro ponto de grande importância na definição do que seja o sujeito para o Círculo surge na adoção de uma postura de *alteridade*, nela, o sujeito se dispõe ao “*outro*” e reconhece a legitimidade de suas experiências e pontos de vista. A alteridade representa o reconhecimento e valorização do “*outro*” na interação. Ela permite abrir espaço para diferentes perspectivas, além de considerar a diversidade de vozes presentes nas interações, ainda assim, isso não significa ao sujeito perda de sua identidade ou abandono de seu lugar (espaço) e seu momento (tempo), o que aponta para um outro conceito defendido por Bakhtin e os estudiosos do Círculo, a *cronotopia*. Brillinger (2019), ao citar Sobral (2005), aponta ainda que a concepção de sujeito do Círculo não se limita a vê-lo apenas em sua dimensão biológica ou empírica, o que distanciaria muito o real papel desse sujeito na interação e na constituição do outro; antes, ele está impregnado de condições sociais e históricas indissociáveis de sua constituição.

A proposta do Círculo de não considerar os sujeitos apenas como biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso. (SOBRAL, 2005, p. 23).

Bakhtin e o Círculo sustentam que o sujeito possui natureza social e carrega em sua constituição um movimento de deslocamento que se projeta para fora de si mesmo. Essa movimentação para fora de si – *exotopia* – lhe proporciona um distanciamento em relação ao “*outro*”, o que é fundamental para que o sujeito se constitua, uma vez que existe entre o “*eu*” e o “*outro*” uma interdependência, e por

meio desse distanciamento é possível que o “*outro*” veja no “*eu*” ocorrências que não lhe são permitidas ver por si mesmo.

Sobral (2009), apoiando-se em Bakhtin e seu Círculo, afirma que o sujeito precisa do *outro* para existir: “Somos povoados pelo outro e nossas relações com o outro faz de nós e deles os elementos constituintes da sociedade” (SOBRAL, 2009, p. 48). O que surge deste postulado é que um sujeito se (re)constitui pela interação, porém progressiva ao campo do *outro*, e que isso acontece sem a perda da sua característica primária, ou seja, ele nunca deixa de ser sujeito, mesmo em interação com o *outro*, quando “cede” seu espaço de protagonismo para, do *outro*, receber pontos de vista que embasarão novas relações de interação.

Ademais, nesse processo de interação, a cada sujeito é dado um excedente de visão, que só é possível ao “*outro*”, nunca ao “*eu*”, proporcionando ao “*eu*” o enriquecimento de suas perspectivas individuais por meio do diálogo com o outro.

Considerando o sujeito como alguém que além de existir, possui subjetividades e singularidades, sendo estas compreendidas somente a partir das suas relações sócio-históricas, a perspectiva bakhtiniana sobre esse sujeito é de que ele é constituído a partir de um (in)acabamento, cuja existência depende de um entrelaçamento com o outro. O sujeito se constitui e se reconstitui a cada interação.

Geraldi (2010, p.143, *itálicos do autor*) sustenta a ideia do sujeito incompleto que se constitui a partir das relações com o outro, afirmando que “o *excedente de visão* permanecerá produzindo novos acabamentos a que o ‘*eu*’ não tem acesso”. Assim, esse sujeito social e dialógico, que se encontra (in)acabado, possui sempre condição de abertura à compreensão e incorporação de diferentes pontos de vista (*excedente de visão*), reconhecendo e se constituindo de acordo com a validade e a importância das perspectivas dos outros sujeitos.

A cada enunciado construído por esses sujeitos surge a necessidade de uma resposta, isso porque cada enunciação do diálogo tem sempre um endereçamento que enseja uma resposta, onde até a omissão completa de som (o silêncio) é por natureza uma resposta ao outro. A resposta ao *outro* é sempre por natureza constitutiva uma resposta responsiva e orientada, pois se atrela inevitavelmente à posição social, ideológica e discursiva de cada sujeito em um contexto específico.

Há ainda, nesse processo, uma certa permeabilidade que introduz vozes e discursos sociais possibilitadores de uma ininterrupta troca que se molda à esfera social a que fazem parte os sujeitos no instante em que acontece a enunciação.

Diante dessa proposição, entendemos que a responsividade na enunciação é uma característica indissociável do sujeito, já que não há para este qualquer meio de fuga para que ele se omita em dar resposta a um enunciado. Dessa maneira o sujeito, que se constitui a partir de sua relação com outro sujeito, sempre se situa em um horizonte concreto, vivenciável, que não coincide com o horizonte concreto vivenciável do outro, e em uma situação social de interação que nem sempre lhe é favorável, que por vezes o confronta; e tudo isso possibilita ao sujeito recriar-se constantemente em seu acabamento, que é sempre provisório.

Adicionalmente ressalta-se aqui, como postulado por Bakhtin e o Círculo, a importância de uma postura ética na comunicação, em que se considere o contexto e as consequências dos discursos. Dessa forma, a linguagem assume um caráter social a cada tempo em que se processa (cronotopo). Os sujeitos aqui vão se constituindo a cada novo enunciado e propagando múltiplas vozes que podem ser ouvidas ou percebidas durante o acontecimento da interação, em que se inter-relacionam a responsividade e a ética da responsabilidade.

2.1.2 A concepção da linguagem

O caráter interativo e dialógico da linguagem assumido pelo Círculo de Bakhtin defende uma concepção de linguagem que se diferencia das concepções da época, que seus autores sistematizam em duas correntes: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. É a partir da apresentação e explanação dessas duas tendências filosófico-linguísticas que Volóchinov (2017 [1929]) volta-se para o caráter social e histórico da linguagem quando diz:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 218-219).

Bakhtin e os outros autores do Círculo concebem a linguagem em constante transformação, moldada pelas relações sociais, culturais e históricas em que é produzida e utilizada. Segundo essa perspectiva, a linguagem não é apenas um sistema de signos, mas um meio de comunicação permeado por diálogos e interações entre os participantes, situados historicamente.

De acordo com Silva (2007), é preciso introduzir um princípio para estudar a concepção de linguagem de Bakhtin e do Círculo, e esse princípio é a definição do ângulo teórico sobre o qual se debruça o conceito (SILVA 2007, p. 21). Também nessa esteira Acosta Pereira (2022) afirma que:

Nessa concepção, a linguagem é vista sob o ângulo social. É o meio e o material que medeia qualquer situação de interação. A linguagem é uma prática de ordem social e, portanto, organicamente ligada às relações entre sujeitos na vida. (ACOSTA PEREIRA 2022, p. 16).

Não menos importante na concepção de linguagem de Bakhtin é o ajuste focal que o autor faz no conceito da multiplicidade de vozes, discursos e pontos de vista que coexistem e constituem a linguagem, de maneira que propõe a cada sujeito uma carga de vozes culturais e ideológicas que influenciam sua fala e compreensão do mundo (heteroglossia).

O que melhor define o termo “diálogo” que aqui apresentamos é a aproximação às características da comunicação discursiva, que, por sua vez, se consolida nas relações dialógicas (SILVA 2007, p. 22). Dito de outro modo, o diálogo é a espinha dorsal na concepção dialógica da linguagem, pois enfatiza que toda a comunicação humana é moldada pela interação social e pelas relações com os outros. Logo, essa concepção dialógica da linguagem não se limita ao senso comum de diálogo face a face. E isso porque toda interação é dialógica; e nem toda interação é orientada para o consenso. Sendo a linguagem ideológica, essas interações são orientadas axiologicamente, o que pode significar orientações de consenso, mas também de conflito. Desse modo compreende-se a linguagem como uma atividade que sempre está atrelada à interação humana, refletindo e refratando as relações sociais. Em Bakhtin temos:

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa) (BAKHTIN, 2003 [1979] p.332).

Podendo-se então dizer que na concepção dialógica da linguagem cada enunciado é moldado e influenciado pelo contexto social e cultural em que ocorre, e que as interações verbais são fortemente influenciadas pelos valores, crenças e normas da comunidade linguística. E foi exatamente isso que possibilitou a compreensão de que, para entender a língua, não basta compreender seu código e

seu sistema, ou meramente entender cada um de seus elementos constituintes, e isso porque a interação produz mudanças e flexibilidade nas enunciações atreladas a diferentes contextos (BRILLINGER, 2019, p. 38).

Na concepção dialógica de linguagem, é dada uma relevância ao fato de que não existe um autor único e isolado, e sim uma coalizão entre os sujeitos de forma que cada enunciado é influenciado pelas vozes de outros indivíduos. Essas vozes podem estar presentes na interação em textos e discursos anteriores; e também levam em conta a resposta futura. Dessa forma, a linguagem é construída a partir de um diálogo constante com outras vozes.

Quando Bakhtin (2003 [1979]) se refere a esta multiplicidade de vozes e perspectivas presentes na linguagem, a que chama de polifonia, fica subentendido que cada enunciado carrega consigo ecos de vozes anteriores e antecipa respostas futuras, contribuindo para a riqueza e a diversidade da linguagem. Vólochinov (2017 [1979]) diz que “[...] a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem ela se dirige” (VOLOCHINOV, 2017 [1929]), p. 205). Por essa afirmação é possível chegar ao entendimento de que os significados e os sentidos das palavras e expressões não são fixos na concepção dialógica, mas sim construídos de forma contingente durante a interação, nos enunciados em que foram proferidas. O sentido de uma palavra pode variar dependendo do contexto em que ela está inserida e das vozes presentes no diálogo. Assim, a linguagem é fluida e constantemente aberta a novas interpretações, o que não denega sua historicidade. Há um dado e um novo em constante inter-relação:

O dado e o criado no enunciado verbalizado. O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza etc.). Contudo, alguma coisa criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo etc.). Todo o dado se transforma em criado. (BAKHTIN, 2003 [1979], p.326).

Brillinger (2019), apoiado em Volóchinov (2017 [1929]), afirma que a partir da concepção dialógica da linguagem há uma nova visão sobre seu papel. O que antes era proposto como uma estrutura linguística, ou uma linguagem isolada concebida na mente do indivíduo, agora é vista em seu uso social.

Volóchinov (2017 [1929]) menciona, por fim, os princípios fundantes da terceira tendência do pensamento filosófico da linguagem ao propor cinco afirmações sobre a linguagem, que apresentamos a seguir:

- 1) A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
- 2) A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio de interação sociodiscursiva dos falantes.
- 3) As leis da formação da língua não são de modo algum, individuais e psicológicas, tampouco, podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis de formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
- 4) A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e valores ideológicos que as constituem. [...]
- 5) A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes. [...]. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 224-225).

Tendo todos esses pontos como centro organizador do pensamento da terceira tendência, a linguagem passa a ser vista como objeto social, em que “A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.334, grifos do autor). Segundo Bakhtin, “[...] a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.271).

A concepção bakhtiniana de linguagem aponta, ainda, para a direção de que há uma responsividade implícita em cada diálogo, uma vez que é nele que se reconhece a coautoria do discurso, contribuindo para a formação de um tipo de comunicação na qual as vozes se entrelaçam, se influenciam e constroem significados coparticipativos.

2.1.3 Linguagem e ideologia

A linguagem desempenha um papel crucial na disseminação e legitimação de ideias, valores e crenças dentro de uma sociedade. A relação entre linguagem e ideologia está na observação de que a linguagem reflete ideologias, enquanto as ideologias influenciam a forma como a linguagem é usada e compreendida; e, logo, como por meio da linguagem apreendemos, significamos e valoramos o mundo. A linguagem, por isso, não é um sistema neutro de comunicação, mas está intrinsecamente ligada aos sistemas ideológicos presentes em uma sociedade.

Como a ideologia é entendida como um conjunto de crenças, valores e concepções que se fundem a um contexto social e influenciam a forma como o vemos, é justamente por meio da linguagem que a ideologia é transmitida, reforçada e/ou contestada. Vólochinov (2017 [1929]) nos ajuda a aprofundar essa proposição quando afirma que, no caso da linguagem verbal, a palavra é neutra enquanto função e enquanto signo, por poder estar em presente qualquer sistema ideológico: “Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (VOLOCHINÓV, 2017 [1929], p. 99). Justamente por sua neutralidade, ela é signo que por excelência materializa as ideologias, de tal modo que todo signo é ideológico.

Nessa linha de pensamento, as palavras e as expressões linguísticas deixam de ser neutras e assumem funções ideológicas que estão impregnadas de significados culturais, políticos e sociais. A ideologia está, portanto, incorporada na linguagem de várias maneiras. Através do uso da linguagem, as ideias são transmitidas e perpetuadas, afetando a maneira como os indivíduos percebem e interpretam a realidade. Portanto, “Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo.” (VOLÓCHINOV 2017 [1929], p. 91). Por isso a afirmação do autor de que a linguagem reflete e refrata a realidade, de modo que é a “[...] palavra é o signo *ideológico par excellence*.”. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 127, grifos do autor).

Assim sendo, a linguagem, materializada em um enunciado e transformada em discurso, passa a se manifestar por meio dele, sendo atravessada pela ideologia. Esse discurso, emoldurado em um contexto histórico-social, permite a interpretação da realidade, criando perspectivas privilegiadas e/ou marginalizadas. Se a linguagem não é uma ferramenta neutra de comunicação, mas um meio através do qual a realidade é construída e interpretada, é exatamente através dela que se faz a escolha de palavras, estruturas gramaticais e construções discursivas, onde essa linguagem pode ser usada para enfatizar determinadas ideias e ocultar ou marginalizar outras, ou seja, o discurso é verbal, mas também é social e ideológico. Ou seja, as palavras, as estruturas gramaticais e as construções discursivas nos processos interacionais vêm de outros enunciados, de onde trazem seus sentidos.

Assim a ideologia, materializada através da linguagem, influencia o sentido das interações sociais estabelecidas entre os sujeitos. Essa interação é, por vezes, usada para sustentar e reforçar determinadas ideologias. É também uma maneira pela qual

podem ser exercidos poder e controle, moldando opiniões e influenciando a percepção individual ou coletiva da realidade, uma vez que reflete perspectivas e posições dos grupos ou indivíduos dominantes.

As afirmações e definições apresentadas acima estão contidas e diluídas nos muitos textos deixados pelos autores do Círculo, especialmente quando focalizam que a relação constitutiva entre a ideologia e a linguagem, observada de modo particular na linguagem verbal, ou seja, na palavra, dada a sua condição de ser sempre signo, e não tendo outra realidade. Por isso,

[...] A palavra é o meio ideológico refratante mais fino, flexível e ao mesmo tempo o mais fiel. É por isso que as leis, as formas e o mecanismo da refração ideológica devem ser estudados no material da palavra. A. (VOLOCHINÓV, 2017 [1929], p. 333).

A ideologia está, assim, impregnada na linguagem e o faz por meio de signos, que se manifestam nos discursos, cuja unidade de interação é o enunciado.

2.1.4 Os gêneros do discurso

As afirmações do Círculo de Bakhtin sobre o enunciado dão conta de que ele é a unidade de interação, é irrepetível, como a situação social de interação também o é; embora os enunciados se entrelacem e possam ser citados. Do mesmo modo, há algo na interação que é relativamente estável e que orienta os sujeitos em seu projeto de dizer e nas escolhas linguísticas e textuais, pois se tudo fosse novo a cada interação, essa não teria sentido. Trata-se então aqui da noção de gêneros do discurso, ou seja, a condição manifesta quando, em uma dada situação social de interação, os indivíduos se adequam às expectativas dessa situação, possibilitando a materialização do que existe entre o projeto de dizer e a enunciação.

Segundo Acosta Pereira, na obra: *Práticas de Análise Linguística nas aulas de Língua Portuguesa*, “Em termos gerais, são os gêneros do discurso que orientam o sujeito-falante no processo de interlocução e o interlocutor na interpretação do relativo acabamento do enunciado” (ACOSTA PEREIRA 2021, p. 160). E isso acontece porque os gêneros do discurso são *tipos* relativamente estáveis de enunciados que compartilham características comuns em termos de composição da interação, da organização textual, estilo e conteúdo temático, segundo afirma Bakhtin em *Estética da Criação Verbal*. (BAKHTIN, 2003 [1979], p.262).

Por isso, como *tipos* históricos de enunciados, os gêneros do discurso ainda fornecem um terreno comum para a negociação de sentidos, pois possuem composição, estilo, tema, convenções e repertórios interpretativos compartilhados. Os sujeitos também se relacionam com os gêneros do discurso e por eles se orientam durante a interação, antecipam as intenções comunicativas uns dos outros e interpretam os enunciados de acordo com o contexto do gênero.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso “[...] são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 268), pois, segundo o autor, nada entra na língua que antes não tenha passado pelos gêneros. Assim, para os estudos do Círculo, os gêneros do discurso estão relacionados à ideia de que, sócio historicamente, toda a comunicação humana é realizada através de gêneros do discurso, e que cada sujeito têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dá conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Esses gêneros nos são dados, conforme Bakhtin: “[...] quase da mesma forma com que nos é dada a língua

materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.282).

Em linhas gerais, a concepção é de que o aparecimento de novos gêneros se dá ao constante movimento interativo/social vivido pelos sujeitos, que dá origem também a novas situações de interação e novos gêneros, exigindo que esses novos gêneros sejam por eles dominados. Dessa forma, assume-se que a cada período/época se processa uma nova necessidade comunicativa, o que, por consequência, demanda o uso de modalidades específicas de interação, gerando novos gêneros. Ressalte-se que esse movimento acontece de forma natural, e, em grande parte das vezes, de forma imperceptível ao sujeito, uma vez que se relaciona com o crescimento e ampliação das esferas de atividade humana, o que ocorre lentamente na maior parte das vezes.

Diante desse cenário amplamente mutável e em profunda e constante transformação, Bakhtin observa uma diferença entre os gêneros, relacionada a questões de funcionamento das ideologias, os quais agrupou em primários e secundários (BAKHTIN, 2003 [1979], p.282). Os gêneros primários são os das esferas cotidianas, enquanto os secundários são os que medeiam as interações nas esferas secundárias, moldadas pela ideologia dominante. Embora o autor estabeleça essa distinção entre os gêneros primários e secundários, é preciso conceituar que ambos têm a mesma natureza essencial, sendo diferenciados tão somente pela complexidade de sua elaboração, sendo mais perceptíveis ao se observar no lócus das condições sócio-históricas em que se produziu o discurso.

Machado (2005, p. 158) afirmação que em nenhuma hipótese “[...] um gênero pode ser pensado fora da dimensão espaciotemporal [...]”, ou seja, o gênero está umbilicalmente ligado ao tempo e ao espaço de sua utilização, independentemente de ser de ordem primária ou secundária; além disso ele possui profunda relação com a cultura na qual se manifesta, devendo ainda ser considerado o tempo como histórico e o espaço como social (MACHADO, 2005, p. 159). Ou, como já dito, cada gênero situa-se numa dada situação social de interação, o que nas palavras de Bakhtin significa que:

[...] são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262).

Ou seja, como as interações são diversas em suas diversas esferas sociais, como as interações mudam, também os gêneros são múltiplos e plásticos, bem como apenas relativamente estáveis.

2.2 AS PRÁTICAS ORAIS

Marcuschi (2010, p. 25) afirma que além de sua função primária, como meio de comunicação, uma prática oral também é uma prática social, e, portanto, interativa e com finalidade comunicativa. A concepção de Marcuschi sobre a definição do que seja uma prática oral direciona a reflexão sobre o tema em uma linha que conduz à direção de que uma prática oral, e, portanto, social, não admite ser separada nessas duas características essenciais de sua constituição, o que pode ser confirmado em Costa-Hübes (2015, p. 16), ao afirmar que qualquer reflexão sobre as práticas sociais de uso da linguagem precisa convergir ao ponto de que a língua medeia as interações entre sujeitos. Logo, seguindo nossa base teórica, as práticas orais são, então, permeadas pelas relações sociais e suas valorações axiológicas.

As práticas orais, desse modo, refletem uma estreita relação entre o uso da modalidade oral da língua e a eventicidade por ela promovida na esfera social em que se manifesta, tanto no que se refere à sua produção discursiva, quanto no que diz respeito à sua escuta. Mesmo que essas práticas discursivas aconteçam também através de outras mediações, como a escrita, por exemplo, entendemos ser nas práticas orais que essa interação social se manifesta com mais intensidade. Essa afirmação, para nós, reitera uma caracterização estabelecida sobre a prática oral, de que ela possui centralidade na interação entre os sujeitos. Esse, portanto, é o contexto em que a fala atua como elemento mediador da oralidade, tornando-se o meio principal com o qual essa modalidade se constituirá enquanto prática.

Baumgärtner (2015, p. 48) lembra que o caráter discursivo da língua aponta para a interação de consciências em um acontecimento social, ao que acrescentamos que mesmo não sendo suficiente para contemplar a totalidade das ações discursivas entre as consciências referidas por Baumgärtner, tampouco sendo superior em hierarquia a outras modalidades comunicativas, a fala ocupa uma posição primordial nas relações discursivas. Para Marcuschi (2010, p. 17), a fala tem “primazia cronológica” sobre outras modalidades de enunciação, o que leva à inferência de que ainda que não seja a mais importante em dadas esferas sociais, ela precede a escrita,

constitui o discurso interior dos sujeitos, materializa suas enunciações, promove seus sentimentos, medeia as negociações de significados e a construção das relações sociais, tornando-se, dessa maneira, uma parte significativa da experiência de vida dos sujeitos.

Essa afirmação leva ao entendimento de que a manifestação discursiva mediada pela modalidade falada está impregnada de ações praticadas pelos sujeitos em suas relações nas diferentes esferas sociais nas quais interagem. Assim, depreende-se que uma prática oral é uma atividade social composta por diversas camadas de significação, que vão desde a produção e a interpretação de enunciados com implicações culturais e sociais significativas, até à criação de complexos processos de enunciação verbal entre indivíduos com as mais diversas finalidades.

Marcuschi (2010, p. 16) ressalta que as práticas orais têm seu fundamento no uso que se faz da língua e não o contrário. Portanto, uma prática oral ainda inclui aspectos como a entonação, o ritmo, os gestos e as expressões faciais, entre outros produtos de expressão humana que estejam à disposição dos sujeitos na construção verbal do discurso e que contribuem para a interpretação dos enunciados e para a construção de relações.

Baumgärtner (2015, p. 48) postula que por conta de sua constituição e natureza, a oralidade é um fenômeno histórico, social e ideológico. O que para Marcuschi (2010, p. 35) equivale a dizer que as práticas orais, tanto quanto as de escrita, ou melhor, as práticas de letramento, refletem a organização da sociedade e refratam seus valores e suas ideologias, estando diretamente vinculadas com os contextos de produção e recepção discursiva em cada esfera social.

Marcuschi (2010, p. 18) ressalta que, como prática social, a fala e, por consequência, as práticas advindas dessa mediação, estão entrelaçadas com o ser humano de forma natural e isso se faz desde seu nascimento. Embora essa afirmação se sustente devido a sua característica intrínseca, as práticas orais não devem ser tomadas como atividades que exigem menos adequação discursiva que as práticas de escrita/letramento. A definição do aspecto de apresentação de determinado discurso como forma de interação verbal entre sujeitos será dada pela situação de interação, sempre se adequando à finalidade discursiva da enunciação verbal e, a depender da situação social de interação, terá em sua constituição traços de mais planejamento ou menos planejamento, mais formalidade ou menos formalidade, mais tecnicidade ou menos tecnicidade, mas nunca sem a adequabilidade exigida pela

situação de interação. Marcuschi (2010, p. 33), ao apresentar tais características como mais salientes da fala, nesse ponto, citando Street (1995, p. 162), concebe a oralidade como uma prática social, de modo similar às práticas de letramento propostas por este autor.

2.3 AS PRÁTICAS ORAIS NO COMPONENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os estudos linguísticos, onde destacamos os realizados pelo Círculo de Bakhtin, possibilitaram um seguimento de trabalhos que se desenvolveu ao longo do sec. XX em especial, que influenciaram o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa a partir das décadas de 80 e 90, que culminaram na chamada *virada pragmática* do ensino de português na escola. Esse movimento produziu além de discussões, também efeitos imediatos sobre o papel ocupado pela Língua Portuguesa enquanto componente escolar.

Um expoente nesse seguimento de pesquisas foi o professor João Wanderlei Geraldi, que trouxe grande contribuição para a reflexão sobre o sentido do ensino de língua no componente curricular Língua Portuguesa. Suas principais afirmações vêm do conceito interacional da língua e se mostram na concepção de uma língua em constante construção, inacabada e amplamente aberta a constituições externas a ela própria. Juntamente a isso aparecem os sujeitos que dela fazem parte, que possuem naturezas intrinsecamente sociais, se (re)construindo a partir do “*outro*” sujeito.

Essa concepção, lastreada nos estudos do Círculo de Bakhtin, foi a chave que abriu as portas para o direcionamento que tomou o estudo da língua de maneira mais abrangente, e especificamente a Língua Portuguesa como componente escolar nas escolas brasileiras. Encontramos em Geraldi (2013, p. 6) um destaque sobre a importância em se conceber a língua como um sistema inacabado, onde são oportunizadas interações mediadas por meio da língua e outras modalidades semióticas.

Focalizar a interação verbal como o lugar de produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem significa admitir:

- a) que a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo intelectual, na atividade de linguagem a cada vez se (re)constrói;
- b) que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento do mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas

trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se constituindo nas suas falas;

- c) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.

Com essa base lançada por Geraldi e demais pesquisadores, contemporâneos e posteriores a ele, ocorreu o contexto de efervescência que se instaurou nas décadas de 80 e 90. Esse movimento de recomposição das concepções criou a necessidade de uma reorganização da concepção de ensino de língua no componente curricular Língua Portuguesa, provocando uma modificação em sua forma de ação. Uma dessas transformações teve como ponto de partida o abandono de uma concepção *gramatical conceitual e normativista*, para a adoção de uma concepção *linguística e interacionista*, onde as práticas de linguagem propõem, conforme Geraldi (2013, p. 119), a devolução, ao sujeito social, das habilidades de compreensão e uso da língua. A partir da discussão das finalidades do ensino de língua portuguesa e dos sujeitos a quem se ensina, a virada pragmática tomou o texto como unidade de trabalho, por meio das unidades de prática de leitura, prática de produção textual e prática de análise linguística.

Embora a condução inicial da virada pragmática fosse mais voltada ao trabalho com o texto escrito na escola de forma geral e abrangente, como pontua Geraldi (2013, p. 99-101), é também possível ver uma sinalização para que se faça uma valorização das práticas orais de maneira que não sejam tomadas como estanques ou peremptoriamente acabadas (GERALDI, 2013, p. 10).

E se antes as práticas orais serviam apenas como um “*instrumental*” onde meramente se utilizava a fala, para tão somente reproduzir de forma revozeada os temas que ocupariam papel mais importante para os estudantes, as práticas orais agora passam a ser objeto de ensino e aprendizagem no componente Língua Portuguesa, tomadas como mediadoras de enunciações, tanto coletivas, quanto individuais, se (re)constituindo a cada enunciação.

Isto pode ser verificado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que em 1998 destacaram a necessidade de uma efetivação do trabalho com as práticas orais, conforme se vê no texto abaixo:

- compreensão dos gêneros do oral previstos para os ciclos articulando elementos linguísticos a outros de natureza não verbal;
- identificação de marcas discursivas para o reconhecimento de intenções, valores, preconceitos veiculados no discurso;
- emprego de estratégias de registro e documentação escrita na compreensão de textos orais, quando necessário;
- identificação das formas particulares dos gêneros literários do oral que se distinguem do falar cotidiano. (BRASIL, 1998, p.55).

Os PCN reafirmam os apontamentos de Geraldi (2013) e abrem uma nova visão sobre o texto oral. Geraldi (2013, p. 121) lembra-nos de que não foi a gramática que prescreveu a vida em comum e por consequência uma língua comum, e sim o contrário disso. Essa percepção que ganhou forma na redação de elaboração dos PCN, que apontaram para necessidade do trabalho voltado para os textos orais.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia a dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. (BRASIL, 1998, p. 24).

O trabalho com a oralidade veio a ganhar corpo na elaboração da BNCC⁶, inclusive com a proposição da oralidade como um dos quatro eixos de estudo que compõem as práticas de linguagem em Língua Portuguesa, ou seja, a leitura, a produção escrita, a oralidade e a análise linguística/semiótica. Esses eixos estruturantes agora trazem luz para as práticas de oralidade, como consequência do modelo embrionário dos PCN de 1998.

Ao tratar sobre o trabalho com textos nas práticas orais, a BNCC cita a capacidade de se produzir enunciações orais adequadas às situações discursivas diversas, tomando-as como um fundamento pedagógico, tendo em vista a necessidade de formação de usuários competentes da língua nas mais diversas esferas de atuação humana. A BNCC prescreve os conhecimentos essenciais, as competências e as habilidades linguísticas relacionadas às práticas de oralidade que

⁶ A BNCC não é um referencial teórico, tampouco tem sustentação teórica para adoção de seus textos como referência, contudo a utilizaremos em determinados momentos para contextualização do trabalho com o eixo da oralidade no componente curricular Língua Portuguesa.

se espera que os estudantes desenvolvam em cada etapa da educação quando afirma que:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BRASIL, 2018, p. 76-77).

Ao referenciar esse conjunto de ações que não são outra coisa senão práticas de linguagens orais, a BNCC coloca ao componente de Língua Portuguesa a incumbência de a escola viabilizar a ampliação das práticas orais, tomadas como objetos de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, é importante que se registre que no decorrer das últimas décadas, mais especificamente no período posterior à intensa repercussão produzida pelos estudos de Geraldi, a oralidade ganhou uma nova roupagem, agora nomeada de eixo da oralidade, onde geralmente se enfatiza a importância de práticas pedagógicas que promovam a expressão oral, como debates, apresentações, discussões em grupo e atividades que incentivem a escuta reflexiva. Além disso, a utilização de recursos contemporâneos, como entrevistas por podcast obtiveram espaço e enriqueceram as experiências de aprendizado.

Esse foco na oralidade agora com um espaço definido em documentos norteadores e regulamentadores busca garantir que os estudantes se tornem proficientes em interações sociais mediadas pela oralidade, capazes de se expressar de maneira clara e compreender efetivamente os enunciados com os quais interagem. recebem. Essas habilidades não apenas contribuem para o sucesso acadêmico, mas também são essenciais em contextos profissionais e sociais.

2.4 O PODCAST E A ENTREVISTA POR PODCAST

Os podcasts são similares aos programas de rádio, porém, com a produção de seu conteúdo podendo ser feita sob demanda e tendo a característica de poderem ser ouvidos em um momento escolhido pelo consumidor⁷. O formato, por ser digital, tem uma alta capacidade de disseminação, além da flexibilidade do que pretende comunicar, sendo que pode levar a esse consumidor informação, educação, entretenimento entre outras possibilidades. A inovação dos meios de comunicação também alterou a forma como são armazenados e distribuídos os conteúdos produzidos. Se antes havia arquivos físicos em locais que todos sabiam onde estavam, com os meios digitais surge a chamada plataforma de distribuição. Uma plataforma é um local virtual que funciona como um arquivo dos produtos midiáticos de uma empresa ou veículo de comunicação. Empresas que trabalham com a área da comunicação tiveram que alterar suas formas de contato com seu público em função das convergências de novas tecnologias, que modificaram a forma como os sujeitos passaram a receber e produzir informações. Uma boa definição do que seja um podcast vem de Freire (2013):

[...] é possível entender o podcast como uma produção de áudio que difere da rádio tradicional pela maior maleabilidade de acesso e produção de conteúdo. [...] uma forma de publicação de programas de áudio na internet utilizando, na maioria dos casos, arquivos MP3, que podem ser ouvidos via streaming ou baixados para o computador ou tocador de áudio digital do usuário. Embora existam podcasts destinados apenas à veiculação de músicas, na maioria dessas produções acontece por meio de falas dos participantes, promovendo exposições de conteúdos, relatos de acontecimentos, bate-papos ou debates informativos sobre temas os mais diversos. [...] Além de poder ser baixado como qualquer outro arquivo, clicando-se em um link postado em site ou blog, o podcast também propicia uma recepção periódica de modo automatizado através de um sistema de RSS. (FREIRE, 2013, p.59, grifos do autor. Apud OSS-EMER 2022, p. 36).

Em território brasileiro, o podcast teve bom êxito devido ao número exponencial de produções que entraram no mercado em curto espaço de tempo. Desse modo, e para fins de conhecimento e justificativa da nossa escolha do podcast na proposta didática, destacamos brevemente alguns dados que embora não possam ser tomados

⁷ Chama-se consumidor o sujeito que ouve podcasts. O termo é associado ao fato de que a produção segue um rito de demanda personalizada, com conteúdo que são *consumidos* diariamente.

como referencial teórico, mostram que a abrangência do podcast na atualidade não pode ser desconsiderada, uma vez que o seu consumo⁸ no Brasil tem tido um crescimento exponencial. Os dados apresentados fazem parte de uma publicação do site da revista *Exame* em março de 2022⁹, que considerou os levantamentos da plataforma *Statista*¹⁰ e do *Ibope*¹¹.

De acordo com esses institutos de pesquisa citados pela revista, o Brasil é o terceiro país que mais consome podcast no mundo, ficando atrás somente da Suécia e da Irlanda, que estão em primeiro e segundo lugar, respectivamente. conforme se vê nos quadros 1, 2, 3 e 4 apresentados respectivamente a seguir. No quadro 1 aparece a classificação dos três maiores consumidores de podcast no mundo, com destaque para o Brasil, que proporcionalmente é o maior consumidor desse tipo de material, uma vez que consideradas as populações dos dois primeiros lugares juntos tem-se pouco mais de 7% da população brasileira, sendo que todos os consumidores brasileiros somam mais de 8 milhões de pessoas, ou seja, cada vez mais as pessoas interagem por meio de podcasts, o que o torna um objeto importante de ensino e aprendizagem das práticas orais de escuta.

Quadro 1 – Países com maior consumo de podcast no mundo.

Ranking dos países com maior consumo no mundo			
País	Posição	População	Percentual de ouvintes
Suécia	1º	10,35 milhões (2020)	47%
Irlanda	2º	4,995 milhões (2020)	46%
Brasil	3º	212,6 milhões (2020)	40%

Fonte: exame, 2022

Ainda de acordo com a revista, depois de 2004 o acesso aos podcasts ganhou mais força com a possibilidade de sua utilização dentro das próprias plataformas, evitando que os arquivos precisem ser baixados nos equipamentos de reprodução, o que agrada o consumidor por não utilizar espaço de armazenamento de seus

⁸ Esse termo é utilizado para designar o ato de ouvir podcast.

⁹ O Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo

¹⁰ Statista é uma plataforma online alemã especializada em coleta e visualização de dados, que oferece estatísticas e relatórios, insights de mercado, insights de consumidores e insights de empresas em alemão, inglês, espanhol e francês.

¹¹ O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística é uma empresa brasileira de pesquisas de mercado, opinião e política.

aparelhos de reprodução, especialmente quando se trata de smartphones. Essa atualização foi possível graças a uma tecnologia chamada de *streaming*¹², que são plataformas de armazenamento de conteúdos em áudio e vídeo com permissões a seus usuários de utilizarem os serviços oferecidos direto em seus servidores. O quadro 2 apresenta as principais plataformas e seus percentuais de uso em termos de acesso a este tipo de material.

Quadro 2 – Plataformas de acesso mais utilizadas no mundo.

Plataformas mais utilizadas para acesso de Podcasts no mundo	
Plataforma	Percentual de uso
Spotify	25%
Apple podcasts	20%
Google podcasts	16%
Pandora	15%
Website	11%

Fonte: exame, 2022

Com a possibilidade de novas formas de apresentação, as produções tornaram-se bastante diversificadas e os conteúdos agora podem ser escolhidos pelos consumidores de acordo com seus interesses. O Brasil possui uma diversidade bastante grande quanto ao conteúdo dos podcasts. No quadro 3 apresentamos os cinco assuntos mais acessados nas principais plataformas de podcast, e que podem ser encontrados gratuitamente na internet, o que torna o processo mais atrativo do ponto de vista do consumidor, a quem cabe somente a responsabilidade de seleção do que deseja consumir enquanto conteúdo.

¹² Streaming é a tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo.

Quadro 3 – Podcasts mais ouvidos no Brasil.

Podcasts mais ouvidos no Brasil	
Posição	Podcast
1º	Horóscopo hoje
2º	Mano a Mano
3º	Flow Podcast
4º	Primocast
5º	Café da Manhã

Fonte: exame, 2022

Somando mais de 30 milhões de usuários, as pesquisas mostram que os consumidores brasileiros ouvem os podcast em paralelo com outras atividades, que vão desde a realização de tarefas domésticas, passando pelas mais diversas circunstâncias, como atividades físicas e até em momentos de lazer. Outro importante resultado na pesquisa é que 55% dos brasileiros preferem, nos podcasts, as entrevistas com convidados, conforme se vê no quadro 4.

Quadro 4 – Formatos e gêneros preferidos.

Formatos e gêneros preferidos de Podcasts	
Formato	Gênero
Entrevistas	Sociedade e Cultura
Narrativas	Educação
Mesas Redondas	Estilo de Vida
Reportagens	Religião
Resumo do Dia	Comédia

Fonte: exame, 2022

Diante do cenário exposto e com finalidade de especificação, é relevante pontuar que por se tratar de um meio exclusivamente digital, o podcast em sua constituição se atrela aos chamados canais de podcast. Um canal de podcast, portanto, é uma plataforma ou meio de distribuição de conteúdo de áudio digital que permite aos criadores de conteúdo publicarem regularmente episódios ou programas de áudio, geralmente sobre tópicos específicos, para um público online. Esses canais

são acessados através da internet e podem ser assinados e ouvidos por meio de aplicativos ou programas de podcast em dispositivos como smartphones, tablets e computadores.

Desta forma, ao nos apropriarmos desse bojo de informações podemos elencar que as principais características e componentes de um canal de podcast são:

- a. *Episódios*: Os canais de podcast publicam regularmente episódios de áudio. Cada episódio geralmente aborda um tópico específico e tem uma duração que pode variar de alguns minutos a várias horas.
- b. *RSS (Really Simple Syndication)*: A maioria dos canais de podcast utiliza feeds RSS para disponibilizar episódios aos ouvintes. Os feeds RSS permitem que os ouvintes assinem o canal e recebam automaticamente novos episódios à medida que são lançados.
- c. *Temas e Conteúdo*: Os canais de podcast podem abordar uma ampla variedade de tópicos, desde notícias, entretenimento, educação, tecnologia, saúde, cultura, história, esportes, e muito mais. O conteúdo de um canal de podcast é geralmente produzido por um ou mais apresentadores ou criadores.
- d. *Assinatura e Distribuição*: Os ouvintes podem se inscrever em um canal de podcast por meio de aplicativos ou programas de podcast, como Apple Podcasts, Spotify, Google Podcasts, entre outros. Isso permite que novos episódios sejam automaticamente baixados ou transmitidos para o dispositivo dos ouvintes.
- e. *Comentários e Interação*: Os canais de podcast frequentemente incentivam a interação dos ouvintes por meio de comentários, avaliações e feedback. Muitos também têm presença em redes sociais e sites para promover discussões e envolvimento da comunidade.
- f. *Monetização*: Alguns canais de podcast procuram formas de monetizar seu conteúdo, seja por meio de anúncios e patrocínios, assinaturas pagas, doações dos ouvintes ou outros modelos de negócios.

Os canais de podcast têm ganhado popularidade significativa nos últimos anos devido à sua acessibilidade e à diversidade de conteúdo disponível. Eles oferecem uma maneira conveniente de consumir informações, entretenimento e educação, permitindo que os ouvintes escolham quando e onde desejam ouvir os episódios. Isso os torna uma plataforma versátil para criadores de conteúdo e uma forma envolvente de entretenimento e aprendizado para os ouvintes.

A apresentação desse cenário, embora bastante superficial, somados à leitura de vários outros trabalhos de pesquisa sobre o assunto foram relevantes para a construção do objeto de pesquisa proposto: a escuta de entrevistas por podcast, entendendo que o podcast em si agrupa produtos midiáticos que se estabeleceram por meio de diversas formas de interação, que vão constituindo diversos gêneros discursivos.

Sobre a concepção de que o podcast por si só seja um suporte e não um gênero discursivo, parte-se do princípio de que os suportes são meios que, por sua vez, tornam-se indispensáveis para que haja a interação. No caso da entrevista por podcast, o gênero *entrevista* não é totalmente absorvido pelo suporte, tampouco é indiferente a ele, além disso permanece conservando em sua essência a construtividade que são próprias da entrevista.

Encontramos apoio em Marcuschi (2003) para sustentar a concepção de que o podcast por si só é um suporte, quando o autor trata determinados meios de comunicação não como gêneros e sim como suportes ao gênero, como citado na seguinte proposição: “[...] haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinarão o gênero presente materializado como texto.” (MARCUSCHI, 2003, p. 13). Entendemos que esse seja o caso das entrevistas por podcast, já que não deixam de ser entrevistas, mas passam a ser reconhecidas pelos sujeitos apenas como *podcast*. O gênero carrega a discursividade da entrevista no ambiente do podcast, que, por sua vez, aceita tantos outros gêneros quantos lhe forem propostas novas formas de interação social.

O termo *suporte* surge na fala de Marcuschi como um lugar que pode ser real ou virtual e que serve de ambiente de fixação para um determinado gênero. O autor ainda afirma que: “[...] o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele [...].” (MARCUSCHI, 2013, página da citação). Portanto toda e qualquer enunciação apresentará a necessidade de um suporte para se constituir enquanto enunciado e cumprir sua função como gênero; e, por consequência, tornar-se uma prática social.

Assim, ao tratarmos de entrevista por podcast estamos tomando o podcast como um meio para viabilização do gênero por ele mediado, em nosso caso, a entrevista por podcast. Com essa contextualização, e com o que foi apresentado no quadro 4, destacamos a partir daqui o protagonismo que tem as entrevistas por podcast, especialmente as que envolvem sociedade e cultura, que se dá pela sua capacidade de conduzir conversas com convidados especializados em determinados

assuntos, sejam eles especialistas, profissionais, artistas, personalidades públicas, entre outros.

Diante desse cenário consideramos que as entrevistas por podcast se diferenciam de outras modalidades de entrevistas por algumas de suas características, como por exemplo, a sua natureza menos restritiva. Em uma entrevista por podcast é possível ter uma duração variável, o que permite uma exploração mais profunda dos tópicos discutidos. Além disso, conta com a vantagem de que pode ser realizada remotamente, permitindo a participação de convidados de qualquer parte do mundo, ampliando a gama de possíveis entrevistados. Devido às características apresentadas acima, uma entrevista por podcast muitas vezes apresenta uma variedade de tópicos e convidados, trazendo uma diversidade de vozes e conhecimentos, o que favorece para que os consumidores frequentemente desenvolvam uma relação de fidelidade com os programas e apresentadores, tornando-se um público engajado e fiel¹³. Apresentado o referencial teórico e o objeto de nossa proposta didática, a entrevista por podcast, na seção seguinte apresentamos o ponto de partida da nossa proposta didática.

3 O PONTO DE PARTIDA DA PROPOSTA DIDÁTICA

Uma proposta didática é caracterizada prioritariamente por uma abordagem pedagógica sustentada em princípios e métodos que tenham fundamentação teórica e que possa ser adaptada a outros contextos escolares. Sob este princípio, a proposta didática construída nesta pesquisa se propõe ao desenvolvimento de práticas de oralidade a partir da escuta de entrevistas por podcast.

3.1 A ESCOLA, OS ESTUDANTES E A BNCC

A proposta didática dessa pesquisa parte da realidade da escola em que atuo como docente, tal como delineado na seção de introdução desta dissertação. A escola situa-se em um bairro da região Leste de Curitiba, com atendimento regular a 730

¹³ Ressaltamos que há importantes trabalhos de pesquisa que envolvem entrevistas por podcast desenvolvidos no Profletras, e que suas leituras foram de importantes para fundamentar essa dissertação. Citamos apenas OSS-EMER 2022 por conter um trecho relevante na construção do nosso argumento na ocasião, mas todos os demais tiveram relevância em sua contribuição.

estudantes em dois turnos de estudo (manhã e tarde). Ao todo, conta com 26 turmas de Ensino Fundamental, das quais duas são de 9º ano, e que foram tomadas como ponto de partida para a proposta desenvolvida. Trata-se de duas turmas, tendo em média 35 estudantes por turma. São estudantes com média de rendimento escolar em torno de 70% de sucesso em aferições feitas durante períodos trimestrais. Há em cada turma estudantes com dificuldades de aprendizado devido a circunstâncias diversas como: dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção, Autismo e complicações emocionais oriundas de conflitos familiares e sociais diversos¹⁴.

Usamos a descrição acima, como forma de aproximar o quanto mais for possível a pesquisa da realidade encontrada em campo, e mesmo com as adversidades presentes cremos que os estudantes possuem predicativos que os impedem de serem indiferentes aos conhecimentos com os quais se trabalham na escola, conforme aponta Geraldi (2013):

Todo menino que vem sentar-se nos bancos de uma escola traz consigo, sem consciência de tal, o conhecimento prático dos princípios da linguagem, o uso dos gêneros, dos números, das conjugações, e, sem sentir, distingue várias espécies de palavras. (GERALDI, 2013, p. 119).

A partir disso, passamos a considerar que cada estudante dessas duas turmas carrega valores e sentimentos que o identificam como sujeito social em processo de desenvolvimento. Diante disso, o desafio da escola, ou seja, o seu ponto inicial, passa a ser a construção de um ser social que tenha condições de pertencimento a uma sociedade que nem sempre lhe garante a condição necessária para tornar-se parte real de seu próprio processo educativo.

E mesmo que a oralidade permeie todo o ambiente escolar, acreditamos que será nas aulas de Língua Portuguesa que se produzirão em maior número as condições necessárias para que o seu uso se consolide como uma prática que em geral se inicia fora da esfera escolar, nas vivências diárias, e que continua na escola pela ampliação das práticas sociais de linguagem. Bentes (2015) afirma que: “Nas aulas de Língua Portuguesa, o exercício da palavra pública pode tornar-se extremamente significativo (e não apenas uma tarefa a ser cumprida) para os que tomam a palavra e para aqueles que vão ouvir alguém falar.” (BENTES 2015, p. 48)

Ademais, tomamos também como pilar a BNCC, mais especificamente as orientações específicas para o componente curricular de Língua Portuguesa no

¹⁴ Dados extraídos do Projeto Político Pedagógico da escola de referência.

Ensino Fundamental Anos Finais, são apresentados dez itens gerais para serem desenvolvidos durante essa etapa. No item 3 dessa lista o documento apresenta a seguinte competência:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2017, p. 87).

A partir dessa leitura, a proposta didática também tomou como ponto de partida uma das habilidades do campo jornalístico/midiático prevista para ser desenvolvida nas quatro séries do Ensino Fundamental Anos Finais:

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles. (BRASIL, 2017, p. 143).

Como nas seções anteriores já foi apresentado o motivo pelo qual escolhemos o trabalho com o gênero entrevista por podcast, entendemos que uma das etapas mais importantes da proposta didática foi a escolha do texto adequado ao contexto da nossa pesquisa. Portanto, na seção seguinte trataremos da entrevista por podcast que escolhemos para o desenvolvimento da proposta didática.

3.2 O PODCAST SELECIONADO PARA AS ATIVIDADES DE ESCUTA

Embora a produção e a veiculação de uma entrevista por podcast seja um trabalho que envolve uma equipe, sua apresentação ao público final acaba por admitir em sua composição um conceito que se aproxima muito do que seria a criação de um *arquétipo*, uma vez que sua apresentação final fica restrita ao seu apresentador e ao que este deseja dar ênfase no tempo de exibição do podcast; portanto, a interação do ouvinte (consumidor) é direcionada ao seu apresentador, que entrevista diferentes sujeitos em cada entrevista.

A função do apresentador de entrevista por podcast se entrelaça ao tema ou assunto, de modo que uma boa apresentação precisa de uma estratégia de convencimento. Assim, sua organização, em geral, se baseia em uma exploração do tema por meio de uma exposição entrecortada por comentários feitos pelo próprio apresentador ou por especialistas convidados para o assunto. A discussão do tema, quando é mediada pelo apresentador, se desenvolve conforme o interesse que se tenha do tema em questão, o que comumente se faz por meio de reflexões, explicações e exposição de ideias, no intuito de repertoriar o público a que se deseja atingir.

Os apresentadores não são necessariamente pessoas oriundas da área do jornalismo ou da comunicação, esse é o caso de Leandro Roque do Nascimento, que tem como principal atividade a produção cultural de poesias que são adaptadas ao ambiente da música, mais especificamente do *Rap*. Leandro, conhecido no mundo artístico como Emicida, tem um forte posicionamento sobre seu dever social e a manifestação da arte, além disso é oriundo de família pobre, inicialmente compunha e passava suas letras a um amigo para gravá-las e vendê-las. O rapper é conhecido por suas rimas de improviso, o que fez ele se tornar um dos MC's¹⁵ mais respeitados em sua área de atuação.

No primeiro trimestre de 2009, ocorreu o lançamento de sua primeira *mixtape*¹⁶, intitulada “*Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe....*” O álbum possui 25 faixas do início de sua carreira e a capa do disco foi feita a mão. O título é uma lembrança de sua infância, quando teve que disputar com um

¹⁵ Em gêneros musicais como o hip-hop e o rap, "MC" é frequentemente usado para se referir a um rapper ou artista que se apresenta com o microfone, fazendo rimas e letras em tempo real.

¹⁶ Compilação de músicas, geralmente de diferentes artistas.

animal de estimação um pedaço de pão, que era a única coisa disponível para saciar a fome, e assim, não foi o cão quem mordeu o homem, mas o homem que mordeu o cão. A realidade da pobreza brasileira virou filosofia na voz do Emicida, que passou a ser também a voz de denúncia dessa realidade presente na periferia paulistana e brasileira.

Para compor nossa proposta de atividades com a escuta de entrevistas por podcasts, visando a ampliação das práticas orais dos estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, selecionamos o canal¹⁷ do podcast Chamaê, que surgiu da parceria do Emicida com o Nubank, uma instituição financeira atuante no Brasil.

Com a crescente demanda de instituições que necessitam cada vez mais comunicar-se de forma mais abrangente com seu público, se capilarizaram as formas como essas instituições se apresentam no mercado. Com isso, são observáveis os casos em que empresas de ramos muito distantes do universo da comunicação fazem investimentos em soluções midiáticas para apoio e desenvolvimento da cultura e da educação. Esse é o caso do Nubank, uma empresa *startup*¹⁸ pioneira no segmento de serviços financeiros, que firmou parceria com Emicida. Segundo o site Money times¹⁹, o banco afirma que “a parceria de conteúdo é focada em gerar conexão com os brasileiros e reforçar a importância da educação financeira por meio da arte, cultura e vivências reais”.

Essa parceria gerou quatro grandes entrevistas em 2022 e segue com pequenas inserções pelos canais do banco nas redes sociais. Embora Leandro não seja necessariamente um entrevistador de carreira, como já comentado, seu desempenho foi bastante elevado, chegando a quase dois milhões de inscritos no canal e com um contingente aproximadamente de vinte e três mil visualizações em uma única entrevista.

Essa dissertação considerou para fins de seleção, critérios bastante específicos, como a adequabilidade do tema à faixa etária dos estudantes, a importância do assunto ante o contexto histórico com relevância ao público adolescente em idade escolar, a forma como o assunto é apresentado no podcast, as possíveis situações que favoreçam a discussão, a projeção cultural e de relevância

¹⁷ Termo já explicado na seção anterior, refere-se ao local de divulgação do podcast.

¹⁸ Uma empresa que nasce em torno de uma ideia diferente, escalável e em condições de extrema incerteza.

¹⁹ Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/nubank-fara-parceria-com-emicida-para-reforcar-a-importancia-da-educacao-financeira/>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

histórica para o fortalecimento das raízes de identidade do povo brasileiro e, por fim, um apontamento feito por Bentes (2015) ao afirmar que:

[...] só é possível desenvolver as necessárias disciplinas do silêncio e da escuta atenta de outrem e da reflexão sobre o que o outro fala, se os temas a serem tratados forem envolventes, instigantes, polêmicos, de interesse público. (BENTES, 2015, p. 48).

Diante do exposto, escolhemos trabalhar a entrevista feita por Emicida com Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak, um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque, recentemente eleito Imortal da Academia Brasileira de Letras. Ailton é também professor *honoris causa*²⁰ pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e é considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo inclusive reconhecimento internacional.

O podcast publicado no mês de agosto de 2022 cria uma reflexão baseada em experiências vividas pelo entrevistador e pelo entrevistado e que são sustentadas com comentários e referências a eventos sociais e históricos do país. A entrevista possui uma leveza com bastante traços de informalidade linguística, evidenciando o contexto de aparecimento das enunciações a partir de memórias tanto do entrevistador quanto do entrevistado, além de refratar variações linguísticas e culturais associadas ao povo brasileiro. O texto não mantém o foco em um único tema, podendo ser dividido entre as circunstâncias de vida do entrevistado e do entrevistador, passando pelas formas de expressão que se fazem por meio da língua e terminando com a defesa de conceitos culturais dos povos indígenas brasileiros.

Durante a entrevista Krenak aborda seu apreço pela oralidade como sendo um meio pelo qual as sociedades conservam as imagens de suas falas. Embora tenha um grande reconhecimento nacional e internacional no momento, a vida do entrevistado se organiza em torno de suas raízes indígenas, que são abordadas em várias falas durante a entrevista. Do outro lado aparece Leandro Roque, o Emicida, que compartilha com o entrevistado de vários pontos de vista sobre a sociedade e a cultura. Demonstrando grande conhecimento literário, Emicida conduz a entrevistas por 66 minutos, percorrendo por diversos assuntos, encadeando uma sequência

²⁰ Títulos honoríficos concedidos por universidades a pessoas consideradas eminentes, que não necessariamente sejam portadoras de título do ensino superior, mas que se destacaram em determinada área, por sua virtude, mérito ou serviços.

reflexiva que leva o ouvinte a ficar imerso num mundo conhecido e pouco explorado entre a filosofia e a realidade que nos cercam.

Para facilitação da compreensão do episódio e das atividades propostas, trazemos a transcrição completa da entrevista no Anexo A, de cujo texto em determinados trechos excluimos algumas palavras que se repetiram nas falas dos sujeitos, decorrentes da manifestação oral da linguagem. Fora isso, a transcrição manteve-se fiel ao texto oral.

Na próxima seção apresentados a proposta didática junto com orientações ao professor e comentários acerca das escolhas feitas.

4 A PROPOSTA DIDÁTICA

Nesta seção apresentaremos a proposta didática, intitulada *Desenvolvendo práticas de oralidade a partir da escuta de entrevistas mediadas por podcast*. E como já mencionado, foi concebida para ser desenvolvida com turmas do nono ano do Ensino Fundamental Anos Finais. A referência para elaboração do material considerou uma turma com aproximadamente de 36 estudantes, tendo um tempo previsto de 29 aulas para seu desenvolvimento.

A proposta está organizada em três etapas, sendo que cada uma delas traz atividades e orientações com finalidades específicas voltadas ao desenvolvimento de práticas de oralidade. Para construção das atividades principais de escuta e produção dos estuantes foi trabalhado o gênero entrevista por podcast, contudo há o desenvolvimento de outros gêneros do discurso como o debate e o seminário. Além disso utilizou-se em boa medida a mediação semiótica da escrita, por entendermos que essa prática não se dissocia da oralidade em seu processo de estudo. A seleção de uma única entrevista para pautar as atividades de escuta e produção foi necessária com fins de limitação do campo da pesquisa, porém essa decisão não excluiu o uso de diversos outros recursos de organização de acordo com suas finalidades, sendo todos devidamente referenciados ou citados quando necessário.

Durante a descrição da proposta utilizamos verbos modalizadores como: sugerimos, recomendamos, propomos entre outros que permitam aos professores ter ampla autonomia sobre o desenvolvimento das atividades dado ao fato de que se torna muito difícil visualizar todos os possíveis contextos de desenvolvimento dessa proposta. Assim foi tomado como objeto de estudo a escuta e suas práticas, sendo em alguns momentos necessário fazer retomadas que pensamos serem necessárias para o desenvolvimento pleno da proposta.

4.1 ETAPA 1: O CRONOTOPO DA ENTREVISTA POR PODCAST

Na visão bakhtiniana o cronotopo expressa a indissociabilidade da relação entre espaço e tempo discursivos sem separar um do outro. A linguagem, então, não é indiferente a esse cronotopo, antes, apresenta ao sujeito recursos que lhe permitem sua inserção nesse espaço e tempo – o cronotopo.

Nessa etapa de atividades iremos explorar a amplitude social de uma entrevista feita em um programa inicialmente veiculado em um canal de televisão e migrou para o formato em podcast em outro momento, o que abre como discussão a flexibilidade do gênero entrevista em se adequar à inúmeros sistemas semióticos sem perder sua característica principal de ser uma entrevista. Analisaremos essa entrevista partir da consideração dos seus agentes, no ambiente social das enunciações, bem como o lugar de fala de cada interlocutor.

Assim para iniciarmos o trabalho, sugerimos que sejam seguidas as seguintes orientações:

- a) Organização do mobiliário no espaço físico de forma que os estudantes possam ver uns aos outros e isso lhes permita a leitura de expressões faciais, melhorando a comunicação corporal.
- b) Uso de projetor multimídia ou tv para reprodução de áudio e vídeo; sugerimos também um quadro ou flip-chart, ou lousa, onde se possa escrever pontos importantes sobre as discussões e opiniões dos estudantes e um rolo de barbante (fio de lã) para execução da dinâmica de grupo.

Pensando pelo aspecto da sistematização das atividades, se for possível, a manutenção do mesmo ambiente nas demais etapas ajudará a criar um elo de continuidade nas atividades, evitando assim a fragmentação da proposta.

Cada etapa da proposta tem um número mínimo de aulas previsto e para fins de planejamento sugerimos que para essa primeira etapa sejam disponibilizadas 04 aulas, cabendo ao professor alterar se considerar pertinente o tempo estimado para mais ou para menos aulas. O ponto mais significativo da atividade estará nos momentos de discussão do tema e das conclusões a que chegaram os estudantes.

Dessa maneira as atividades devem preferencialmente ser desenvolvidas em grupos por contemplar a formação de consciência social e coletiva.

4.1.1 A importância do lugar do outro - Atividade 1

Tempo de duração: 04 aulas.

Subtema: Refletindo sobre a importância do lugar (social e físico) do outro na conversa.

Objetivos da atividade: introduzir o conceito de escuta atenta a partir da importância da fala do outro, respeitando inclusive seu espaço de convivência social; criar reflexões sobre o uso concreto da linguagem desde o ambiente de produção até o de recepção dos enunciados; apresentar um modelo de entrevista a partir de um programa televisivo onde a principal mediação se dá pela oralidade dos interlocutores; apresentar características de um dos interlocutores da entrevista principal da proposta.

Desenvolvimento:

Entendemos que é nesse momento inicial que a valorização da fala do outro começa a ganhar espaço e torna-se significativa a necessidade de ouvir atentamente. Para ajudar no desenvolvimento dessa etapa, apresentamos uma sugestão de dinâmica de grupo que funciona como um despertar para o cerne da proposta.

Para essa dinâmica será utilizado um rolo de barbante ou qualquer outro tipo de fio que se tenha à disposição. Também será importante que todos os participantes estejam em círculo e em pé.

- a) A dinâmica inicia com um dos integrantes do grupo segurando a ponta do fio e contando um episódio, de maneira bem rápida, a respeito de um comportamento de sua família, de uma prática de brincadeira da sua rua, ou de alguma circunstância que tenha passado há algum tempo na sua vida. Sugerimos que o primeiro seja o próprio professor.
- b) Depois de terminar seu relato o professor, sem soltar a ponta do fio, arremessa o rolo para uma outra pessoa, que não deve ser alguém ao lado, mas, que de preferência esteja bastante longe dele; então esse novo participante contará sua história e, segurando o fio, sem soltar, fará novo arremesso, seguindo a mesma lógica do primeiro, ou seja, alguém na outra extremidade da roda.
- c) Depois que todos tiverem feito seus relatos o fio deverá ter formado uma rede que os conecta uns aos outros.

O desenvolvimento da dinâmica permite, por exemplo, trabalhar a necessidade que temos de ouvir o que o outro tem a dizer para só depois ter nosso lugar de fala; também é possível mostrar que se um dos participantes soltar sua ponta a rede não

se sustenta, o que mostra que dependemos do outro para nos estabelecer enquanto sujeitos em uma sociedade conectada por valores e ideologias.

Após a dinâmica iniciar a primeira aula com uma conversa descontraída com os estudantes pode ser a chave do sucesso para o desenvolvimento da proposta.

Sugerimos que essa aula seja encerrada com uma reflexão sobre o uso da linguagem no seu aspecto de tempo e espaço. Isso pode ser explorado pelo professor sob a ótica de que nem todos do grupo terão a mesma idade, logo, é possível que os relatos apresentem um tempo de produção da linguagem bastante diversificado, e também como as histórias contadas não serão as mesmas, os lugares em elas aconteceram serão muito diversos, assim o espaço de produção da linguagem também é mutável e influenciador na decisão dos recursos linguísticos que serão utilizados pelos sujeitos nas devidas enunciações.

Com essas duas considerações a reflexão fica em torno da impossibilidade de separação de um discurso de seu lugar de produção (espaço) e de sua época (tempo), muito embora o cronotopo seja uma ideia mais complexa do que a simples definição de tempo (cronos) e espaço (topos), a utilização que fazemos aqui serve para descrever a interligação entre o tempo e o espaço nas enunciações como elementos fundamentais para a compreensão da estrutura e significado de cada uma delas. O cronotopo não se limita apenas a definir o contexto físico ou temporal de uma enunciação, ele revela como os elementos linguísticos se entrelaçam para moldar a compreensão do que está sendo comunicado e das ideias transmitidas na enunciação, influenciando profundamente a compreensão do interlocutor. Assim como a cada história contada o tempo e o espaço são relativamente diferentes, também é possível perceber um movimento de adequação da linguagem para atender ao sujeito desse tempo e nesse espaço.

Para a segunda aula propomos que os estudantes, agora estejam ocupando assentos em formação de semicírculo para que vejam uns aos outros com mais facilidade. O foco aula é assistir a entrevista feita por *Antônio Abujamra* no programa *Provoca da TV Cultura* com *Leandro Roque de Oliveira*, o conhecido Rapper Emicida²¹.

Nessa entrevista o Rapper fala sobre sua carreira e seu sucesso. A entrevista permite reflexões sobre o contexto de produção de falas que se apresentam como

²¹ Provocações Retrô – Rede Cultura de Televisão – Entrevista com Emicida – 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-v3tSameGE0>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

representantes de camadas sociais diversificadas. Depois de assistir ao vídeo, pode se iniciar uma conversa em que o foco esteja nos interlocutores da entrevista, como, por exemplo, os lugares que cada um ocupa na sociedade.

Para auxiliar nessa etapa segue uma atividade a ser desenvolvida:

1. Em duplas os estudantes devem responder em seus cadernos as seguintes perguntas:

- a) *Quem é o apresentador?*
- b) *Quem é o entrevistado?*
- c) *Vocês já conheciam essas pessoas?*
- d) *Por que é importante que programas como esse sejam feitos?*
- e) *Que tipo de programa é esse?*

Na terceira aula usar a atividade acima como um gatilho para principiar uma discussão sobre partes que os estudantes consideram relevantes nessa entrevista e porque as consideram importantes. O critério de valoração das cenas pela ótica dos estudantes é bastante diferente, e poderá ser observável que essa valoração esteja atrelada aos seus contextos sociais, assim, abre-se uma boa oportunidade de reflexão sobre os contextos de produção dos enunciados e dos sentidos daquilo que está sendo dito e por quem está sendo dito. Apenas para ilustrar essa questão, pode ocorrer de o contexto social de alguns estudantes os leve a achar que a parte mais importante do vídeo seja o fato de o Emicida ser de uma região pobre da Capital Paulista e ter atingido um grau de importância elevado entre os Rappers devido a sua capacidade de compor poemas a partir de sua condição de pobreza anterior. Essa valoração dará base para refletir sobre que as escolhas de linguísticas feitas pelo entrevistado se conectam ao espaço e ao tempo de produção dessa linguagem.

Como um dos objetivos dessa atividade fica em torno da apresentação de um modelo de entrevista, pode-se explorar com os estudantes que uma entrevista é fundamentalmente caracterizada pela presença de um ou mais entrevistados e um ou mais entrevistadores e, portanto, é uma prática dialógica, onde as falas de ambos os interlocutores é sempre uma resposta que está comprometida com o contexto da fala do outro. Assim, a entrevista cumpre um papel social ao possibilitar uma partilha de conhecimentos e informações que permitem a reconstituição do “eu” tendo como ponto de partida a interação com o “outro”. Ainda nessa esteira, poderá ser tratado que a entrevista é o local onde muitas vozes são representadas, ora no entrevistador,

ora no entrevistado, como no caso do Emicida, que materializa a voz das periferias paulistanas, representando muitos que não têm o mesmo espaço de fala.

Depois dessas reflexões os estudantes podem trabalhar as formas de veiculação das entrevistas e seus locais de publicação.

Para ajudar nesse desenvolvimento a seguinte atividade complementar:

- a) Qual é o assunto principal abordado no vídeo?*
- b) Em que lugar foi realizada a entrevista?*
- c) Uma entrevista só pode acontecer na televisão?*
- d) Em que outros lugares elas podem estar presentes?*
- e) Ao observar a linguagem usada pelo entrevistador e pelo entrevistado, é possível perceber alguma diferença? Que tipo de diferença há entre elas?*

Esse movimento irá prepará-los para o entendimento de que existem variadas formas de apresentação de uma entrevista, e cada uma delas se entrelaça ao seu contexto, seu tempo e seu espaço.

Na terceira aula o professor já pode incentivar os estudantes a trabalharem com os mesmos pares da aula anterior ou criarem novos grupos de trabalho, que podem ser administrados em duplas ou trios. Ressaltamos que essa proposta didática sugere que no desenvolvimento de práticas de oralidade seja promovida a autonomia dos estudantes, de maneira que sejam incentivados a reflexões sobre valores, ética e responsabilidade social. Por esse motivo, a formação de grupos de trabalho é uma boa oportunidade de exercício desse protagonismo.

Entendemos que a escolha de pares com quem desenvolverão as atividades oportunizará a negociação de valores pelo simples motivo de ter que ceder ao outro o direito que lhe é pertinente, criando assim harmonia no trabalho coletivo.

Na quarta aula dessa etapa, com os grupos estabelecidos, o passo seguinte será o de seguir com as atividades de discussão sobre o sentido de algumas palavras no contexto da entrevista. Como sugestão apresentamos a palavra **provocação**. Ela poderá ser escrita na lousa, projetada ou escrita em tiras de papel e entregues a cada grupo para que formem opiniões sobre ela.

Para ajudar os estudantes a perceberem a inferência a ser feita com essa palavra no contexto da entrevista, recomendamos que seja apresentado o significado da palavra de acordo com um dicionário de língua portuguesa:

Provocação: [...]. 1. Ato ou efeito de provocar. 2. Insulto, afronta, ofensa. [...]. 3. Desafio, repto. [...]. 4. Pessoa que provoca, seduz, tenta; tentação. 5. Estimulação, incitação. (FERREIRA, [s/d], p. 1152).

Ao apresentar o verbete do dicionário aos estudantes, pedir aos estudantes que desenvolvam a seguinte atividade:

- a) Em duplas ou trios, como melhor permitir o contexto de desenvolvimento, os estudantes deverão escrever suas próprias definições de "provocações". Eles podem basear suas definições nas apresentadas pelo dicionário e em experiências pessoais, dando exemplos de uso da palavra em contextos referentes às suas próprias vivências.
- b) Após a etapa anterior, reunir os grupos e compartilhar as definições. Em seguida, promover uma discussão em grupo sobre as semelhanças e diferenças entre as definições apresentadas. As questões para discussão podem incluir: Como cada grupo entendeu o significado de "provocações"? Existem pontos comuns entre as definições? Houve alguma divergência significativa nas interpretações?
- c) Fornecer aos participantes exemplos de outras situações de uso da palavra "provocações". Pedir a eles para analisar esses exemplos em relação às definições que elaboraram e discutiram anteriormente. Eles podem identificar se a palavra foi usada igualmente em diferentes contextos e considerar nuances de significado com base nesses exemplos.
- d) Pedir que diferenciem, a partir disso, o uso da palavra no contexto social de vida de alguns deles, distanciando seu significado do conceito de briga e luta.

A partir dessa discussão, e para subsidiar a etapa seguinte, recomendamos a apresentação da sequência de perguntas que segue abaixo:

- a) *O entrevistador começa o programa falando que é necessário haver **provocações**. O que significa a palavra no contexto da entrevista?*
- b) *Essa palavra no contexto da entrevista tem o mesmo sentido daquele atribuído a ela no dicionário? Por quê?*
- c) *O entrevistador faz provocações ao entrevistado? Cite uma delas.*
- d) *Por que ao apresentar o entrevistado ele usa os adjetivos “menino”, “pobre”, “negro”? Que efeito isso causa em quem está assistindo a entrevista?*

Para as discussões propomos que sejam feitas nos pequenos grupos inicialmente e depois registradas suas conclusões, assim estaremos sistematizando as atividades e tornando-as menos abstratas a cada aula. Após isso indicamos que é interessante que reunidos os grupos, respostas coletivas sejam construídas e anotadas. Lembrando que é possível que os estudantes ainda não consigam produzir respostas muito coesas e coerentes, podendo acontecer ainda que algumas delas sejam muito superficiais. Esse é um momento oportuno para serem tratados os argumentos de cada grupo e seus pontos de vista diante do que foi exposto.

4.1.2 A entrevista por podcast - Atividade 2

Tempo de duração: 03 aulas.

Subtema: Apresentando a entrevista por podcast.

Objetivos da atividade: Retomar os conhecimentos construídos nas atividades com a entrevista da primeira aula; apresentar o podcast como suporte mediador de uma entrevista; escutar trechos de uma entrevista, emitindo opinião de forma oralizada sobre a relevância de seu tema e pontos polêmicos, explorando o sentido da produção e recepção desse tema e sua influência sobre a vida da sociedade.

Desenvolvimento:

Propomos o início da primeira aula da atividade 2 com a leitura das respostas coletivas construídas pelos estudantes para as perguntas da aula anterior.

Recomendamos que seja criado um cenário de discussão sobre o conteúdo das respostas, para isso é interessante que as respostas de um grupo sejam lidas por outro grupo.

Acerca da pergunta 1, *“O entrevistador começa o programa falando que é necessário haver provocações O que significa a palavra no contexto da entrevista?”*, nesse ponto da entrevista, Antônio Abujamra uso o termo “provocações” com um deslocamento dos sentidos habituais, assim não está se referindo a brigas nem insultos, mas sim a pedidos de resposta a seus questionamentos. Esse trecho da entrevista coaduna com o que Bakhtin afirmou ao dizer que a palavra quer ser ouvida, compreendida e respondida (BAKHTIN 2003 [1979], p. 334).

O professor poderá questionar o grupo que leu a resposta, buscando a formação de uma consciência nos estudantes de que toda palavra dita é carente de

uma resposta em um processo dialógico. Durante esse tempo, o grupo que formulou a resposta precisa ouvir atentamente o que foi dito sobre a sua resposta e depois poderá comentá-la, justificando suas escolhas linguísticas.

Sobre a pergunta 2, *“Essa palavra no contexto da entrevista tem o mesmo sentido daquele atribuído a ela no dicionário? Por quê?”*, os estudantes podem ser conduzidos a uma reflexão sobre a possibilidade de uso de um sinônimo no lugar de provocações, e se o sentido desse sinônimo traria o mesmo efeito de sentido ao nome do programa: *Provocações Retrô*.

No caso da pergunta 3, *“O entrevistador faz provocações ao entrevistado? Cite uma delas.”*, depois de ouvir a resposta lida, pode ser iniciado um questionamento com os estudantes sobre cada um dos interlocutores, perguntando, por exemplo, se eles já conheciam o entrevistador e o entrevistado antes de terem assistido à entrevista. Isso possibilita explorar a diferença entre os contextos sociais que separam os dois interlocutores e buscar entender o sentimento dos estudantes sobre qual seja a importância dessa entrevista ser feita por alguém que não pertence ao mesmo grupo social. Propomos também que seja explorado o sentido das provocações que são feitas ao entrevistado, como elas ajudam a criar o desenvolvimento da entrevista.

Sobre essa questão, o que é importante para desenvolvimento na prática de oralidade dos estudantes está na escuta da fala do outro. Geraldi (2013, p. 98) afirma que um texto é o produto de uma atividade discursiva onde um sujeito está falando em referência a outro sujeito.

Na leitura da pergunta 4, *“Por que ao apresentar o entrevistado ele usa os adjetivos ‘menino’, ‘pobre’, ‘negro’? Que efeito isso causa em quem está assistindo a entrevista?”*, após ouvir as respostas, o professor poderá lançar uma pequena enquete para saber se os estudantes entendem haver algum tipo de preconceito na fala do entrevistador. Depois de respondida a enquete é interessante saber se houve mudança de seus posicionamentos sobre o que pensavam do entrevistado e do entrevistador antes e depois de terem sido perguntados sobre as palavras citadas. Para encerrar a terceira aula sugerimos que haja um tema de discussão sobre a forma como o uso de determinados termos podem causar alteração sobre a forma como reconhecemos e aceitamos a personalidade de outra pessoa.

Para iniciar a segunda aula dessa atividade, sugerimos que seja retomado o trecho da entrevista da aula anterior, que está entre 00:03:48 até 00:04:42. Nesse ponto do desenvolvimento, recomendamos que seja executado apenas o áudio do

trecho. Em caso de uso de um projetor multimídia basta apenas desabilitar a visualização, e para os casos do uso de uma televisão os estudantes podem estar de costas para o aparelho, de maneira que se concentrem apenas no som emitido. Há uma polêmica que se estabelece a partir do diálogo de Antônio Abujamra com Emicida, onde suas perguntas consideram que por ser um Rapper, Emicida teria que ter alguns comportamentos e não os tem. Transcrevemos o trecho da entrevista para facilitar sua leitura nessa dissertação:

(Entrevistador) - Você é pai de uma menina?

(Entrevistado) - Sou, Stella.

(Entrevistador) - Você não fuma. Não bebe, não se droga. Você não é um peixe fora d'água?

(Entrevistado) - Não, não, não. Muito pelo contrário, eu sou..., é eu acredito que a música que eu faço, ela é pautada numa realidade que eu vivo, então eu comecei a fazer música porque eu queria falar para as pessoas sobre essas coisas do rap. Sempre teve esse lance de conscientização da Juventude não se drogar, da Juventude não se perder nas ruas, de não ir para o crime. E eu não poderia levantar essa bandeira, se fora, se pelos bastidores eu fosse isso.

A partir da escuta desse trecho sugerimos que seja iniciada uma rodada de perguntas com foco no porquê de o entrevistador ter citado essas condições como requisitos aos cantores de Rapp. É importante que os estudantes tenham espaço de fala e respeito a suas opiniões para concordar ou não com a opinião do entrevistador.

Será possível a partir daqui explorar a forma como foi feita a valoração pelo entrevistador, da diversidade cultural presente na sociedade. Para isso os estudantes devem ser motivados a perceber se, por exemplo, na fala do apresentador houve a manifestação de um pré-conceito sobre os cantores de Rapp. Talvez seja necessário explicar de forma rápida o sentido do termo *pré-conceito*.

Durante o diálogo com os estudantes será possível explorar as opiniões sobre o uso desses termos com relação ao coletivo da sociedade, por exemplo, se essas concepções têm abrangência somente ao contexto do entrevistado ou se podem representar a condição de outras pessoas que não estejam sendo entrevistadas naquele momento, mas que se vejam representadas pela cultura Rap.

Já pensando no desenvolvimento da habilidade de escuta será interessante saber dos estudantes se na primeira vez que viram o trecho no vídeo eles haviam percebido a força dessas palavras na fala do entrevistador. Caso as respostas sejam negativas, de que não haviam percebido, a discussão poderá ser encaminhada para “o porquê” disso parecer tão normal ao ponto de passar despercebido.

Diante dos possíveis cenários que se desenvolverão sobre a polêmica, sugerimos que seja encerrada essa aula com a realização, em duplas ou trios, da atividade seguinte:

- a) *Pedir aos grupos que conversem e depois escrevam sobre situações em que pessoas fizeram julgamentos de outros apenas pelo fato de estarem incluídas em grupos vistos como marginais pela sociedade.*
- b) *Subsidiar esta etapa com circunstâncias como as mais corriqueiras como a de pessoas que moram em comunidades pobres e por vezes são tratadas com menos respeito pela sociedade em função de falta de estudo ou apropriação cultural de prestígio.*
- c) *Dividir os estudantes em pares e atribuir a cada par um cenário baseado em estereótipos ou preconceitos (Por exemplo, um cenário pode envolver um entrevistador fazendo perguntas preconceituosas a um candidato a emprego com base em sua aparência). Os pares devem então improvisar a situação e discutir como se sentiram ao vivenciá-la.*

A habilidade EF69LP11 da BNCC sugere que os trabalhos voltados para as práticas de oralidade sejam permeados por momentos de escuta de interações polêmicas em entrevistas e que a partir dessa escuta um posicionamento do ouvinte sobre o que ouviu seja desenvolvido. Assim essa última parte da atividade 2 tem como propósito desenvolver essa habilidade, já que coloca os estudantes diante de uma situação de polêmica na qual têm que analisar o contexto e as intenções de produção da fala para depois disso tomar uma decisão sobre qual atitude tomar.

Para finalizar essa aula, pode ser trabalhada a construção do posicionamento dos estudantes frente ao que lhes foi apresentado para desenvolver uma argumentação mínima na construção da opinião de cada grupo sobre esse ponto da discussão.

Na terceira aula, após as discussões e produções anteriores, direcionaremos as lentes para o contexto de produção da entrevista, além da introdução da entrevista mediada por podcast. Para isso, propomos que os estudantes façam uma pequena pesquisa com perguntas induzidas sobre esse gênero do discurso, a entrevista, e para subsidiar essa etapa propomos a seguinte atividade:

- a) Em duplas ou trios os estudantes farão uma pesquisa interna onde cada grupo poderá entrevistar outro grupo indagando-o com os seguintes questionamentos:
 - i. Você já participou de alguma entrevista antes? (Sim/Não)

- ii. Se sim, qual foi o propósito da entrevista? (por exemplo, emprego, pesquisa escolar etc.)
- iii. Como você definiria o que é uma entrevista?
- iv. Quais são os diferentes tipos de entrevista que você conhece? (Por exemplo, entrevista de emprego, entrevista jornalística etc.)
- v. Você acha que as entrevistas são úteis? Por quê?
- vi. Você acha que as entrevistas são importantes na vida cotidiana? Explique.
- vii. Quais são os maiores desafios que você acredita que as pessoas enfrentam durante uma entrevista?
- viii. Onde você acha que as entrevistas têm mais audiência?
- ix. As melhores entrevistas são as escritas ou as que podemos assistir?
- x. É possível ter uma entrevista em que se tenha apenas áudio?

Por questões de organização, propomos que sejam distribuídas as perguntas entre os grupos, evitando assim respostas duplicadas e que causem perda de interesse.

- b) Depois da coleta das informações os grupos devem socializar seus materiais e compilar o resultado obtido na turma em relação a todas as perguntas feitas.
- c) A partir das perguntas 8, 9 e 10 levantar questionamentos entre os estudantes sobre a evolução dos locais de produção e veiculação de entrevistas desde as épocas mais distantes com suas tecnologias como o rádio, até as mais atuais como os podcasts.
- d) Pedir aos estudantes que respondam oralmente quais são suas preferências pelas entrevistas por podcast.

Essa aula encerra a primeira etapa da proposta, e para fechamento indicamos a apresentação aos estudantes de exemplos de podcasts usados para mediação de entrevistas. Para auxiliar nessa etapa sugerimos que seja consultada a página eletrônica do CastNews²², que lista os mais importantes podcasts de entrevistas no Brasil pela ordem de popularidade e acessos.

²² CAST NEWS. Maiores podcasts do Brasil. Disponível em: <https://www.castnews.com.br/maiores-podcasts-do-brasil/> Acesso em: 10/02/2024

4.1.3 Discussão das atividades da Etapa 1

A Etapa 1 é introdutória no desenvolvimento da proposta, por isso traz em sua essência uma concepção de despertar sobre a escuta de textos da modalidade oral. Ao nomear a seção como “Cronotopo da entrevista por podcast”, o objetivo é colocar em evidência o espaço e a temporalidade na construção das enunciações em entrevistas. Apesar de o foco da proposta não ser nem a entrevista, tampouco o podcast, mas sim a possibilidade de seu uso como recurso ao desenvolvimento de práticas de oralidade, é importante a localização de sua existência no espaço e no tempo, condições que nos permitiram explorar como o tempo é construído através do diálogo.

As entrevistas por podcast frequentemente envolvem conversas entre apresentadores e convidados, e a dinâmica dessas interações cria uma temporalidade também única. Além disso, as entrevistas por podcast podem seguir uma estrutura cronológica linear, não linear, ou mesclar diferentes tempos narrativos. Embora não tenha acontecido nessa entrevista, em alguns podcasts os ouvintes podem enviar perguntas ou comentários, alterando a dinâmica temporal do programa. As entrevistas por podcast, em linhas gerais, se situam em um contexto cultural e histórico específico. Dessa forma, sua cronotopia pode ser moldada pelas referências culturais, eventos atuais ou históricos mencionados nos episódios.

A entrevista que foi utilizada nessa etapa foi gerada quando o programa ainda tinha sua veiculação apenas em uma rede de televisão. Atualmente o apresentador do podcast é *Marcelo Tas* e o programa se chama *Provocast*, podendo ser encontrado nas principais plataformas de streaming.

Indo além, ao principiar a proposta com o uso dessa entrevista por podcast, nos foi possível evidenciar a reconstituição de cada sujeito em tempos e lugares diferentes, em que a linguagem atua como recurso de reinserção, dando evidências de um ser (in)acabado e (in)completo, que só se resolverá com a participação do “outro”.

Nossa escolha pelo gênero entrevista por podcast desde o princípio se atrela ao fato de que esse gênero, por sua constituição e característica social, convida o interlocutor a se posicionar ante a temática discutida. Acrescentamos ainda que a BNCC prescreve o desenvolvimento de habilidades que levem os estudantes a envolverem-se com os problemas comuns ao seu ambiente social por meio de temas

ou questões polêmicas, com os quais irão interagir e formular modelos de solução conforme o interesse de relevância social (BRASIL, 2017, p. 145).

Diante disso, as próximas atividades seguirão como sequenciais a essa primeira parte, compondo o todo da proposta de desenvolvimento de práticas de oralidade.

4.2 ETAPA 2: A AUSCULTA DO(S) OUTRO(S)

As reflexões de Bakhtin e do Círculo sobre a *ausculta* ou *escuta ativa* estão intrinsecamente entrelaçadas com suas ideias sobre diálogo, interação verbal e polifonia. A ausculta, entendida como a capacidade de não apenas ouvir passivamente, mas de estar ativamente engajado na compreensão das vozes presentes na interação comunicativa, é um conceito sobre diálogo e interação social que oferece subsídio para a compreensão sobre o papel ativo da escuta na comunicação. Na era digital contemporânea, a forma como as informações são recebidas e apreendidas tem se expandido para além dos métodos tradicionais.

Nesse contexto emergiram novos recursos de disseminação de conhecimento, de discussão de ideias e de exploração dos mais diversos temas. Na etapa 2 o objetivo da proposta didática é aprofundar o desenvolvimento de práticas de oralidade a partir da ausculta do(s) outro(s). Entendemos que o ato de ouvir vai além da mera recepção de sons, trata-se de uma habilidade fundamental, e, portanto, passível de desenvolvimento, em que a compreensão, a interpretação e a construção de conhecimento acontecem de forma simultânea.

Nesse sentido a escuta ativa é um processo consciente e envolvente, no qual os ouvintes se tornam participantes ativos da conversa, absorvendo, identificando e refletindo as enunciações em sua condição real de uso. A ausculta não se resume a apenas identificar informações superficiais; é uma exploração mais profunda que requer a identificação de pontos-chave, a compreensão de argumentos apresentados e a reflexão sobre as conclusões alcançadas. Essa etapa da proposta considera atividades que não buscam apenas desenvolver habilidades de escuta crítica, mas também aprimorar a capacidade dos estudantes em expressar suas próprias interpretações de forma articulada.

As atividades preveem práticas de análise linguística com interação entre os estudantes feitas a partir da verificação das condições de produção e uso da

linguagem nas suas mais diversas formas de apresentação. A recomendação é que nessa etapa de atividades sejam desenvolvidas seguindo as seguintes orientações:

- a) A organização do mobiliário obedeça ao mesmo critério da etapa 1, permitindo assim que os estudantes possam manter contato visual uns com os outros.
- b) Uso de um projetor multimídia ou uma Tv para reprodução de áudio e vídeo, quadro flip-chart, ou lousa, onde se possa escrever pontos importantes sobre as discussões e opiniões dos estudantes e materiais de uso diverso como folhas de papel sulfite, canetas e lápis etc.

O tempo de aplicação das atividades é previsto para 04 aulas, e como orientado na etapa 1, esse período pode ser alterado diante das condições específicas de cada ambiente de uso para mais ou para menos.

A sugestão de que a aplicação das atividades seja feita em grupos, permanece por considerar um meio mais propício ao debate e construção coletiva de pensamentos.

4.2.1 Podcast como recurso de escuta - Atividade 1

Tempo de duração: 02 aulas.

Subtema: Apresentando o podcast como recurso de escuta crítica.

Objetivo das atividades: Desenvolver habilidades de escuta crítica, análise de conteúdo e expressão clara de ideias.

Desenvolvimento:

Para iniciar a primeira aula sugerimos que seja assistido o vídeo sobre a história do podcast no canal Techmundo com roteiro e apresentação de Nilton Kleina²³. Nesse vídeo é feita uma exploração sobre a história dos podcasts e como se conceitua um podcast. Também é válido o material para fazer a comparação entre este suporte e

²³ A história dos podcasts – História da Tecnologia. HISTÓRIA DA TECNOLOGIA. A história dos podcasts [recurso eletrônico]. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wScDZIB5vAk>>. Acesso em: 17/11/2023

os anteriores a ele como rádio por exemplo. Assim que os estudantes verificarem o material sobre a história do podcast será possível socializar o restante da aula com algumas reflexões que sugerimos serem feitas a partir das seguintes perguntas:

- a) O que diferencia um podcast de outros meios de comunicação, como rádio ou televisão?*
- b) Quais são alguns dos benefícios dos podcasts na educação?*
- c) Como a escuta ativa em podcasts pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas?*
- d) Qual é a importância de diversificar os podcasts ouvidos? Como isso pode enriquecer a experiência de aprendizado?*

Na segunda aula recomendamos que sejam retomadas as opiniões sobre as perguntas da primeira aula e que os estudantes sejam motivados a se aprofundar na temática. Assim segue a sugestão da elaboração de uma pesquisa sobre o assunto:

- a) Dividia os alunos em grupos e fornecer acesso a dispositivos com conexão à internet (preferencialmente que seja o laboratório da escola).
- b) Peça aos alunos para pesquisarem diferentes podcasts. Eles podem explorar plataformas populares de podcasts, como Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, entre outros. Cada grupo deve selecionar pelo menos três podcasts para explorar.

Após a pesquisa, os grupos devem discutir e responder em seus cadernos as seguintes perguntas:

- a) Qual é o tema ou gênero do podcast?
- b) Qual é o público-alvo do podcast (idade, interesses etc.)?
- c) Quais são os formatos comuns de episódios (entrevistas, narrativas, debates etc.)?
- d) O que torna esse podcast interessante ou único?
- e) Estudantes acham que o podcast é educativo, divertido, informativo etc.? Por quê?

Depois de desenvolvida a pesquisa cada grupo deve apresentar os podcasts que pesquisaram para a turma. Eles podem compartilhar brevemente as respostas às perguntas acima e destacar aspectos interessantes de cada podcast.

Na terceira aula, um bom caminho de retomada do assunto pode ser feito com o desenvolvimento de reflexões individuais dos estudantes sob a demanda da seguinte

atividade, em que os alunos escrevem uma reflexão individual sobre a atividade. Eles podem responder às seguintes perguntas:

- a) Qual foi sua experiência ao explorar os podcasts?
- b) Você descobriu algum podcast novo que gostaria de ouvir regularmente? Por quê?
- c) Você acha que os podcasts são uma forma eficaz de aprender e se entreter? Por quê?

Após o desenvolvimento da atividade acima, estabelecer a comparação entre o podcast, o rádio e a televisão ajudarão a introduzir os próximos seguimentos da proposta. Podem ser exploradas por exemplo, as mudanças linguísticas que acontecem em cada suporte e seu contexto de apresentação.

Lembrando que o trabalho de estímulo por parte do professor será imprescindível para iniciar uma prática de conversa. Para contextualizar e facilitar determinadas respostas sugerimos que seja ouvido com os estudantes um trecho do podcast “O assunto” que trata da vitória das atletas de ginástica no Mundial de Ginástica Artística.²⁴ A parte do material a ser ouvida começa em 00:00:00 e termina em 00:03:07. Depois de acessarem ao material será possível ressaltar que esse conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou de uma plataforma digital chamada de *streaming*, tem leves diferenças em relação ao programa de rádio, já que é feito sob demanda e para um público específico.

Propomos então, que depois dessa audição seja iniciada uma roda de conversa com perguntas sobre esse suporte, por exemplo:

- a) *Sobre o que fala o podcast?*
- b) *Quem fala neles?*
- c) *Por que o assunto tratado é relevante nesse momento?*
- d) *Quem os escuta esse tipo de material?*

As aulas dessa primeira atividade colocam o foco nas condições de uso da língua e da linguagem a partir da reflexão sobre assuntos relativos ao uso de podcasts no desenvolvimento de atividades comunicativas de interesse coletivo na sociedade, valorizando as práticas de escuta ativa. Essas práticas consideram a escuta do outro

²⁴ “O Assunto” episódio1.063: O Brasil no topo da ginástica artística mundial. O Brasil no topo da ginástica artística mundial [recurso eletrônico]. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/10/10/o-assunto-1063-o-brasil-no-topo-da-ginastica-artistica-mundial.ghtml>>. Acesso em: 17/11/2023

como fundamento principal para a construção de interações. Para justificar nossa linha de pensamento apontamos a afirmação de Sobral (2009) quando propôs que todas as relações humanas são uma composição do que o “outro” constitui em nós. (SOBRAL, 2009, p. 48). Assim, a escuta do outro(s) envolve de certa maneira uma ideia de incompletude apontada por Geraldi (2010) ao dizer que o sujeito incompleto se constitui a partir das relações com o outro (GERALDI 2010, p.143).

4.2.2 Barulhos e Ruídos - Atividade 2

Tempo de duração: 05 aulas

Subtema: Escutando em meio ao barulho – Entrevista com Ailton Krenak (parte 1)

Objetivo das atividades: Desenvolver a habilidade de escuta atenta de um tema de ordem social por meio um texto vindo da modalidade oral e a partir dessa escuta perceber a dimensão social presente no texto e sua capacidade de tornar o sujeito pertencente a este contexto.

Desenvolvimento:

As aulas dessa atividade têm como foco a escuta atenta de temas polêmicos com encadeamento para a produção de textos por parte dos estudantes de dois gêneros mediados pela oralidade, com os quais se aferirão as habilidades que se propõe a serem desenvolvidas nessa proposta didática, produções estas e que serão trabalhadas com mais profundidade na etapa 3.

Para a primeira aula sugerimos uma retomada sobre o perfil do Rapper Emicida. Como a entrevista principal da proposta didática tem esse interlocutor sendo apresentado como entrevistador no podcast, ao professor é sugerido tratar a diferença que existe entre o *Leandro Roque de Oliveira* e o seu personagem *Emicida*. É importante trazer aos estudantes um esclarecimento sobre as características de cada face do sujeito em questão, que embora sejam a mesma pessoa não se comportam da mesma forma nos ambientes em que circulam. É coerente também apresentar uma breve descrição sobre o entrevistado, Ailton Krenak, e dar destaque o fato de ele ser o primeiro indígena a compor a Academia Brasileira de Letras (ABL), será importante focalizar na relevância disso para a história do povo brasileiro e especialmente do povo brasileiro indígena.

Para contextualizar é possível, reproduzir um trecho da entrevista do Antônio Abugamra com Emicida²⁵ e o áudio do *histórico discurso*,²⁶ feito por Krenak na Assembleia Nacional Constituinte pela defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas, Ailton, no dia 04 de setembro de 1987, pintou o rosto de preto enquanto discursava na tribuna, o que foi decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988 pelos parlamentares constituintes.

Traçar uma breve explicação do contexto do discurso que trata da aprovação dos artigos 231 e 232 onde ficam estabelecidos os direitos dos povos indígenas às terras tradicionalmente ocupadas por eles ajudará no despertar pelo interesse sobre o entrevistado. Também assegura a preservação de suas línguas, culturas e tradições entre outros pontos importantes ao povo indígena.

Depois dessa explicação, sugerimos que o professor encaminhe uma conversa sobre a apresentação feita por Krenak a partir da seguinte atividade:

- a) *Divida os estudantes em grupos e peça que um grupo se encarregue de recriar a fala do indígena em formato de dramatização, levando em consideração não apenas as palavras pronunciadas, mas também a entonação, os gestos e as expressões faciais que podem transmitir o significado e a emoção das palavras.*
- b) *Após a apresentação desse grupo, os demais grupos podem recriar uma possível entrevista com o indígena após sua participação na Assembleia Constituinte. Eles devem formular perguntas sobre sua experiência, seus sentimentos em relação à sua participação, suas expectativas em relação aos resultados, entre outros aspectos relevantes. Essa atividade incentiva os alunos a colocarem-se no lugar do indígena e a compreenderem melhor seu ponto de vista.*

Ao trabalharem com as atividades acima sugeridas os estudantes estarão recuperando pontos sobre a escuta do texto oralizado por Krenak, além disso

²⁵ Provocações Retrô – Rede Cultura de Televisão – Entrevista com Emicida – 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-v3tSameGE0>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

²⁶ ÍNDIO CIDADÃO? Ailton Krenak – discurso em 1987. Índio cidadão? - Grito 3 [recurso eletrônico]. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q&t=1s>. Acesso em: 17/11/2023.

proporcionando a abertura para sistematizar a prática de escuta atenta, que inclui diversos outros recursos, como a gesticulação e o tom de cada enunciado.

Os estudantes, ao refletirem sobre o que ouviram no texto do discurso e na fala explicativa feita pelo professor, estarão em exposição à meios que lhes permitam buscar em suas respostas por meio da atividade uma ligação entre a escuta e o pertencimento como brasileiros ao contexto social do problema apresentado desenvolvendo o prescrito na BNCC pela habilidade EF69.

Na segunda aula dessa atividade, começamos com a reprodução dos primeiros 30 minutos do podcast da entrevista²⁷. Após o tempo de escuta os estudantes devem ser levados ao seguinte questionamento:

Por que é importante perceber e estar consciente de tudo que acontece no ambiente em que estamos, mesmo em meio a um cenário ruidoso?

Para desenvolver uma reflexão mais aprofundada sobre a temática sugerimos a seguinte atividade:

- a) Divida a turma em duplas e forneça a cada dupla uma situação de diálogo pré-definida. Essas situações podem envolver temas como amizade, relacionamentos familiares, desafios escolares, entre outros.*
- b) Explique que, em cada dupla, um aluno será o "Falante" e o outro será o "Ouvinte". O "Falante" terá a tarefa de expressar suas preocupações, sentimentos ou opiniões sobre o assunto fornecido, enquanto o "Ouvinte" deverá praticar uma escuta atenta, sem interromper.*
- c) Durante a simulação dos diálogos, introduza sons de fundo para representar diferentes tipos de barulho, como ruído de trânsito, música alta, conversas ao fundo etc. Você pode reproduzir esses sons utilizando recursos de áudio ou até mesmo pedir aos alunos para fazerem esses sons de forma criativa.*
- d) Os sons de fundo devem ser gradualmente intensificados ao longo da atividade, aumentando o desafio de concentração e escuta atenta.*

²⁷ Podcast Chamaê - Emicida entrevista Ailton Krenak. CHAMAÊ. #04 Emicida entrevista Ailton Krenak | Podcast [recurso eletrônico]. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nBYMr0Y1ITk&t=506s>>. Acesso em: 17/11/2023.

- e) *Após a conclusão da atividade, os alunos podem discutir em grupo como os sons de fundo interferiram na comunicação e na capacidade de escutar um ao outro.*
- f) *Incentive-os a refletir sobre como lidaram com os desafios da escuta em meio ao barulho e a compartilhar estratégias que encontraram eficazes para manter a atenção e a empatia durante o diálogo.*
- g) *Conclua a atividade destacando a importância da escuta atenta em todas as formas de comunicação e enfatizando a necessidade de desenvolver habilidades para superar as interferências do barulho.*

Retomando o assunto da entrevista será possível estabelecer um ponto de apoio a partir do termo *ruidoso* que é utilizado na pergunta, já que na fala dos interlocutores da entrevista ele assume ora um aspecto físico, ora um aspecto abstrato. Após esse tempo é possível reproduzir o restante da entrevista com Ailton Krenak para amparar as práticas de oralidade que seguem. Assim que a escuta for concluída, sugerimos uma pequena pausa de cinco minutos e em seguida se inicie uma reflexão sobre o seguinte trecho da entrevista:

[...] *“você me devolveu a Montanha”* [...]

Perguntar aos estudantes:

- a) *De que forma o constante barulho dos grandes centros urbanos pode nos impedir de apreciar e estar plenamente sensíveis ao ambiente natural e suas características, como as montanhas ou morros próximos, que podem passar despercebidos por causa desse ruído constante?*
- b) *O que exatamente significa ter devolvido algo que ele sabia que era dele?*

Essas questões devem ser respondidas de forma oral pelos estudantes e o momento é de reflexão sobre o sentido ouvir com atenção o que o outro está dizendo e perceber seu pertencimento ao contexto de fala. É possível trabalhar a escolha linguística feita pelo sujeito, por exemplo, a forma poética de manifestação da língua e especialmente a ideologia implícita na fala. Também é interessante uma abordagem sobre a motivação do entrevistado sobre o assunto. Para isso é importante lembrar que Krenak é um indígena e que o valor dado por ele a um determinado elemento da natureza será diferente do valor que atribuirá um cidadão urbano ao mesmo elemento. Ainda assim a linguagem utilizada ajuda tanto um como outro a compreenderem o assunto tratado, mesmo que de pontos de vista muito distintos, permitindo que ambos cheguem a conclusões bastante similares.

Para encerrar essa aula é importante ter um retorno por parte dos estudantes sobre o processo de escuta, para isso o professor pode perguntar-lhes:

O que o entrevistado apresenta na sua fala possui relação com o modo de vida de outras pessoas na sociedade?

Recomendamos que seja incentivada a participação de todos os estudantes na elaboração da resposta, relatando a maneira como ouviram o texto, e quais foram as partes que lhes pareceram mais comuns ao seu dia a dia.

É importante sempre durante os questionamentos dar voz a todos os estudantes que desejarem falar, além de incentivá-los a fazer a apresentação de suas falas com boa entonação, fazendo pausas para facilitar a audição e compreensão do que dizem.

Vale lembrar que posicionar-se diante de um público não é uma tarefa simples a nenhum ser humano, menos ainda a estudantes em processo de desenvolvimento de oralidade, isso obviamente inclui as apresentações feitas também nas salas de aula, assim é preciso considerar que a timidez, a falta de segurança e até mesmo o medo de realizar uma fala pública serão condições presentes em cada incursão feita durante o desenvolvimento de práticas de oralidade.

Para a terceira aula indicamos o desenvolvimento de um trabalho sobre a importância de cada estudante se perceber pertencente à sua esfera social. Como a aula anterior concentrou ao final um esforço de reflexão sobre escutar e estabelecer pontos comuns de assuntos à sociedade geral, nessa aula focalizaremos nas condições que oportunizam ao estudante reclamar para si um posicionamento individual sobre circunstâncias polêmicas que exijam tal posicionamento, uma vez que apontam para uma identificação do sujeito com seu espaço de circulação. Para auxiliar na construção dessa consciência sugerimos que a aula inicie com a seguinte pergunta:

O que faz você se sentir à vontade para expressar sua opinião sobre assuntos polêmicos?

Será necessário um tempo para que os estudantes conversem entre eles nos seus grupos em busca por uma resposta à pergunta feita. Ouvi-los com atenção é um elemento de grande importância aqui.

Depois de terem tido tempo de responder a essas questões os grupos podem fazer uma roda de conversa para debater os seguintes pontos sobre a escuta:

- a) *Por que é importante que nos identifiquemos com o ambiente para formar opinião?*
- b) *Ao expressar uma opinião pessoal é possível pode afetar o outro?*
- c) *Por que é essencial aprender a expressar opiniões sobre assuntos controversos?*

A partir das respostas dessas perguntas é relevante iniciar uma roda de conversa sobre a importância de fazer parte de um meio para reclamar direitos e exercer deveres. Pode-se então pedir que aos alunos para compartilhem experiências em que se sentiram realmente pertencentes a algo e como foram ouvidos nesse ambiente. Após esse tempo, será viável estimular a discussão sobre as características de uma escuta atenta para depois dela ter um posicionamento, isso inclui: olhar nos olhos, não interromper, demonstrar interesse, entre outros. Os grupos devem discutir situações em que a escuta atenta é crucial para emitir opinião sobre o assunto.

Na quarta aula recomendamos que se incentive uma conversa sobre a percepção de cada grupo em relação ao tema da entrevista e qual sua relevância para a sociedade, dê a eles a possibilidade de refletir sobre o porquê de essa entrevista ter sido feita entre um indígena e um Rapper e qual é a relação social que existe entre esses dois sujeitos? Peça aos estudantes que digam que palavras ditas pelos interlocutores indicam suas identidades, pertencimento e personalidades. Após dizerem, solicite que as escrevam no quadro e incentive a reflexão sobre a escolha das palavras feitas por cada um dos participantes durante a entrevista e por quê fizeram, o que sentem ao vê-las expostas no quadro. Nessa reflexão o professor pode explorar um pouco sobre a força de cada palavra a partir de quem diz, como diz e para quem diz. Incentive-os a criar uma lista com palavras que indicam suas próprias identidades, pertencimentos e personalidades, o próximo passo é se posicionar diante da turma e dizer por que escolheram tais palavras, o que elas comunicam ao outro. Incentive a reflexão durante a dinâmica sobre os papéis ocupados por *quem diz, porque diz e para quem diz*.

A próxima etapa é trabalhar com algumas falas dos interlocutores, para isso como sugestão, propomos três trechos.

- a) *“Eu não troquei de óculos”.*
- b) *“mas ele tá drogado com aquele barulho, com aquela situação toda”.*
- c) *“Ninguém quer olhar no espelho e ser só uma engrenagem”*

Os grupos deverão interpretar as enunciações, sob a ótica de qual seja o sentido que assumem determinadas palavras nas falas do entrevistador e do entrevistado, para isso, sugerimos que sejam usadas as palavras: drogado, espelho, engrenagem e óculos. Os estudantes podem primeiramente fazer uso de um dicionário para buscar o sentido denotativo de tais palavras e depois criarem hipóteses do porquê de os interlocutores terem usado tais palavras em suas falas.

Depois de pesquisarem e formularem as hipóteses precisam justificar suas escolhas publicamente, amparando-se no contexto da entrevista. Nesse tempo quem está ouvindo observa se as hipóteses levantadas mantêm o sentido original da comunicação ou se ele é alterado. Faça pequenas pausas entre um enunciado e outro para esta conferência, assim também será oportunizada a participação ativa do grupo.

Na quinta aula buscaremos na entrevista escolhida um maior aprofundamento das reflexões e inferências por parte dos estudantes ao ouvir o que o outro tem a dizer, e como essa escuta é capaz de modificar nossa forma de ver o mundo que nos rodeia. O professor pode iniciar a aula voltando ao assunto das escolhas linguísticas feitas pelo entrevistado e entrevistador, incentivando os estudantes a perceber a flexibilidade do suporte, podcast, e sua influência sobre a entrevista. Sugerimos que seja mostrado como é possível o mesmo interlocutor usar palavras diferentes a cada discurso a depender de onde ele é feito, e como isso tem valoração ideológica diferente conforme o tempo e o espaço. Para isso, pode ser lembrado o discurso de Ailton Krenak em 1987 na Assembleia Constituinte ²⁸ e comparado à forma como se enuncia no podcast onde é entrevistado pelo Emicida.

A comparação entre as falas do entrevistado nos dois ambientes e possibilita uma discussão sobre o impacto que tiveram ao ouvir expressões como “*obsessão burra*” e “*o desgraçado que prefere viver com a pobreza*”.

É uma opção para o professor pontuar aos estudantes que expressões como essas, em geral, estão carregadas de sentimentos e ideologias por parte de quem as profere. Cabe nesse momento trabalhar o conceito de que as ideologias estão presentes em todas as enunciações que são feitas, e que não podem ser confundidas sempre com características negativas, mas que é preciso ter uma boa definição do

²⁸ ÍNDIO CIDADÃO? Ailton Krenak – discurso em 1987. Índio cidadão? - Grito 3 [recurso eletrônico]. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q&t=1s>. Acesso em: 17/11/2023.

seja uma ideologia, afinal nem todas são socialmente aceitas e nem todas produzem crescimento social saudável, apesar disso é preciso considerar que sem uma ideologia o discurso se esvazia de sua função. Volóchinov (2017 [1929]) A palavra é definida como fenômeno ideológico por excelência, sendo um produto de interações sociais, em um dado contexto, determinado pelas condições de vida como religião, política, instituições de trabalho etc. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 127).

Depois dessa conceituação os estudantes deverão discutir o seguinte trecho da entrevista:

[...] “o Brasil se especializou em produzir o pobre” [...].

Apresentar a eles as seguintes questões:

- a) *O entrevistado é contundente quando diz que no Brasil só se produz pobreza, mesmo com as riquezas que tem? A forma como são enunciadas essas palavras permite perceber um valor? Qual é esse valor?*
- b) *A linguagem utilizada pelo entrevistado foi escolhida com qual intenção?*
- c) *O que a expressão “Brasil branco” quer dizer. Por que o entrevistado atrelou a cor de pele branca ao Brasil, um país em que a população de negros (pretos e pardos) é majoritária?*
- d) *Essa construção produz efeitos de sentido, que tem origem histórica, cultural e social?*

As discussões que serão construídas a partir dessas indagações deverão proporcionar a oportunidade de perceberem que a linguagem sofre alterações de acordo com a situação social em que é produzida a interação verbal. Para encerramento da aula sugerimos que sejam retomados os conceitos de culturalidade explorados na segunda parte da entrevista e a forma como a linguagem vira instrumento da manifestação dos valores impregnados nessas culturas influenciando e sendo influenciada pelos contexto de produção.

4.2.3 Discussão das atividades da Etapa 2

Na etapa 2 o foco é sobre a escuta ativa, portanto, é esperado que tenha havido um desenvolvimento de algumas habilidades com o processo de escuta atenta. Essas habilidades, se desenvolvidas, já puderam ser percebidas nas discussões que permearam as atividades e autoavaliações. Assim é possível ver a construção de um sujeito crítico e autônomo diante de circunstâncias diversas de uso da linguagem em sua manifestação concreta, ainda que seja apenas um trabalho que apresente um resultado embrionário.

É relevante pontuar que na etapa 2 a exploração e análise dos efeitos de sentido causados pelas escolhas linguísticas feitas pelos interlocutores, incentivou a construção de situações de interação que se pretendiam despertar nos estudantes. A construção de um novo olhar sobre a forma de perceber a fala do “outro”, também é uma maneira de colocá-los diante de um cenário em que a fala não seja apenas uma ferramenta para introdução da escrita.

Essa postura assumida encontra força nas palavras de Marcuschi (2010) que nos deixa a certeza de que o fundamento do trabalho com as práticas orais reside no uso que fazemos da língua. Portanto, nesse bloco procuramos fomentar esse uso de forma com que os estudantes podem ter acesso a uma nova leitura do mundo à sua volta. Escolhemos trabalhar a entrevista com Ailton Krenak por entender ser um momento histórico para a cultura brasileira e especialmente para a cultura indígena.

Essa escuta permitiu aos estudantes, além de desenvolver as habilidades de oralidade, a de se posicionar diante de fatos que por vezes não chegam à sala de aula, ou se chegam, vêm fragmentados na forma de trechos com os quais se lidará apenas para utilizar como suporte de escrita e leitura.

Por fim, o ressaltamos que a etapa 2 complementa o trabalho de escuta ativa de uma entrevista que norteou discussões sobre contextos próximos e distantes da rotina de cada estudante se destacando neles as práticas de oralidade que incluem aspectos como a entonação, o ritmo, os gestos e as expressões faciais e os sentidos que se atribuem às palavras.

4.3 ETAPA 3: AS CONTRAPALAVRAS DOS ESTUDANTES

Para Bakhtin, o enunciado é uma unidade de fala e escrita que só se torna significativa dentro do contexto de uma conversa ou diálogo. Assim, a compreensão de um enunciado é fortemente influenciada pelo contexto social, histórico e cultural no qual ocorre. Isso significa que cada enunciado é moldado e ressignificado em relação aos enunciados anteriores e subsequentes em uma interação verbal.

Diante disso a noção de "*resposta*" como uma parte vital da comunicação subsiste em qualquer diálogo, a resposta é um elemento essencial para a compreensão e interpretação de um enunciado. A resposta não é apenas uma reação direta a uma fala anterior, mas é um elo ativo na cadeia de interações verbais, contribuindo para a construção de significado em uma conversa. Ao emitir um enunciado e receber do outro uma resposta a esse enunciado, essa resposta ou fala, que ocorre como reação à fala inicial, pode ser chamada de "contrapalavra", ou, de forma mais comum, de "réplica" ou "*respostas*" na comunicação para os teóricos do interacionismo. Bakhtin afirma que: "[...] a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...]." (BAKHTIN, 2003 [1979], p.271).

Desta forma utilizaremos o termo "*contrapalavras*" como sinônimo para descrever o processo no qual há uma troca verbal entre pessoas, em que uma fala gera outra como reação ou resposta. Neste contexto, as "*contrapalavras*" farão parte das duas últimas atividades desta proposta didática, a saber, um debate regrado e um seminário.

Sabendo que a comunicação envolve uma troca constante de informações, onde as interações verbais desempenham um papel fundamental. Quando alguém faz uma enunciação, seja uma pergunta, uma afirmação, uma opinião ou qualquer forma de expressão verbal, cria-se um contexto para o interlocutor responder, por isso no debate exploraremos circunstâncias em que os estudantes deverão ouvir atentamente ao que diz o outro para num movimento de reconstituição da enunciação se utilizarem das "*contrapalavras*" ou respostas para completarem esse processo enunciativo. As respostas podem surgir como explícitas à pergunta ou à afirmação feita anteriormente, e podem ser simples ou detalhadas.

Tem-se a expectativa de que no desenvolvimento da atividade haja reflexões, perguntas de esclarecimento, concordâncias, discordâncias, adições de informações ou opiniões relacionadas ao tema etc.

A última atividade, o seminário, tem como objetivo dar oportunidade para os estudantes apresentarem e debaterem assuntos que muitas vezes não têm espaço nas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que ao expor informações, compartilhar opiniões e responder perguntas dos colegas durante o seminário os estudantes terão a oportunidade de participar ativamente da organização de informações e de sua comunicação eficaz, promovendo ainda a compreensão aprofundada do tema. Ao apresentar um seminário, os estudantes serão estimulados a aprimorar suas habilidades de falar em público, expressar ideias de forma clara e persuasiva e responder a perguntas. Além disso essa prática permite que os estudantes analisem criticamente o assunto, questionem, justifiquem e defendam suas ideias. Participação em enunciações como a de um seminário oferece uma abordagem das condições reais de uso da linguagem, possibilitando que sejam desenvolvidas habilidades importantes que são essenciais a uma prática de vida social. Por fim, na dinâmica de um ambiente escolar, os seminários e os debates são atividades que se complementam e, de certa forma, se relacionam. E podem ser tomadas como "*contrapalavras*" a partir da concepção de que expressam a resposta dos estudantes ao tema que foram expostos, solicitando deles uma posição individual ou em grupo.

Nessa proposta didática a produção final dos estudantes se refere a dois gêneros do discurso que contemplam fortemente tudo o que se idealizou nesse trabalho, falamos aqui do debate e do seminário. De acordo com a prescrição da BNCC nas habilidades EF89LP12 e EF69LP40, a organização de debates e o estudo dos seminários já deve ter sido objeto de ensino, uma vez que se trata de um conteúdo com flexibilidade e que transita entre as etapas do Ensino Fundamental Anos Finais.

Apesar disso, apresentamos a sugestão de uma retomada desse ensino por termos aqui uma virada estratégica, uma vez que os estudantes que até aqui trabalharam com entrevista por podcast, serão solicitados a produzir, a partir da escuta desse podcast, dois novos gêneros, o debate e o seminário.

Diante disso sugerimos duas atividades iniciais a serem desenvolvidas antes da produção final, ou seja, da produção de um seminário e de um debate.

4.3.1 Atividade de retomada 1 - Seminário

Quanto aos seminários, a prescrição da BNCC aponta dentre outras a observação desse gênero em diversos locais de veiculação com a finalidade de melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento. Assim sendo, propomos a atividade de retomada deste ensino a partir não só da observação, mas também da própria construção da performance referente à elaboração do seminário.

Tempo de duração: 02 aulas

Tema: O Papel dos Estudantes na Elaboração do Currículo Escolar

Objetivo da atividade: Retomar e ampliar conhecimentos prévios sobre o gênero *seminário* a partir da pesquisa e apresentação das conclusões dos estudantes sobre o tema proposto.

Desenvolvimento

a) **Ponto de partida:**

b) Em grupos, os estudantes deverão pesquisar em uma aula sobre as seguintes subquestões relacionadas ao tema do seminário:

i. Grupo 1:

Os alunos devem ter voz na escolha das disciplinas e dos conteúdos estudados?

ii. Grupo 2:

Qual é o papel dos alunos na definição dos objetivos educacionais e dos métodos de ensino?

iii. Grupo 3:

Como o envolvimento dos alunos na tomada de decisões educacionais pode beneficiar seu aprendizado?

iv. Grupo 4:

Quais são os desafios e as possíveis consequências de dar mais controle aos estudantes sobre o currículo escolar?

c) Pesquisa e Preparação:

Avisar a turma com antecedência e reservar espaços como laboratórios e bibliotecas. Durante a aula, os estudantes devem elaborar uma pesquisa, registrando suas descobertas sobre a subquestão que coube ao seu grupo. Eles devem buscar informações em fontes confiáveis, como artigos acadêmicos, relatórios de educação e entrevistas com especialistas e outros recursos impressos ou eletrônicos que estejam à disposição.

d) Desenvolvimento das Apresentações:

Na aula seguinte, cada grupo desenvolverá uma apresentação de suas descobertas para o restante da turma. Organize-os de maneira que as apresentações incluam uma introdução ao tema, uma análise das descobertas e uma conclusão que resuma os principais pontos discutidos.

e) Discussão e Reflexão:

Após todas as apresentações, reserve um tempo para uma discussão em grupo sobre a forma como foi organizada a atividade e mostre que essa é a essência de um seminário, e que a próxima produção será estendida quanto à sua organização e apresentação. Ao avaliar o desempenho dos estudantes use critérios com base na qualidade de suas pesquisas, na clareza de suas apresentações, na participação na discussão e na capacidade de responder a perguntas e pontue expressões, posturas e gestos que contribuíram para melhorar o processo comunicativo.

4.3.2 Atividade de retomada 2 – Debate

Ensinar os estudantes a atividade de debate de forma sintetizada será uma maneira de desenvolver e aferir habilidades de comunicação, pensamento crítico e trabalho em equipe que, como já citado anteriormente, pressupõe já terem sido iniciadas na etapa anterior de ensino, o oitavo ano. A sugestão da atividade abaixo vai tratar de um modelo simplificado para ajudá-los a realizar a produção final.

Tempo de duração: 02 aulas

Tema: O Papel dos Estudantes na Elaboração do Currículo Escolar

Objetivo da atividade: Retomar e ampliar conhecimentos prévios sobre o gênero *debate* a partir de uma reflexão feita sobre pesquisa e apresentação das conclusões dos estudantes no seminário da aula anterior.

a) Preparação

Após os grupos terem pesquisado e apresentado conclusões sobre as subquestões relacionadas ao tema “Os alunos devem ter voz na escolha das disciplinas e dos conteúdos estudados?”, a recomendação é que agora sejam divididos entre apoiadores e não - apoiadores do tema. Como se trata de um tema controverso, ele poderá ser discutido de forma compreensível, permitindo diferentes perspectivas.

b) Pesquisa Prévia

Pedir aos estudantes para pesquisarem sobre o funcionamento de um debate, coletando informações sobre como são feitas as argumentações, quanto tempo cada debatedor pode falar, quando pode falar etc. Eles devem especialmente entender que existem diferentes pontos de vista e estar preparados para defendê-los ou refutá-los. Será necessário indicar locais onde eles podem encontrar debates para serem visualizados. Para auxiliar na etapa de pesquisa sugerimos o programa “Assunto em Pauta²⁹” gerado pela TV UFMA, um canal universitário da Universidade Federal do Maranhão que apresenta uma programação de caráter diversificado e plural, voltada a

²⁹ Assunto em Pauta: RACISMO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mJhYbOmOgVo>. Acesso em 11/02/23

promover educação, ciência, informação, cultura e meio-ambiente, com valorização das identidades locais e regionais.

c) Organização das Equipes

Os grupos devem ser separados entre os que defenderão o tema e os que se oporão a ele. Cada equipe deve escolher um líder e designar membros para apresentarem argumentos principais e contra-argumentos. Como nossa divisão de referência prevê quatro grupos de nove estudantes teremos duas rodadas sobre o mesmo assunto

d) Estrutura do Debate

i. Abertura: instruir os estudantes que cada equipe terá a oportunidade de fazer uma breve declaração de abertura, apresentando sua posição sobre o tema e delineando os argumentos principais que serão discutidos.

ii. Debate Principal: os membros de cada equipe deverão ser orientados a apresentarem os argumentos principais de seu posicionamento dentro de um tempo pré-estabelecido e fornecerem evidências para apoiá-los. Eles devem se concentrar em apresentar suas ideias de forma clara e concisa, evitando se alongar demais em cada ponto.

iii. Réplica e Tréplica: após as apresentações iniciais, retomar com as equipes uma nova oportunidade de fala para fazer réplicas aos argumentos apresentados pela equipe oposta. Em seguida, ocorre a tréplica, onde cada equipe pode responder às críticas e reforçar seus próprios argumentos.

e) Conclusão e Síntese

Encerramento: pedir aos estudantes que façam uma breve declaração de encerramento, resumindo os principais pontos discutidos e reiterando sua posição sobre o tema. Eles devem destacar os argumentos mais persuasivos e convincentes apresentados durante o debate.

f) Avaliação

Finalizar o debate com uma avaliação da participação dos alunos, levando em consideração sua capacidade de apresentar argumentos de forma sintetizada, sua habilidade de escutar atentamente e responder aos argumentos da equipe oposta, e sua contribuição geral para o debate.

4.3.3 Produção 1 - Seminário – Diálogo social na entrevista por podcast

O gênero discursivo *seminário* é uma boa alternativa para uso no espaço no ambiente escolar em especial pela simplicidade de execução e eficiência, principalmente no que se refere a trabalhos com oralidade. Esse formato de apresentação conta ainda com o benefício de promover entre os estudantes a disseminação de conhecimento de forma prática e objetiva. Tendo um caráter educativo potencialmente interativo, o seminário compreende uma reunião em que se trabalha com uma apresentação feita por um ou mais estudantes de uma mesma turma. Dentre seus principais objetivos, está o de incentivar os estudantes a desenvolverem habilidades de pesquisa, formulação de texto e apresentação oral de suas descobertas. Ademais, o próprio desenvolvimento da oralidade e da interação mediada pelo gênero em questão.

Nessa proposta didática sugerimos a elaboração de um seminário, cujo estudo e sistematização pressupõe ser de conhecimento apropriado anteriormente e que foi retomado em forma de atividade nesta proposta em aulas anteriores. O objetivo principal dessa produção será para oportunizar aos estudantes o compartilhamento de suas descobertas e materializar as formas de comunicação oral desenvolvidas ao longo das atividades da proposta didática. Existem muitos objetivos para a realização de um seminário, mas para fins de justificativa de escolha da atividade pontuaremos apenas dois:

1. Estudo sobre o assunto do seminário

Quando incentivados e motivados, os estudantes acabam por se dedicar a essa apresentação com mais determinação, o que produz como efeito imediato um aprofundamento do assunto estudado, além disso, durante a apresentação pode haver uma rodada de perguntas aos apresentadores, criando a interação e ampliação do que se propunha inicialmente.

Desta forma, os apresentadores procuram estar atentos e preparados para não somente realizar a apresentação, mas também para responder possíveis questionamentos que possam surgir. Como a atividade de seminário pressupõe interação por meio da oralidade, o objetivo da proposta é atendido, uma vez que tem sua raiz no desenvolvimento de práticas de oralidade.

2. Elaboração de um plano de desenvolvimento da atividade

Outro ponto importante é o incentivo para que os estudantes elaborem um plano para realizar a apresentação. Ele começa com a busca pelas informações sobre o tema e se desenvolve durante a pesquisa sobre ele e sobre o próprio gênero, onde acontece a interação e a troca de enunciações entre os participantes, uma vez que terão que negociar valores e sentimentos, como, por exemplo:

- a) Quais serão os recursos que serão utilizados?
- b) Quais serão os pontos principais a serem tratados na apresentação?
- c) Qual a melhor forma de apresentar a informação?
- d) Quem será responsável por determinada etapa da apresentação?

Com a perspectiva de que o seminário se apresenta bastante favorável para aferição de desenvolvimento de habilidades de práticas de orais, o utilizaremos como prática de ensino, já que serve como um mediador entre um assunto trabalhado e sua materialização.

Para este trabalho concebemos um modelo que serve de sugestão e se subdivide em quatro partes. Todos com o mesmo tema, mas com abordagens distintas sobre a entrevista por podcast escolhida como principal a ser analisada na pesquisa, e que foi realizada com Ailton Krenak. Assim a essência do seminário será a abordagem sobre a sociedade e a importância do diálogo que permeia a entrevista e justifica a escolha do título da atividade.

Tempo de duração: 5 aulas

Tema: Diálogo Social na entrevista por podcast

Objetivo da atividade: Aprofundar as práticas de oralidade por meio da exploração subtemas retirados da entrevista por podcast com Elicida e Ailton Krenak.

Desenvolvimento

O trabalho se desenvolve na órbita de quatro subtemas retirados da entrevista feita por Emicida com Ailton Krenak. O quantitativo de subtemas se dá em função da formatação da proposta didática ter contemplado uma turma de 36 estudantes que foram divididos em quatro grupos. Caso haja necessidade de aumentar ou diminuir este quantitativo outras possibilidades poderão ser exploradas sem prejuízo das atividades aqui apresentadas.

Seminário - Diálogo Social na entrevista por podcast

- a) Subtema 1 – Influências sociais na entrevista por podcast
- b) Subtema 2 – Linguagem e identidade na entrevista por podcast
- c) Subtema 3 – Entrevista por podcast, privilégios, poder e identidade
- d) Subtema 4 – Escolhas linguísticas na entrevista por podcast

A formatação do seminário obedecerá a critérios preestabelecidos que explicaremos nos parágrafos que seguem, em que também descreveremos cada subtema com suas respectivas particularidades de desenvolvimento. Ao fim das descrições apresentaremos uma seção específica com uma perspectiva de avaliação das atividades e uma outra seção de discussão com o objetivo de justificar sua realização. Para organização dos seminários os grupos precisarão de uma aula, onde poderá ser discutido o roteiro e decidido previamente com a turma alguns pontos importantes, depois disso cada grupo usará sua estratégia para desenvolver o seu subtema. Como recomendação elaboramos um roteiro de orientação para ser usado pelos estudantes na primeira aula dessa etapa conforme suas necessidades:

1. Definição do Tema e Objetivos

A escolha do tema foi elaborada de acordo com o material trabalhado durante as aulas sobre oralidade, serão quatro possibilidades e apresentação e a escolha será feita por sorteio.

2. Organização de Equipes

Cada equipe decidirá quem será responsável por cada parte da apresentação como: pesquisa, palestra, material de apoio, divulgação etc.

3. Pesquisa e Conteúdo

As equipes ficarão responsáveis por receber o podcast e sua transcrição do professor e devem investigar o tema, coletar informações e preparar o conteúdo a ser apresentado.

4. Desenvolvimento de Material

Com base na pesquisa que será feita no podcast as equipes devem criar apresentações, pôsteres, folhetos, slides ou qualquer outro material de apoio necessário para o seminário.

5. Logística e Organização

Os grupos devem designar alguém para cuidar da logística, como organização de equipamentos audiovisuais, controle do tempo das apresentações, etc.

6. Ensaaios e Preparação

Antes do seminário, é importante fazer ensaios para que todos os participantes se sintam confortáveis com suas apresentações e tudo esteja funcionando corretamente.

Orientação para desenvolvimento dos subtemas

Subtema 1: Influências sociais na entrevista por podcast.

Pergunta de referência: Como os elementos sociais e o ambiente político, econômico, cultural e histórico podem ter influenciado a entrevista?

Tempo de duração: 01 aula

Esse subtema deve ser trabalhado com a exploração de fatores sociais da entrevista, como política, economia, cultura e história, e de que forma eles moldam o conteúdo da entrevista. Devem também ser analisados, para discutir, como eventos sociais influenciam as perguntas feitas, o tom da entrevista e as respostas dos entrevistados.

Subtema 2: Linguagem e identidade na entrevista por podcast.

Pergunta de referência: A cultura ou a posição social do entrevistado afetam o uso de certas expressões, como gírias, linguagem formal ou informal?

Tempo de duração: 01 aula

O subtema 2 busca discutir como a diversidade cultural e social impacta as interações nas entrevistas em podcasts. Explorar o uso de linguagem e sua representação de diferentes perspectivas.

Subtema 3: Linguagem e identidade na entrevista por podcast.

Pergunta de referência: Como certas escolhas linguísticas podem refletir privilégios sociais, poder ou identidade do entrevistado?

Tempo de duração: 01 aula

A partir dessa questão devem ser analisados e discutidos a forma como a mídia influencia a percepção social, como as entrevistas por podcast contribuem para essa influência e qual é o papel dessa mídia na formação de opiniões e no estabelecimento de narrativas sociais.

Subtema 4: Linguagem e identidade na entrevista por podcast.

Pergunta de referência: *O impacto social das escolhas linguísticas e padrões de fala reforçam estereótipos ou expressões que refletem valores sociais predominantes?*

Tempo de duração: 01 aula

A partir dessa questão devem discutir a ética envolvida na condução de entrevistas por podcast, incluindo a responsabilidade do entrevistador em relação aos temas abordados e à representação dos entrevistados. Explorar questões éticas em relação à privacidade, representação justa e precisão da informação transmitida.

Analisar e discutir como o poder e os privilégios sociais impactam a dinâmica das entrevistas em podcasts, incluindo o acesso a certos convidados e temas privilegiados em detrimento de outros.

Sugerimos ao professor que limite o tempo de apresentação de cada grupo em 25 minutos com mais 20 minutos para responder perguntas do público. Assim recomendamos que se apresente um grupo por aula³⁰.

Para desenvolver essas atividades o áudio do podcast e sua transcrição deverão ser disponibilizados integralmente aos estudantes. Recomendamos que seja orientado aos grupos que ouçam totalmente a entrevistas em busca das referências que necessitarem para elaborar suas falas.

O tempo destinado às perguntas do público não deve exceder 20 minutos, por essa razão é recomendado que sejam feitas inscrições para organizar a fala de cada participante, podendo assim controlar de forma mais otimizada o tempo de cada um.

Não descrevemos detalhes de apresentação, como local, equipamentos de apoio digital etc. A intenção é que a proposta didática seja possível de ser desenvolvida em qualquer contexto, mesmo quando não houver nenhum recurso disponível; contudo recomendamos que o professor tenha o cuidado de criar um

³⁰ Em minha experiência com essas atividades, procuro deixar as apresentações para dias em que acontecem aulas geminadas, assim duas equipes se apresentam no mesmo dia e os temas se complementam de maneira subsequente.

cenário diferenciado para o desenvolvimento da proposta, ainda que seja apenas uma sala de aula diferente da comumente usada no cotidiano. O desenvolvimento de práticas orais nas aulas de Língua Portuguesa deve ser um elemento motivador ao estudante na busca pela sua autonomia social, sendo imprescindível que seu desenvolvimento privilegie ampliação da proposta corriqueira de apresentação de resultados de estudos, como salientamos na introdução desta dissertação.

4.3.4 Apoio para avaliação do seminário

Como a atividade de seminário nessa proposta didática visa o desenvolvimento de habilidades de oralidade, sua avaliação pode ser feita com base em uma série de critérios que enfatizam o aprimoramento da comunicação verbal e das habilidades de apresentação. No quadro 5 sugerimos alguns dos critérios que podem ser considerados para avaliação.

Quadro 5 – Critérios de análise de oralidade dos seminários
(continua)

Critério	Pergunta	Sim	Não
Clareza e Coerência	A estrutura da apresentação permitiu que as informações fossem compreendidas?		
	Houve dificuldade em entender o que estava sendo dito?		
Expressão Verbal	O vocabulário utilizado pelo apresentador contribuiu para a clareza das explicações?		
	O apresentador conseguiu explicar conceitos complexos de forma simples e compreensível?		
Capacidade de Síntese e Objetividade	O apresentador foi capaz de resumir os pontos-chave sem perder a centralidade do tema?		
	A apresentação foi concisa ou houve informações excessivas que prejudicaram a clareza?		
Variação e Controle da Voz	O volume da voz do apresentador foi adequado e consistente durante toda a apresentação?		

	A entonação da voz foi utilizada para enfatizar pontos-chave e manter o interesse do público?		
Habilidades de Engajamento com a Audiência	O apresentador interagiu com a plateia durante a apresentação?		
	O apresentador demonstrou habilidades de escuta aos questionamentos da audiência?		

Fonte: autor

O quadro acima apresenta critérios essenciais para avaliar a oralidade nos seminários, cujos itens discutiremos brevemente.

Avaliar a clareza e coerência permite verificar se a estrutura da apresentação facilitou a compreensão das informações ou se houve dificuldades nesse aspecto. A expressão verbal e a capacidade de síntese indicam se o vocabulário utilizado foi adequado e se o apresentador conseguiu explicar conceitos complexos de forma acessível. A variação e controle da voz, além de garantir um volume adequado, também incluem a importância da entonação para enfatizar pontos-chave e manter o interesse da plateia. Por fim, as habilidades de engajamento com a audiência, tanto na interação quanto na escuta, são cruciais para uma apresentação bem-sucedida, demonstrando a capacidade do apresentador de conectar-se efetivamente com o público. Esses critérios permitem uma avaliação abrangente da performance oral, visando à excelência nas apresentações.

A avaliação das práticas de oralidade por meio de seminários é fundamental para ampliar o domínio das práticas orais dos participantes. O seminário, antes de tudo, é uma prática de oralidade a ser ensinada nas aulas de Língua Portuguesa por oferecer uma situação real de uso da língua nas práticas orais onde os sujeitos são desafiados a apresentar, debater e interagir oralmente com seus pares, promovendo o desenvolvimento de competências essenciais para a vida escolar e profissional. Esta avaliação não se limita apenas à verificação do desempenho individual dos apresentadores, mas também examina a capacidade de escuta ativa e interação do público.

O processo de avaliação engloba a clareza, coesão e organização das ideias apresentadas, bem como a capacidade de responder a perguntas e interagir de maneira construtiva. Além disso, a avaliação de práticas de oralidade em seminários também considera o desenvolvimento da confiança e da habilidade de se expressar diante de um grupo, a capacidade de argumentação lógica, o uso adequado de

recursos visuais ou técnicos, a variedade e controle da voz e a postura do apresentador. Esses elementos são fundamentais para a comunicação eficaz e para uma participação bem-sucedida em contextos sociais e profissionais. Através da avaliação, busca-se não somente identificar pontos fracos e áreas de melhoria, mas também estimular o crescimento contínuo dos participantes, permitindo-lhes aprimorar suas competências de comunicação e interação, capacitando-os para situações futuras em que a oralidade é um aspecto chave.

4.3.5 Discussão do seminário

Bakhtin destacou a importância da interação social e da linguagem como um fenômeno social. Ele via a linguagem como um meio de comunicação que reflete essas interações entre as pessoas, sempre influenciadas por diferentes contextos.

Dentro de um seminário, essa interação é evidente, a troca de conhecimento, as discussões e as apresentações refletem exatamente essa dinâmica de interação social. Além disso, a ideia de que qualquer discurso contém múltiplas vozes, influências e perspectivas estão manifestas nele, já que há uma diversidade de vozes e opiniões apresentadas pelos participantes, criando um ambiente onde diferentes visões de mundo convergem e se entrelaçam. Os seminários escolares são, portanto, de grande importância do ponto de vista da oralidade por vários motivos, como o desenvolvimento da expressão oral, em que os estudantes têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades de expressão oral ao apresentar um tópico para os colegas, aprimorando sua capacidade de articular ideias de forma clara e coesa.

Esses seminários proporcionam ainda prática na comunicação eficaz, uma vez que os estudantes aprendem a manter a atenção do público, a adaptar o discurso de acordo com a audiência e a responder a perguntas de forma coerente. Ao apresentar um seminário, os estudantes enfrentam o desafio de falar em público, desenvolvendo habilidade de se expressar oralmente, o que é necessário em muitos aspectos da vida pessoal e profissional.

Ao participar de seminários o estudante não desenvolve apenas a habilidade de apresentação, mas também de escuta ativa. Os estudantes aprendem a ouvir e a avaliar informações enquanto interagem com os colegas durante as apresentações e ao se preparar para apresentações, precisam organizar suas ideias e seus

argumentos de forma lógica. Isso promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da habilidade de estruturar um discurso de modo coerente.

Por fim os seminários incentivam a colaboração entre os alunos, permitindo que compartilhem conhecimento e experiências, criando um ambiente propício para a troca de ideias e a aprendizagem mútua.

4.3.6 Produção 2 – Debate - O Brasil que só produz pobre

Para a segunda e terceira produção oral dos estudantes propomos a execução de um debate. A opção por esse gênero discursivo se alinha ao que é sustentado por Bakhtin quando afirma que o discurso é moldado pelas interações entre várias vozes sociais, culturais e históricas. Portanto, em uma perspectiva bakhtiniana, o debate pode ser visto como um ambiente privilegiado para a manifestação do dialogismo, já que envolve a confrontação de múltiplas vozes e perspectivas.

No debate, há uma clara manifestação de vozes divergentes, opostas ou contrastantes que buscam persuadir, confrontar e apresentar argumentos para sustentar suas posições. Isso se alinha com a ideia bakhtiniana de que o discurso é dialógico, ou seja, é composto por várias vozes que coexistem e interagem.

É possível ver no debate essa dinâmica em ação, com os participantes respondendo aos argumentos uns dos outros, alterando ou ajustando suas falas com base nas contribuições e críticas recebidas. Assim sendo, trabalharemos com dois temas, um em cada debate, extraídos da entrevista por podcast que foi ouvida pelos estudantes.

Tempo de duração: 02 aulas

Tema 1: O Brasil que só produz pobre.

Objetivo da atividade: Utilizar técnicas de debate e discussão em sala, incentivar os estudantes a explorar e apresentar, de forma oral, suas reflexões sobre a desigualdade socioeconômica no Brasil, e a partir disso promover o pensamento crítico, a argumentação embasada, o respeito às diferentes opiniões e a habilidade de expressar ideias de forma clara e persuasiva.

Desenvolvimento:

Recomenda-se que nessa atividade sejam escolhidas duas equipes para debater. Como o tema já foi definido, é importante que seja ouvido novamente o contexto em que foi produzida a afirmação tema do debate. Para isso o professor pode retomar a entrevista com Ailton Krenak em 00:50:00 até 00:54:44. Nesse trecho a fala de Krenak denuncia a gestão ineficiente do Estado em administrar seus próprios recursos, além de criar um modelo idealizado para uma cultura que não se adequa a este modelo e sequer consegue viver dele.

Para o debate é importante a participação ativa de todos os estudantes, assim, elabore com os grupos uma lista de regras a serem observadas durante o desenvolvimento da atividade, como, por exemplo: o tempo de fala para cada participante ou equipe, a duração total do debate, incluindo tempo para as apresentações, réplicas e tréplicas, a ordem das apresentações para cada equipe, dando a oportunidade para ambos os lados se expressarem. Não colocaremos aqui na proposta didática os tempos ou tipos de regras por entender que sejam muito subjetivas e aplicáveis especificamente aos contextos de uso deste material. Portanto algumas condições serão apenas referenciadas e de livre agência do professor(a) em sua realidade. Como o gênero *debate* foi retomado no início dessa proposta nos parece que as dificuldades de compreensão do gênero devam ser menores por parte dos estudantes.

Assim, sugerimos que seja nomeado um moderador, membro de uma equipe que não esteja participando nessa rodada de debate. Sua função será a de gerenciar o debate, garantindo que as regras sejam seguidas, o tempo seja cumprido e a discussão seja conduzida de maneira organizada. Sendo assim, tão logo sejam decididas as condições do debate o moderador deverá estudá-las para ter domínio sobre sua função no evento. Para subsidiar este trabalho recomendamos que seja assistido com a turma um trecho do debate dos candidatos à prefeitura de São Paulo em 2021³¹. É recomendável assistir os cinco minutos iniciais para ter uma referência do que seja um debate com regras.

A escolha de um ambiente adequado para o debate é essencial, e, em não havendo na escola um auditório ou uma sala de eventos, recomenda-se que este

³¹ Debate na TV Cultura com os candidatos à prefeitura de São Paulo. Acompanhe as propostas dos candidatos à prefeitura de São Paulo [recurso eletrônico]. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-xt5cy2I9Pw>>. Acesso em: 17/11/2023

ambiente seja criado. Para isso utilize as cadeiras dos estudantes em forma de auditório e providencie uma tribuna para os debatedores.

Também é recomendável que os debatedores fiquem em frente da turma durante todo o debate. Para isso o professor(a) pode organizar os grupos de forma que aqueles que forem debater tenham assessoria de outros membros da equipe.

É importante que seja definido o número de assessores de cada lado para evitar transtornos futuros. Certifique-se de que a plateia possa acompanhar o debate e se julgar oportuno permita sua interação nas discussões.

Na sugestão de tema que fazemos para a primeira rodada, "O Brasil só produz pobre", é crucial abordar diferentes perspectivas e análises sobre a situação socioeconômica, cultural e educacional do país. Então junto com os estudantes crie uma lista de subtemas que ajudarão na elaboração de perguntas. Como sugestão à proposta apresentamos uma relação de possíveis subtemas com uma pergunta em cada um, e que podem ser selecionados pelos grupos e deixados para os debatedores estudarem antes do evento. Aconselha-se que sejam escolhidos cinco subtemas com uma pergunta cada. No quadro 6 abordamos alguns pontos que podem ser trabalhados conforme o contexto da turma.

Quadro 6 – Subtemas e perguntas do debate 1

Subtema	Pergunta
Evidências e Dados	Quais são as evidências de que o Brasil apenas produz pobreza?
Causas da Pobreza	Quais são os fatores que contribuem para a pobreza no Brasil?
Desigualdade Social e Estrutura Econômica	Como a estrutura econômica do Brasil contribui para a desigualdade social e a produção de pobreza?
Potencial Econômico e Desenvolvimento	Como políticas de incentivo e investimento podem alterar esse cenário?
Experiências Internacionais e Comparativas	Como outros países lidam com a questão da pobreza em comparação com o Brasil?
Impacto das Políticas Sociais	Há necessidade de reformas políticas ou na criação de novas abordagens sociais?

Visão sobre a Afirmação	Qual é a posição dos debatedores em relação à afirmação? Concordam, discordam ou adotam uma perspectiva diferente?
-------------------------	--

Fonte: autor

O quadro acima apresenta algumas possibilidades de trabalho com o tema geral, “O Brasil que só produz pobre”. As ideias apresentadas no quadro servem para evidenciar por meio de questionamentos as desigualdades socioeconômicas do país como: distribuição de renda, acesso precário a serviços básicos, falta de oportunidades em diversas áreas. A leitura do quadro permite que as discussões se voltem à exploração de causas subjacentes à pobreza, identificando fatores como a concentração de renda, histórico de políticas públicas inadequadas e um ciclo persistente de exclusão social.

Além disso, o quadro sugere meios para que durante a atividade de debate, os estudantes se engajem ativamente, expondo dados e discutindo causas da pobreza no Brasil. Ao falarem sobre os assuntos propostos virão à tona desigualdades sociais que lhes permitirão um debate oral dinâmico e fundamentado sobre a complexidade da pobreza no Brasil.

A roteirização abaixo é apenas uma ilustração de uma forma de desenvolver a atividade, portanto sua adaptação ao contexto é condição sine-qua-non para que o trabalho tenha êxito.

No dia marcado para o evento garanta que o ambiente já esteja de antemão preparado.

- a) Receba o público e acomode-os nos lugares da plateia.
- b) Inicie o evento no horário marcado evitando atrasos.
- c) Grave todo o evento, o recurso em vídeo será um excelente material para a retomada de questões como entonação (trataremos disso na avaliação dessas atividades).
- d) O professor deve abrir o evento apenas indicando do que se trata, sem dar mais informações, essas caberão ao mediador.
- e) Chame o mediador na tribuna para apresentar os debatedores (Caso opte por grupos debatedores, todos deverão ser apresentados individualmente).
- f) O mediador fará então a leitura das regras e condições para o debate.

- g) Providencie um meio para que seja exposto o trecho do podcast com a entrevista que dá base ao debate (trecho da entrevista de Emicida com Ailton Krenak, iniciando em 00:50:00 e terminando em 00:54:44).
- h) Depois de ouvirem o áudio o moderador poderá iniciar a primeira etapa de perguntas. Para essa etapa sugerimos que sejam feitas perguntas por sorteio onde um grupo sorteia a pergunta que será respondida pelo outro grupo.
- i) Com a pergunta sorteada o grupo respondente decide quem dará a resposta, o que pode ser dividido entre os participantes desde que aconteça dentro do tempo estipulado. Recomendamos que sejam feitas duas perguntas para cada grupo com tempo entre três e quatro minutos para resposta.
- j) Encerrada esta rodada faça uma pausa de cinco a dez minutos para retomada da atividade, oportunize nesse tempo o uso de banheiro e outras necessidades da turma.
- k) Retome a atividade na segunda rodada com a participação da plateia, para isso projete ou peça que o moderador leia quatro subtemas que podem ser escolhidos pelo público. Para cada subtema haverá uma pergunta associada, pois o objetivo é criar uma interação entre o público e os respondentes de forma que a resposta em si seja menos importante do que a forma como ela será elaborada. Dê espaço para interação entre os sujeitos dentro do tempo estipulado nas regras.
- l) Encerre a atividade quando todas as perguntas tiverem sido respondidas e se possível quando o maior número de estudantes tiver participado.

Embora a descrição dessa atividade seja extensa, seu desenvolvimento é bastante rápido, ao que sugerimos que uma das duas aulas seja voltada para a organização e a outra para a apresentação. Minha experiência em sala com esse tipo de ação demonstrou que é bastante plausível o tempo de duas aulas divididas da forma como sugiro na descrição.

Para ajudar no tempo de preparação algumas partes podem ser desenvolvidas fora de sala como proposta de *Homework*³², o que para a maioria das escolas não é de grande dificuldade. Para essas, sugiro a partir de minha experiência prática que se

³² Refere-se às tarefas da escola que devem ser feitas em casa, sejam elas estudar ou fazer trabalhos e exercícios.

delegue como tarefa externa a escolha dos subtemas, a seleção de perguntas e a definição de quem debate em cada grupo, assim o tempo é otimizado nos encontros com toda a turma.

Não descrevo aqui detalhes de estrutura, como, por exemplo, o tipo de recipientes para depósito das perguntas, tipo de folhas onde elas serão impressas e outros detalhes que são de mesma ordem, contudo penso que quanto melhor for a qualidade desses detalhes, maior será a importância que os estudantes darão ao desenvolvimento dos trabalhos.

4.3.7 Produção 3 – Debate - “Brasil branco”

Para o segundo debate consideramos a expressão "Brasil branco" utilizada por Ailton Krenak no trecho que inicia em 00: 46:10 do podcast e termina em 00:50:00 e faz referência à visão histórica e social do Brasil, que por muito tempo foi caracterizado por uma estrutura de poder e privilégios destinada principalmente aos “brancos”, enquanto as pessoas de outras etnias enfrentavam discriminação e desvantagens.

É possível ainda a leitura em outro contexto da expressão "Brasil branco", de forma crítica para destacar a falta de representatividade de outras etnias e culturas no país, apontando para a necessidade de reconhecer e valorizar a diversidade étnica e racial brasileira, que vai muito além da predominância branca.

O mais importante é considerar que o significado dessa expressão pode variar de acordo com quem a utiliza e em qual contexto, sendo essencial entender o uso feito pelo entrevistado dentro do momento histórico social em que foi feita a enunciação.

Tempo de duração: 2 aulas

Tema: O Brasil branco.

Objetivo da atividade: Promover debates orais sobre a expressão 'Brasil branco' usada por Ailton Krenak no podcast escolhido para desenvolvimento da proposta didática, explorando como ela revela a estrutura de poder histórica favorecendo os 'brancos' e a partir disso incentivar a expressão de opiniões oralmente, fomentando debates reflexivos sobre questões étnicas na sociedade atual."

Desenvolvimento

Nessa atividade utilizaremos a mesma estrutura do debate anterior, em que haverá duas equipes para debater. Como duas já participaram anteriormente, essa etapa já está predefinida. O tema também já se encontra estabelecido, assim o trabalho pode ser iniciado com a audição do trecho da entrevista com Ailton Krenak em 00:46:10 até 00:50:00. Nesse trecho a fala de Krenak acentua a forma como territórios inteiros deixaram de pertencer aos seus verdadeiros donos e foram se tornando cada vez mais interessantes do ponto de vista comercial.

Para esse debate sugerimos alguns subtemas e perguntas que se vinculam ao tema principal e serão apresentados no quadro 8 e discutido subsequentemente. Será importante a participação ativa de todos os estudantes, elaborando uma seleção a partir da lista sugerida no quadro. Toda a organização para a atividade segue exatamente os moldes da anterior, assim não a descreveremos aqui para evitar repetições desnecessárias e que venham a ser enfadonhas.

O trabalho se inicia com a nomeação do moderador. Essa tarefa minha experiência de sala tende a ser mais fácil no segundo debate devido ao envolvimento feito anteriormente com as duas equipes debatedoras. O professor(a) deve repetir os procedimentos da primeira atividade, apresentando ao moderador sua responsabilidade, ou seja, a de gerenciar o debate, garantindo que as regras sejam seguidas, o tempo seja cumprido e a discussão seja conduzida de maneira organizada. Sendo assim, tão logo sejam decididas as condições do debate o moderador deverá estudá-las para ter domínio sobre sua função no evento. Deixe que assistam novamente o trecho dos cinco minutos iniciais do debate dos candidatos à prefeitura de São Paulo em 2021³³.

A etapa de escolha e preparação do ambiente adequado para o debate já foi indicada anteriormente, acrescentamos aqui apenas uma recomendação de que as situações que eventualmente possam ter apresentado problemas na primeira atividade, agora devem ser sanadas, portanto é essencial que se tome nota de tudo o que acontece durante a organização da atividade por parte dos estudantes.

É de grande importância a conscientização dos estudantes sobre o número de assessores de cada lado, que deve ser o mesmo da apresentação anterior, garantindo

³³Debate na TV Cultura com os candidatos à prefeitura de São Paulo. Acompanhe as propostas dos candidatos à prefeitura de São Paulo [recurso eletrônico]. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-xt5cy2I9Pw>>. Acesso em: 17/11/2023

isonomia das falas e proporcionando ética ao evento. Certifique-se de que a plateia será bem acomodada e poderá acompanhar o debate e se julgar oportuno permita sua interação nas discussões.

Quadro 7 – Subtemas e perguntas do debate 2

Subtema	Pergunta
Representatividade e visibilidade	Como a representação da diversidade étnica na mídia, influencia a percepção da identidade brasileira?
Desigualdades socioeconômicas e raciais	Quais são os principais obstáculos enfrentados pelas comunidades não brancas em termos de acesso à educação, saúde e oportunidades de trabalho?
História e construção social da identidade brasileira	Como a história colonial e a escravidão influenciaram a construção da identidade racial no Brasil?
Estereótipos e representações na cultura popular	"Como os estereótipos étnicos na cultura popular brasileira afetam a percepção e as relações entre grupos étnicos no país?"
Diálogo intercultural	Qual é a importância do diálogo e da interação entre as diversas culturas presentes no Brasil para promover a compreensão mútua e a coexistência harmoniosa?
Currículo escolar e representatividade étnico-racial	"Como a representatividade étnica nas disciplinas escolares impacta a construção da identidade e a compreensão da sociedade no Brasil?"
Acesso igualitário à educação	Quais são os principais obstáculos enfrentados por comunidades não brancas no acesso à educação de qualidade no Brasil?
Impacto da diversidade no ambiente escolar	Como a diversidade étnico-racial presente nas escolas afeta a dinâmica social, o aprendizado e as relações interpessoais entre os alunos?

Fonte: autor

Os subtemas destacados no quadro 7 abordam questões cruciais relacionadas à desigualdade socioeconômica no Brasil, oferecendo uma perspectiva multifacetada sobre a realidade do país. Cada subtema apresenta um enfoque particular que é materializado por meio de uma pergunta. Assim, durante o debate, espera-se que os alunos se envolvam ativamente, refletindo sobre as causas subjacentes à pobreza e discutindo sobre as desigualdades sociais reveladas em cada tópico, produzindo discussões dinâmicas e embasadas e se expressem oralmente, compartilhando não apenas dados e informações, mas também suas análises críticas e perspectivas pessoais sobre os temas em discussão.

Da mesma maneira que foi construído o evento do debate 1, o debate 2 tem uma roteirização semelhante, cuja descrição não apresentaremos aqui para evitar uma repetição desnecessária. Da mesma maneira as orientações feitas na primeira atividade quanto à sua estrutura organizacional se aplicam ao segundo debate.

4.3.8 Apoio para avaliação dos debates

Na etapa de desenvolvimento dos debates fizemos a recomendação de gravação das atividades. Elas vêm ao encontro do objetivo da proposta didática, já que uma retomada feita depois do desenvolvimento das atividades propostas dará aos estudantes a oportunidade de analisarem suas práticas enquanto são mediados por um especialista, o(a) professor(a).

Entendemos que pedagogicamente essa prática seja bastante útil, por isso sugerimos que essas gravações sejam feitas. Embora se trate de um hábito muito comum em tempos atuais, nossa sugestão é de que seja feito apenas pelo professor da turma ou alguém da escola que possa executar essa atividade. Diante da legislação vigente no país, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), existem restrições a este tipo de atividade mesmo com finalidades pedagógicas, e como tratamos com adolescentes, recomenda-se que antes de desenvolver esse item da proposta se faça uma consulta aos gestores da unidade sobre tal procedimento, e qual seja, no momento, o meio legal e autorizado para esta etapa.

Lembramos ainda que o fechamento da atividade não é dependente dessa etapa, será complementar e útil, mas em não podendo ser executado por quaisquer que sejam os motivos, a demonstração que fazemos de uma forma de avaliação dessa atividade serve tanto para a análise do material gravado quanto para orientação enquanto os debates acontecem ao vivo.

Ainda sobre as gravações, podem ser feitas de forma simples, com celulares e sem nada de edição, trata-se de um material de revisão da prática, deve-se atentar apenas para a captura do áudio, quanto melhor ela for, mais facilidade se terá ao desenvolver a retomada. Assim sugerimos uma perspectiva de avaliação como forma de enriquecer a aplicação dessas atividades.

Tempo de duração: 2 aulas

Tema: Avaliação dos debates

Objetivo da atividade: Proporcionar um meio de aferição dos conhecimentos apreendidos pelos estudantes e a partir disso retomar pontos não consolidados nas práticas de oralidade.

Desenvolvimento

Depois de feitos os debates o professor pode reunir a turma novamente em torno do trabalho, caso tenham sido feitas gravações, antes da apresentação aos estudantes deve ser realizado um trabalho de mapeamento de pontos que possam ter sido identificados como oportunidades de melhora das habilidades de oralidade. Assim sugerimos que o docente ao assistir os vídeos tenha bastante cuidado em separar os momentos em que se pode trabalhar questões sobre a oralidade dos relacionados ao estado emocional dos estudantes.

Embora um seja imediatamente ligado ao outro, é visto que o controle emocional se adquire quando o estudante se torna seguro em suas interações. Para ajudar a entender melhor esse processo sugerimos alguns pontos a serem observados durante a verificação dos vídeos pela ótica das habilidades requeridas em enunciações orais.

Existem vários critérios que podem ser considerados, portanto tomaremos apenas o que ao nosso ver são mais relevantes de forma geral. Por ser a oralidade a forma como a linguagem é mediada pela fala, consideramos que elementos como dicção, entonação, linguagem corporal e outros fatores que contribuem para a comunicação verbal sejam relevantes nessa observação.

A clareza na fala dos participantes do vídeo é crucial. É importante avaliar se a dicção é clara e se as palavras são pronunciadas corretamente, além disso a entonação da voz e o ritmo da fala podem influenciar na compreensão e no engajamento do interlocutor. Uma entonação monótona pode ser entediante, enquanto variações no tom podem ajudar a manter o interesse.

Outra condição que é importante à oralidade é a expressividade, expressar emoções durante a fala contribui para a comunicação do que se diz e acrescenta veracidade à fala. O contrário disso também é um recurso interessante, pausas estratégicas e silêncios podem ser tão úteis quanto o próprio discurso verbal. Como já mencionado nessa dissertação, a compreensão de Bakhtin sobre a responsividade em um processo dialógico ajuda a entender que mesmo o silêncio exige uma resposta em uma interação discursiva. E quando executado com intencionalidade contribui para o enriquecimento da comunicação. Gestos, expressões faciais e postura também desempenham um papel na comunicação oral. Eles podem reforçar ou contradizer o discurso verbal.

O vocabulário utilizado deve ser apropriado para o público com quem se está comunicando e a linguagem empregada deve ser clara e compreensível, por isso entender o contexto e a intenção por trás da comunicação oral influencia a escolha do estilo de linguagem e dos elementos que serão utilizados na fala. Por fim deve-se considerar que a oralidade está sendo adaptada para o meio digital, e é necessário levar em conta elementos como tempo de atenção do espectador, otimização para plataformas online, entre outros.

Ao analisar os vídeos com foco na oralidade, é importante considerar esses e outros critérios que se entenda serem importantes ao trabalho de desenvolvimento de habilidades orais para entender como o enunciado é produzido e recebido pelo interlocutor. Caso as gravações não tenham sido feitas, não haverá prejuízo na análise, apenas a condução da atividade deverá ser mais cuidadosa e exigirá a atenção do professor(a) durante a execução da atividade de forma mais intensa. Para auxiliar nessa tarefa o quadro 9 apresenta um pequeno questionário que pode ser útil nessa análise.

Quadro 8 – Critérios de análise de oralidade dos debates

Critério	Pergunta	Sim	Não
Dicção e Clareza	As palavras são pronunciadas de forma clara e compreensível?		
	Há alguma dificuldade em entender o que está sendo dito?		
Entonação e Ritmo	Existe variação na entonação da voz dos falantes?		
	A entonação utilizada condiz com a mensagem que está sendo transmitida?		
Expressividade e Ênfase	Os participantes demonstram emoções ao falar?		
	Eles destacam pontos importantes com ênfase na fala?		
Pausas e Silêncios	Existem pausas estratégicas na fala para destacar ideias ou permitir reflexão?		
	Os silêncios são utilizados para criar suspense ou ênfase?		
Linguagem Corporal	Os gestos e expressões faciais complementam o que está sendo dito?		
	A linguagem corporal reforça a mensagem verbal ou pode causar distração?		
Vocabulário e Nível de Linguagem	O vocabulário utilizado é compreensível para o público?		
	O uso de jargões ou expressões específicas é adequado?		
Contexto e Intenção	A intenção por trás da comunicação é clara e coerente?		
	A mensagem é adaptada para o público e objetivo do trabalho?		

Fonte: autor

Esse quadro apresenta critérios para análise da oralidade durante os debates. O objetivo desses critérios é avaliar e aprimorar a qualidade da expressão oral durante o desenvolvimento das práticas de oralidade. Os pontos sugeridos abordam a dicção, a entonação, a expressividade, as pausas, a linguagem corporal, o vocabulário, o

contexto e a intenção, de forma que busca promover uma comunicação clara, envolvente e eficaz entre os participantes. A intenção de apresentar o recurso não se liga a somente avaliar a performance oral, mas também oferecer diretrizes para melhorar a capacidade de expressão, garantindo que a enunciação seja compreendida de forma clara e coerente pelo público. Esses critérios visam, ainda, ajudar o professor a visualizar e estimular a adaptação dessas enunciações ao contexto de sua produção, desenvolvendo uma interação mais efetiva e envolvente entre os estudantes.

Com os critérios bem definidos, sejam os da sugestão, sejam outros que o professor(a) julgue mais oportuno, é interessante reunir a turma e apresentar o resultado da análise. Esse momento de socialização não deve ser tomado como um julgamento do que é certo ou do que é errado. O objetivo é levar os estudantes a refletirem sobre as possibilidades de melhora de suas habilidades de oralidade.

Sugerimos que antes da retomada cada estudante tenha recebido uma cópia da análise feita pelo professor para que durante a apresentação do material ele mesmo perceba as condições em que se encontra. Nesse momento o professor pontua de forma geral as dificuldades apresentadas.

A avaliação individual será entregue ao estudante antes de começar a análise, e durante esse processo as considerações devem ser feitas geral às dificuldades apresentadas pelo grupo, jamais de forma direta e individual. Entendemos que o desenvolvimento de habilidades orais seja um ponto mais sensível que os demais assuntos de uma aula comum por estar diretamente conectado a emoções e contextos diversos com os quais nem sempre a escola tem gerência. Diante disso ter cautela e bom senso ajudam a prospectar melhores chances de trabalho com a oralidade em sala de aula.

4.3.9 Discussão dos debates

No contexto da proposta o debate implica na percepção de que as vozes dos participantes não existem isoladamente e que sua manifestação refrata o contexto social de sua produção, especialmente quando confrontadas umas com as outras. O encontro de diferentes discursos e pontos de vista possibilita ao seu enunciador a reconstituição de sua visão, do outro e de si mesmo.

Ao comparar o posicionamento de Bakhtin e a perspectiva contemporânea é possível conceber paralelos interessantes e evoluções significativas ao longo da história como por exemplo:

- a) A valorização da interação;
- b) Múltiplas perspectivas;
- c) Meios tecnológicos e globalizados;
- d) Disseminação de informações de forma rápida;

Nesse contexto a ênfase sobre o debate e a interação entre diferentes vozes ocupa um papel central. Destaque-se ainda a diversidade de pontos de vista que naturalmente contêm neles representados um grande número de vozes que refletem e refratam realidades dos sujeitos sociais.

Acreditamos que a escola nesse sentido desempenha um papel crucial na vida sócio-histórica dos estudantes. Ela vai além do papel de ser um local de aprendizagem acadêmica, pois desempenha um papel significativo na formação social, cultural e histórica dos indivíduos. Passa então a ampliação de conceitos como a socialização, o conhecimento histórico e cultural, além da formação da identidade e de valores estão imbricados em sua missão. Assim debater questões de interesse público ou individual estão na linha de atuação da escola.

A inserção de debates como forma de oportunizar os estudantes a refletirem e se posicionarem diante de temas de ordem social, seja por motivação individual ou coletiva coaduna com a necessidade de formação de um sujeito que não se limite a um espaço restrito. Isso se evidencia com a expansão dos meios digitais, que tornaram a interação e o debate em ações que não se limitam mais a apenas espaços físicos, antes possibilitaram também sua ocorrência de maneira significativa em espaços virtuais. Desta forma a informação tornou-se mais acessível e sua disseminação muito mais rápida. Isso significa que o debate pode acontecer em tempo real nas duas dimensões e pode alcançar uma audiência muito mais ampla do que se imaginou em tempos passados.

É na escola que se desenvolve também a formação e transformação das ideias e valores da sociedade, ela, portanto, deve ser um local de inovação e questionamento, onde os estudantes são encorajados a desafiar ideias preestabelecidas e a contribuir para o progresso social, já que a pluralidade de ideias e pensamentos é a espinha dorsal de todo processo de ensino. Apesar disso, observa-se uma tendência à polarização de opiniões o que muitas vezes é um desafio para a

construção de significados compartilhados. Os desafios de manter a autenticidade das fontes e combater a propagação de desinformação também figuram entre as formas mais negativas que podem impactar um debate, especialmente entre adolescentes em desenvolvimento de senso crítico e formas de oralização.

Nessa proposta didática procuramos manter um espaço aos estudantes para a construção de práticas de oralidade nas quais o debate tem um papel singular por permitir essas manifestações de expressividade a partir da leitura mais crítica de assuntos que, como já antes mencionamos, não chegam tão facilmente nas aulas de Língua Portuguesa, ou chegam fragmentados com objetivos muito distantes de serem palco de discussões e construção de novas ideias.

Mais do que encenar uma teatralização na execução das atividades de debate, o objetivo é propiciar aos estudantes, mesmo em uma etapa de formação básica, eventos que os tornem participantes do seu próprio processo de ensino, o que se constitui numa grande diferença se comparado ao modelo em que o estudante é sempre passivo aos ensinamentos a ele propostos.

4.4 ENCERRAMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA

Ao encerrar esta proposta didática não estamos apenas de concluindo um ciclo de atividades com fins de aprendizado, mas também de descobertas e compartilhamento de conhecimentos. Ao longo da descrição das atividades e recursos exploramos os caminhos da escuta ativa e criteriosa de textos, além do engajamento em debates e das reflexões realizadas no seminário final.

A prática da escuta ativa mostra-se determinante para expressarmos a necessidade de um trabalho efetivo com a oralidade na sala de aula. Ouvir atentamente não apenas com os ouvidos, mas com empatia e abertura para compreender as perspectivas alheias, ampliam os horizontes e enriquecem as trocas. A diversificação das formas de apresentação de atividades voltadas para a oralidade e o trabalho com a escuta atenta possibilita o acesso a novos conhecimentos e provoca questionamentos que, quando propostos aos estudantes certamente têm o poder de transformação interior e exterior. Esse movimento de idas e vindas em áudios e conversas torna-se o alicerce para o desenvolvimento da concepção dialógica da linguagem e a valorização de suas interações.

Os debates, por sua vez, formam o cenário onde se propõe os confrontos de ideias, de diferentes opiniões e da construção coletiva de novos entendimentos. Essa dinâmica, ao nosso ver, permite a diversidade de pensamentos e enriquece as reflexões. Também se deve destaque aos seminários, que representam não apenas o resultado final, mas a consolidação do aprendizado adquirido. É nesse espaço onde se convergem as descobertas e esforços coletivos, demonstrando a perfeita sincronia entre o conhecimento, o diálogo e a colaboração. Portanto, encerrar esse ciclo de atividades demonstra que existe uma necessidade de um trabalho sistematizado de práticas de oralidade nas escolas para que o estudante ao passar por ela possa desenvolver habilidades de escuta ativa, de leitura crítica e de argumentação embasada e a capacidade de síntese em situações de interações orais.

Embora se tenha trabalhado no que se refere à produção textual pelos estudantes com gêneros diferentes daquele com que lidaram na escuta de entrevista por podcast, entendemos que para desenvolvimento de práticas de oralidade o seminário e o debate se apresentaram como opções mais robustas e de melhor possibilidade de exploração, em sua interação com a escuta, como contrapalavras dos estudantes, justificando assim seus uso na proposta didática, em detrimento da

produção de podcasts, caso o objetivo estivesse mais centrado no aprendizado do gênero, seja em sua escuta, seja em sua produção textual. Contudo, nosso foco foi na escuta de entrevista por podcast, para o qual julgamos como adequados os gêneros *seminário* e *debate* como contrapalavras finais dos estudantes face às entrevistas ouvidas e estudadas.

Aqui fazer quebra de página.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa explorou a importância das práticas de oralidade e do seu ensino nas aulas de Língua Portuguesa, a partir da discussão feita no referencial teórico, onde procuramos respaldar nossas proposições na concepção dialógica da linguagem e do sujeito, compreendendo que a linguagem é um fenômeno social, e que o sujeito se serve dela em um constante processo de interação com outros sujeitos, sendo suas manifestações permeadas por aspectos ideológicos.

Essa base foi essencial para compreensão dos diferentes contextos que influenciam e moldam a linguagem humana. O ponto principal ao adentrar no ensino do componente de Língua Portuguesa foi destacar as práticas de oralidade como elementos centrais para o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos estudantes.

Com essa reflexão, partimos de uma possibilidade de análise de trabalhos com práticas de oralidade desenvolvidos na educação básica em turmas de 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental nas aulas de Língua Portuguesa. Ao adotar esse caminho, tínhamos apenas o ângulo de visão empírico e individual de que em grande parte das vezes, quando há trabalhos específicos voltados para a prática de oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, eles geralmente têm como objetivo dar suporte para atividades de escrita. Assim a pesquisa foi direcionada em função da elaboração de uma proposta didática que contemplasse o desenvolvimento de práticas de oralidade a partir de um dos seus elementos, a ausculta, ou seja, a escuta atenta.

Com essa definição escolhemos trabalhar na proposta com um gênero discursivo que fosse tipicamente da oralidade, logo, a entrevista se apresentou como um entre tantos caminhos. A consolidação aconteceu ao evidenciar a possibilidade de construção de uma proposta que contivesse a entrevista sendo mediada por um suporte de fácil acesso aos professores e estudantes, e que se adequasse ao contexto juvenil com certa familiaridade pelo público estudante.

Assim pudemos chegar até as entrevistas por podcast, que se apresentou como uma boa opção no estudo da escuta ativa pelo grande potencial de comunicação e sua forma de apresentação. Pela ótica do ensino e da aprendizagem, o propósito não foi aprofundar o conhecimento do gênero *entrevista*, nem sequer no podcast, e sim permitir aos estudantes fazer releituras dos conteúdos das entrevistas por podcast a partir de sua escuta, compreendendo certos posicionamentos diante de interações polêmicas e tomar posição frente a eles.

Ao observarmos que o podcast não é apenas um recurso versátil, mas também um estímulo para a compreensão e reflexão sobre temas relevantes da sociedade, e que esse suporte nos permitia um percurso educativo delineado, passamos a abordar a escuta de entrevistas por podcast como ponto de partida para o aprimoramento das práticas de oralidade com propósitos diferentes dos que naturalmente se encontram nas aulas do componente de Língua Portuguesa, ou seja, como apenas suporte para atividades de escrita.

Portanto, as atividades propostas visaram não apenas o desenvolvimento da expressão oral, mas também um estímulo ao pensamento crítico, à argumentação sustentada e à síntese na construção coletiva do conhecimento. Para tanto, foi necessária a construção de um arcabouço teórico sob o qual passamos a interpretar as ações dos sujeitos em sua interação com o “outro” sendo atravessada pelos contextos históricos e sociais.

Dessa interpretação veio a concepção de que nas escolhas de linguagem que são feitas, o resultado final é a materialização do discurso, ou seja, o enunciado. Assim fundamentamos o nosso entendimento de que essa materialização tem como produto o reflexo e a refração das formas e das condições sociais de produção e de enunciação da linguagem, conforme Rodrigues (2001). Ademais ficou claro a nós que esses enunciados se conectam a meios ou suportes, possibilitando interações, ações e reações, na construção de projetos de dizer e agir dos sujeitos nas mais diversas situações sociais de interação, e que o destaque fica sobre a linguagem verbal, em suas mediações orais ou escritas.

Nossas lentes foram então direcionadas para aproximar especificamente as interações mediadas pelas práticas de oralidade e todas as enunciações comunicativas, produzidas por meio desse sistema semiótico. Embasamos a partir desses elementos estruturantes uma caminhada pelos escritos do Círculo de Bakhtin e de estudiosos contemporâneos que se dedicam a comentar seus escritos.

Diante de leituras e observações nesses estudos, o ponto mais importante foi quanto ao tratamento dado pelos estudiosos do Círculo aos diferentes sistemas semióticos. Destaquem-se as notáveis considerações de Bakhtin sobre a linguagem verbal, especialmente quanto as propriedades da língua, como a sua ubiquidade e a particularidade de não ter outra função além de ser signo (VOLÓCHINOV 2017 [1929]); (BAKHTIN 2003 [1979]).

Já com uma base de sustentação lançada, trilhamos então sobre a proposição de que uma sociedade que se torna complexa a cada tempo requer cada vez mais compreensão de seus processos comunicativos que, por consequência, também se tornam mais complexos. Dessa maneira passamos a entender que havia uma importância nos seguimentos de pesquisas que mantivessem foco na modalidade oral de uso da linguagem, levando em consideração sua força no ensino e aprendizagem na esfera escolar em um contexto de complexidade das relações humanas.

Então iniciamos o trabalho, como foi apresentado na introdução dessa dissertação, entendendo primeiramente que há divergências sobre a definição do seja um ensino e aprendizagem de práticas de oralidade na esfera escolar, mas que apesar disso, também existe concordância quanto a necessidade desse ensino nas salas de aula. E como já mencionado, foi necessário para desenvolvimento desse trabalho a criação de um elo entre a premissa de que a oralidade está presente no cotidiano de todos os sujeitos natural e espontaneamente, e de que os sujeitos que se servem da linguagem para suas relações sociais fazem uso dessa oralidade em sua dimensão comunicativa como meio para suas interações especialmente nas situações de interlocução.

Ao estabelecer esse vínculo, não foi mais possível distanciar-se da compreensão, que vem do Círculo de Bakhtin, de que nas relações de interação é constituído um sujeito que é, antes de qualquer outra coisa, um ser de natureza social, e, portanto, suscetível às transformações de ordem histórica e cultural que se dão nas diferentes camadas da sociedade onde esse sujeito se encontra. Dito de outra maneira, o sujeito interpreta suas relações com base nos conhecimentos e experiências adquiridos e nos procedimentos éticos provenientes de sua cultura e das esferas sociais em que vive.

Nessa perspectiva, assim, essa dissertação buscou fazer primeiramente uma reflexão sobre a utilização de práticas orais nas aulas de Língua Portuguesa como um meio de ensino e aprendizagem, assumindo que elas devam ser desenvolvidas de

forma sistematizada tanto quanto qualquer outra área do conhecimento no processo de ensino nas escolas brasileiras, onde esse é bastante rarefeito. Depois disso o intuito foi verificar quais eram os pontos mais sensíveis quanto ao uso da oralidade, tanto pelo olhar do professor de Língua Portuguesa, quanto pelo estudante desse componente.

Como resultado dessa reflexão encontramos uma dualidade que de um lado é composta por estudantes que já trazem um conhecimento desenvolvido como suporte às necessidades tanto comunicativas quanto de interação social conforme aponta Geraldi (2013, p. 119), e do outro lado composto por professores que reconhecem a necessidade de fortalecer o ensino da Língua Portuguesa com as práticas de oralidade. Por se tratar de um assunto bastante extenso e de difícil abordagem, que não teríamos como exaurir em um único trabalho, resolvemos materializar as inferências e conclusões em uma proposta didática que buscou contemplar algumas das possibilidades de trabalho com a escuta de textos da modalidade oral, visando o desenvolvimento de práticas de oralidade nas aulas de Língua Portuguesa.

Três pontos foram então considerados nesse contexto: 1. a construção do conhecimento por meio do dialogismo, 2. o desenvolvimento da linguagem oral na interação com o “*outro*” e 3. a construção de significados a partir da escuta dos textos provenientes modalidade oral. Considerando a construção do conhecimento de forma dialógica, foi necessário refletir sobre como Bakhtin e o Círculo sustentam que, em um processo dialógico, os sujeitos da interação verbal carregam em sua constituição um movimento de deslocamento que se projeta para fora de si mesmo (sua exotopia). Essa projeção de (re)constituição feita pelo sujeito a partir do que o “*outro*” diz sobre ele lhe permite fazer considerações a partir de uma perspectiva externa, que lhe é dada pelo “outro” (BAKHTIN, 2003 [1979]). Diante disso, entendemos que a construção do conhecimento não é inata ao sujeito, mas provém de um agremiado de interações e manifestações sociais que são entrecortadas pela cultura e pela história.

Já o desenvolvimento da linguagem oral por meio da interação com o “outro” aparece imbricado à concepção dialógica da linguagem, uma vez que a oralidade é uma das formas de manifestação dessa interação social entre os sujeitos e que propicia a construção do conhecimento de modo compartilhado.

Portanto, a exotopia bakhtiniana permite observar que a oralidade reforça a ideia de que toda enunciação é essencialmente influenciada por uma gama de vozes e perspectivas, refletindo a complexidade e a diversidade das interações linguísticas.

A partir desse ponto, um ensino e aprendizagem que se desenvolva na valorização da linguagem oral a partir da interação com “outro”, não deixará à margem trabalhos com práticas de compreensão auditiva, expressão oral e fluência verbal, tornando a capacidade de usar a linguagem de forma eficaz em diferentes contextos como um recurso de produção de relações nas mais diferentes esferas da sociedade.

Então se conclui com base nisso que o trabalho com as práticas de oralidade nas aulas de Língua Portuguesa é de relevância dado ao fato que como afirma Rodrigues (2001, p. 9), que a linguagem é a materialização das atividades desenvolvidas pelos seres humanos em suas relações de sociedade, não devendo, portanto, servir apenas como um recurso de suporte para outros sistemas semióticos, antes precisa ser evidenciado e sistematizado no trabalho da escola.

Além disso, o trabalho com as práticas de oralidade na escola faz com que os estudantes se envolvam em situações reais de comunicação, onde a linguagem é usada para resolver problemas, tomar decisões e alcançar objetivos práticos. Essa função social da linguagem oportuniza uma melhor compreensão das diferentes formas de apresentação da cultura, da história e da sociedade ao nosso redor, especialmente quando mediada pela fala.

REFERÊNCIAS

Assunto em Pauta: **RACISMO** [vídeo online]. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mJhYbOmOgVo>. Acesso em: 11 fev. 2023.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

BAUMGÄRTNER, Carmen Terezinha. **Orientações Curriculares e Ensino da Oralidade na Escola**. In: COSTA-HÜBES, Terezinha (Org.). *Práticas Sociais de Linguagem: Reflexões sobre Oralidade e Escrita no Ensino*. Mercado das letras, 2015, p. 43-76.

BENTES, Anna Christina. **Oralidade Política e Direitos Humanos**. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa: Oralidade, Escrita, Leitura*. Editora Contexto, 2011, p. 41-53.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:
< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 18/11/2023

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRILLINGER, Mauricio de Souza. **O Gênero Jornalístico Artigo no Livro Didático: Um Estudo da Elaboração Didática**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

CHAMAÊ. **#04 Emicida entrevista Ailton Krenak | Podcast** [recurso eletrônico]. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nBYMr0Y1ITk&t=506s>>. Acesso em: 17/11/2023.

CAST NEWS. **Maiores podcasts do Brasil**. Disponível em:
<<https://www.castnews.com.br/maiores-podcasts-do-brasil/>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COSTA-HÜBES, Terezinha (Org.). **Práticas Sociais de Linguagem: Reflexões sobre Oralidade e Escrita no Ensino**. Mercado das Letras, 2015.

"Dicionário Aurélio. s/d. Provocação. In: FERREIRA, A. B. H. de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 1152."

ELIAS, Vanda Maria (Organizadora). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 256p.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira: natureza,**

potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

EMICIDA. **Provocações Retrô** [recurso eletrônico]. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-v3tSameGE0>>. Acesso em: 17/11/2023

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 252p.

HISTÓRIA DA TECNOLOGIA. **A história dos podcasts** [recurso eletrônico]. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wScDZIB5vAk>>. Acesso em: 17/11/2023

KRENAK, Ailton. **Índio cidadão?** - Grito 3 [recurso eletrônico]. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q&t=1s>. Acesso em: 17/11/2023.

MACHADO, I. **“Gêneros discursivos”**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 151-166

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez Editora, 2010. 133 p.

MONEY TIMES. **Nubank fará parceria com Emicida para reforçar a importância da educação financeira.** Disponível em: <<https://www.moneytimes.com.br/nubank-fara-parceria-com-emicida-para-reforcar-a-importancia-da-educacao-financeira/>>. Acesso em: 18/11/2023.

O ASSUNTO. O Assunto #1.063: **O Brasil no topo da ginástica artística mundial** [recurso eletrônico]. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/10/10/o-assunto-1063-o-brasil-no-topo-da-ginastica-artistica-mundial.ghtml>>. Acesso em: 17/11/2023

PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). **Prática de Análise Linguística nas Aulas de Língua Portuguesa.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 529p.

Revista Exame. (2022). **Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo.** Exame. Disponível em <<https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consume-podcast-no-mundo/>>. Acesso em: 17/11/2023

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

SILVA, N. R. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2007.

SOBRAL, Adail. "**Ato/Atividade e Evento**". In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. Editora Contexto, 2005.

_____, 2009, p. 47-60 apud FREITAS et al., 2015, p. 50-55. Disponível em:
<<https://abrir.link/JFGmY> > Acesso em 18/11/2023

TV CULTURA. Debate na TV Cultura: **Acompanhe as propostas dos candidatos à prefeitura de São Paulo** [recurso eletrônico]. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=-xt5cy2l9Pw>>. Acesso em: 17/11/2023

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução e notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM AILTON KRENAK FEITO POR EMICIDA NO PODCST CHAMAÊ

O texto abaixo contém a transcrição do áudio da entrevista por podcast que embasou a proposta didática. Foi respeitada a fala dos interlocutores com suas variações linguísticas e estilos, sendo feitas apenas as correções de repetição de palavras que sendo características da fala impediriam a compreensão da leitura do texto escrito. Os tempos referenciados são fidedignos ao áudio da entrevista.

00:00:00

Introdução

00:01:13

(Emicida)

Tem uma velha cantiga mineira cantada pelos escravizados que trabalhavam nas fazendas e nas Minas. Ali para os lados de Diamantina. Nessa cantiga, eles saudavam a Lua cedinho e quando ainda estava escuro, todos eles saíam para trabalhar fazendo esse diálogo. Cortando a madrugada entoando esse lamento, essa cantiga especial tinha uma poesia linda, porque ela pedia de manhã para a lua fazer um furo pequenininho no grande véu da noite, para que assim o Sol pudesse surgir e o dia pudesse nascer. Conversar com a Lua, com a noite, com os animais, com as plantas, com centenas de dezenas, milhares de entidades, entender-se como parte, não como dono do planeta e dos recursos dele, é uma forma de ver o mundo que também faz parte da experiência de vida do nosso convidado. Nessa noite, eu, Emicida, tenho a honra de receber aqui alguém que eu tenho como mestre, uma referência. E, mais do que isso, o ser humano fundamental, cujas ideias que pretendem adiar o fim do mundo, interessam a todo aquele que sonha com o Brasil, onde a população, toda ela tem a oportunidade de viver com dignidade, assim como aqueles homens e mulheres do passado. Eles saem mundo afora com seus livros, suas conversas, suas movimentações, fazendo com que a escuridão trazida por esse pássaro da morte que foi a colonização se dissipe e assim um sol de Esperança possa brilhar sobre todos nós, senhoras e senhores. É uma honra estar aqui, junto de Ailton krenak, seja bem-vindo, mestre.

00:03:06

(Ailton)

Viva! Que texto bonito.

(Emicida)

Fiquei pensando muito nesse. Essa é uma cantiga que ficou fora daquele disco dos anos 70. O canto dos escravos, que foi um disco gravado pela Clementina de Jesus, Geraldo filme e Tia Doca de alguma maneira eu não sei por que acho que eles não conseguiram encontrar a melodia, então eles acabaram não gravando a essa canção, mas essa canção é uma das mais bonitas, uma canção da madrugada, uma canção de quando você levanta cedo e o Sol ainda me levantou. Se acaba surpreendendo o Sol, sabe? E fiquei pensando muito que esse tipo de relação é algo que a gente vai perdendo com o tempo, sabe? Principalmente nessa vida urbana que a gente leva num lugar como São Paulo, eu moro num lugar que ele é cheio de Sabiá Laranjeira e o Sabiá Laranjeira. Lá ele canta 4 horas da manhã que nem essas pessoas da cantiga, e aí fui dar uma lida. Eu vi um cara falando que o sabiá laranjeiro certo dele é cantar no meio do dia, vai num lugar como São Paulo, ele não pode cantar no meio do dia porque tem o barulho do carro, o barulho do caminhão, o barulho do avião, o barulho do helicóptero, barulho das pessoas, então ele tem que cantar 4 horas da manhã e rezar para que a namorada dele escute e assim ele possa procriar.

00:04:20

(Ailton)

Bonito essa história também, acordar antes do Sol despertar antes do Sol ou chamar o Sol, chamar a Lua são mesmo modos de viver na Terra que estão diminuindo a possibilidade de ser uma experiência de comunidades humanas, talvez ele possa continuar sendo experiência de um ou outro indivíduo, porque esse, esse indivíduo, essa pessoa, escolheu reter uma poética de existência que não trocou isso por dinheiro, não trocou isso por mercadoria. Quer dizer, não negociou na experiência de estar vivo e de estar experimentando Ano magia, né? Experimentando magia, escutando Estrela, vendo Estrela, lendo Estrela, escutando a Montanha eu fiquei muito feliz com o fato de eu ter incluído num dos meus textos a antiga amizade que os krenak tem como a Montanha, o Tacrocra aqui em frente da nossa aldeia tem um Rio do outro lado do Rio, tem o Tacrocra.

Aí eu abri essa história que para nós é nossa convivência. E ela causou uma admiração tão grande nas pessoas que viram, como essa canção que você lembrou que ficou perdida na história, né? E um menino do Rio de Janeiro me mandou, depois me achou, me mandou notícia dizendo, cara, você me fez olhar nas Montanhas que tem aqui na minha cidade, eu moro aqui, eu estou na Gávea e eu nunca tinha sentido que eu podia em algum horário, seja de madrugada ou durante o dia, olhar a Montanha, escolher um lugar onde eu quero conversar com essa Montanha e você me devolveu a Montanha, cara, me deu uma Alegria tão grande. Devolver a Montanha para um para um rapaz que nasceu ali. Foi eu nasci aqui nunca e toquei que eu podia me relacionar com essa paisagem de uma maneira viva, porque eu achava que isso aqui não tinha nada para me dizer quando você me falou aquilo, cara, para mim, é como se você tivesse me dado um passe livre para eu conversar com essas Montanhas aqui e para eu começar a entender, qual que é a dela.

00:06:49

(Emicida)

Parece com tirar o rosto da água, não parece? Você abre uma janela para as pessoas acessarem o mundo novamente, porque me parece que a gente tem vivido de uma maneira onde a gente coloca uma máscara em cima da realidade e começa a se relacionar com a realidade como se ela fosse muito menor do que ela de fato é. Será.

00:07:12

(Ailton)

Sim, eu sinto isso e imagina que eu morei 19 anos em São Paulo na capital, bom por aí. Entre o Butantan, o Embu. Nessas beiradas, mas circulando muito, então teve um momento que eu olhei assim e falei, isso aqui é uma, é um obturador, um obturador de imaginário. Aqui, você é exigido se enquadrar e estabelecer uma leitura de mundo compartilhada tipo assim, você tem que ver. O mundo do jeito que aquele cara que está do seu lado veio do jeito que aquele outro ali vê. Se você ficar dissonante deles, você não cabe aqui. Então eu acho que todo mundo que veio de fora São Paulo para cá. Ele chegou aqui em São Paulo e foi reeducado para ver as coisas desse jeito, aprender a estar. Então eu acho que é uma domesticação do imaginário.

(Emicida)

Um achatamento.

(Ailton)

É um achatamento. Eu não queria te contar, mas sabe qual que é a imagem que me ocorreu? É daquele burro.

(Emicida)

Como tapeira, né?

(Ailton)

É que é aquele que puxa a carroça. Aí eu pensei, esse mundo, esse mundo em quadrante, ele tem a ver com o mundo de trabalho. Não é? Então, para você ter disciplina dentro desse mundo do trabalho, você não pode imaginando nada, você tem que ter uma visão Chapada do cotidiano e da realidade. Quanto mais você treina isso, mais você sobrevive nisso e dá uma sensação de realização escapar disso, escapar disso, então, é escapar disso. É um desafio imenso, sim, porque você olha lá fora, é perigoso, uma fora cheia de Montanhas que falam de nuvens que cura de lua, que fura nuvem, que o Sol passar. Tem muita coisa acontecendo lá fora, esse lá fora, na verdade é fora da cabeça, sair do cabeção.

(Emicida)

A gente estava falando desse negócio de realismo fantástico. Adorei que você começou a falar dessa magia da qual a gente é tolhido, sabe que fala uma coisa bonita também nesse sentido, a Flávia Oliveira, que é uma amiga nossa do Rio de Janeiro, ela fala que o realismo fantástico, na verdade, é exatamente a colheita dessa magia e a tentativa de colocar ele numa caixinha, colocar essa realidade de uma caixinha do gênero literário somente, mas na verdade, essa experiência faz justiça, vamos dizer assim, a forma de ver o mundo nesse pedaço do planeta.

00:09:47

(Ailton)

Maravilha, é isso aí. Eu ainda observo que quem chamou isso de realismo fantástico foi o mundo das letras, porque as pessoas mesmo que narram essas histórias, eles não tinham intimado com esse sentido fantástico, porque eles vivem essa experiência é como vida tão maravilhoso. Eu acho que o menino lá do Rio que falou comigo, você me devolveu essas Montanhas. Agora eu posso olhar para elas e ver que elas existem. Ele estava, de certa maneira, retomando esse lugar. Esse lugar fantástico, que não precisa estar enquadrado em nenhum, nenhuma literatura, em nenhum, em nenhum cinema, em nenhuma narrativa, porque ele tem uma maravilha que ele continua. existindo, ele não está adotado, ele não acabou. O que pode acontecer é

que as pessoas deixam de ter tempo para viver essas experiências. A pessoa precisa ter tempo para viver uma experiência dessa.

00:10:45

(Emicida)

Sim, essa coisa que você estava falando do jumento com a com a tapeira, isso afeta inclusive nossa noção de tempo, né? E de importância, porque a vida vai te condicionando nesse lugar espremido a ser cada engrenagem sua única função em produzir, produzir, produzir, sabe-se lá para quê, mas continuar produzindo, produzindo, produzindo. É hoje eu atrasei aquilo que eu estava no aeroporto e deu algum problema no avião. Não sei se era o piloto de fato, mas ele veio avisar, teve um problema uma luz acendeu aqui. A gente vai ter que voltar e ver o mecanismo. E teve um cara que ele ficou bravo, ficou possesso porque ele tinha um compromisso, ou seja, é tão absurdo que uma pessoa veio avisar a ele que o mecanismo do negócio, que vai ficar 10.000 pés, estava com problema, precisava ser revisto, e a única coisa na qual o cara conseguia se concentrar era o compromisso, sem noção de tudo, sabe? Tapado mesmo, sabe um distanciamento da realidade absoluta.

00:11:47

(Ailton)

A vida é fruição? Não tem jeito de você enquadrar. E uma pessoa dessa só sofre, ele sofre e faz os outros também sofrer, né? Porque ele cria uma confusão danada. Imagina, ele vai fazer o quê? A piada interessante que podia acontecer. Daí a charge seria abrir a janela do avião e falar, então pula.

00:12:11

(Emicida)

O senhor está atrasado. Vá!

00:12:14

(Ailton)

Entendeu? A gente vai buscar aqui consertando o avião. Então assim, porque é isso mesmo, impede o sentido. A pessoa chega num ponto que necrosa, ele não vai, ele não vai escutar mais o Sabiá. Ele não vai ver mais o Sol, nem a Lua, porque ele vai ficar nesse turbo. Eu tenho observado isso e parece que eu passei a observar isso da maneira mais privilegiada quando eu fui morar num lugar que qualquer coisa urbana está a 30 km. Se você tiver que comprar um, sei lá, uma aspirina você vai ter que viajar 30 km e isso o exemplo da aspirina e os 30 km, é interessante porque eles te

dão uma escala de coisas. Você vê também como é estar lá na beira do Rio, entendeu? Tudo pode acontecer, inclusive de acender luzinha, apagar luzinha e não faz diferença nenhuma.

00:13:10

(Emicida)

Mas sabe que tem uma coisa do funcionamento do próprio corpo humano. Quando você se submete a esse tipo de distância para um ato lá no meio da Serra. E eu morava na zona norte, no Tucuruvi do Lago do metrô, do lado de uma avenida muito barulhenta, eu trabalho com música. Com o passar do tempo, eu comecei a perceber que a minha audição estava ficando menos sensível. Eu estava desenvolvendo uma espécie de surdez para, perdendo audição, né? Eu fui fazer uma consulta e descobri que, de fato, estava perdendo minha audição. Eu mudei para um bairro um pouco mais silencioso e a médica me disse que é muito preocupante quando você começa a perder a sua audição, porque não volta. Sabe, então você tem que tomar muito cuidado com o nível do ruído ao qual você está submetido, e tudo isso vira o que se chama de ruído branco. Você ouve, nem percebe que você está ouvindo, é barulho de carro que é vibração do caminhão, é o som que passa alto na esquina da sua casa e até que eu mudei para o Mato e só o fato de me mudar para o meio do Mato, acho que a gente até conversou. Eu tinha. Estava lembra que a gente estava falando sobre Terra, Terra e território e tal. Isso, e com o passar do tempo, eu fui sentindo uma sensibilidade da minha audição novamente, então o próprio corpo humano responde. A esse novo ambiente. Sabe essa coisa dos 30 km e aspirina.

00:14:32

(Ailton)

Responde. Ele responde, se a gente pudesse usar o termo qualidade, ele responde, devolvendo qualidade. É isso, devolvendo qualidade. Quem sabe na vida a única, o único valor que a gente deveria estimar é a qualidade, a qualidade da vida. As outras coisas não, mas o as camadas de ruído que vão se constituindo, elas vão. Deixando a gente totalmente duro também. A pessoa perde a capacidade de sair depois daquele lugar, eu acho que tem muita gente que não sai, não é porque não pode não. Ele tem os meios materiais para sair, mas ele está drogado, com aquele barulho, com aquela situação toda, aquela coisa *Trash*. Aquilo passou a fazer parte do de um certo mundo dele e isso é terrível. Eu acho isso assim, uma perda de sentido da vida tão grave que o desdobramento dele para mim é um estrago. Tipo assim, a gente vira uma

humanidade estragada, porque deixa de ser uma questão de uma pessoa, de uma família, de uma cidade. Ela passa a naturalizar, por exemplo, o bombardeio de uma região do mundo, uma região do mundo é bombardeada. E você vir e fala, ah, então tem café aí. O café está bom né? Outra coisa estraga, entendeu? Uma geleira descola e sai rodando. E é uma erosão, é erosão da vida. Eu sei que para algumas pessoas eles podem pensar, ah, mas o Krenak agora ele vira um filósofo, ele fica num lugar onde ele pode ver coisas que a gente não vê, não. Eu não troquei de óculos, todo mundo pode ver o que eu vejo, só que tem gente que não quer ver. Ele enfiou a cara naquele tampão e está muito bom.

00:16:31

(Emicida)

Na verdade, eu acho que não é nem bom, eu acho que também não é bom, porque essa pessoa às vezes ela se cerca tanto de bugiganga, de distração, porque à medida que você vai se distanciando da experiência da vida real, seu pior pesadelo é encontrar com você mesmo. Parar, né? Sabe? Porque você chega na frente do espelho e vê o que que você se transformou, sabe, e ninguém quer olhar no espelho e ser só uma engrenagem. A gente gosta de acreditar que a gente tem todas as faculdades mentais em dia que a gente tem todas as capacidades que o ser humano é o topo da cadeia alimentar e que você é um ótimo representante desse topo da cadeia alimentar, sabe? Eu acho que olhar no espelho e encarar essa fragilidade, mesmo esse detalhe, grandão mesmo. Grandão mesmo na cadeia alimentar é tubarão, é o leão. Se eles nos pegam parça acabou babau.

00:17:29

(Ailton)

Então, o que me incomoda é que eles perderam a Liberdade de pegar gente. Quando eu mencionei as geleiras que estão descolando, quando uma geleira descola centenas de outros seres que deveriam estar em outro lugar nessa cadeia. Ele simplesmente vai ser extinto aquele urso maravilhoso, aquele incrível urso polar. Eles estão acabando. Quebrou o ciclo de reprodução desse já estão acabando, não sei, ninguém vai caçar ele porque a gente alterou, alterou tanto o ecossistema que, em algumas espécies não desaparecessem sem a gente caçar eles.

00:18:06

(Emicida)

Eu estava vendo uma coisa esses dias, uma coisa da só, da mudança do ambiente dele, Como Ele É branco, ele se camufla na neve. O derretimento faz com que a Terra apareça novamente. A presa dele percebe a chegada dele de longe, então ele começa a sofrer com fome.

(Ailton)

É ele está ficando da cor dessa mesa. Né? Porque antes ele ficava camuflado no gelo. Agora ele começa a aparecer um cara enferrujado, né?

(Emicida)

Você falou uma coisa que me chamou atenção porque é, é algo que eu sempre penso quando a gente conversa. Você falou dessa coisa da realidade fantástica. E parar dentro do mundo das letras e o mundo das letras precisar dar essa espremida dentro de um conceito para ver se consegue abraçar toda essa realidade, a gente conversa, eu vejo que você usa vários emojis, sabe? Os desenhinhos?

00:18:59

(Ailton)

Sim, é folhinhas, os bichinhos.

(Emicida)

Símbolo pra caramba. Eu queria muito conversar com você sobre isso. Se é planta, planeta, Terra, raio de sol, isso em mim. Isso porque todo alfabeto tem suas limitações, né? O alfabeto Romano tem suas limitações. Não é? Código binário, que é a linguagem do mundo digital, super limitado, e quando você lança mão desse símbolo, eu fico pensando na força de comunicação de uma imagem, como que olhar para o planeta Terra continua sendo forte, mesmo que seja um desenhinho dele?

(Ailton)

O mais o mais secreto da história é que eu fazia para mim, não era para os outros e aí eu comecei a perceber que as pessoas que se comunicavam comigo sentiam. Como se eu estivesse acrescentando alguma coisa na nossa comunicação. E aí eles começaram também a responder para mim, me provocar. Alguns falam, inclusive ei e manda aí aquelas folhinhas, aqueles desenhinhos, você esqueceu dos desenhos? Não, não esqueci. Nunca estava correndo demais.

00:20:03

(Emicida)

Não para mim, assim ninguém consegue. Se alguém fosse passar pelo Ailton krenak, se essa pessoa não utilizar os emojis, eu sei que não é o Ailton.

00:20:15

(Emicida)

Daí tem uma coisa que eu acho é bacana porque, por exemplo, o nosso alfabeto, ele não é um alfabeto imagético, ele cria imagens, a gente fala e cria essas imagens na nossa cabeça. Mas, por exemplo, é os ideogramas da Ásia. Eles remetem a uma imagem. Eu comprei um livro para minha filha de chinês para crianças. E é bem legal mesmo. E aí você pega, por exemplo, o ideograma que representa a palavra árvore. De fato, ele se parece com uma árvore. O ideograma que representa a palavra bosque. Eles são 2 árvores. Quando são 3, ele representa a palavra floresta, então a imagem por si só ela já diz muita coisa no nosso alfabeto. Se a gente pega, por exemplo, uma palavra tipo árvore, por exemplo, ou torre, que letra mais parecida com uma torre seria a letra i, mas não tem uma palavra, torre. Não conecta a nossa mente diretamente uma torre. Agora esses outros ideogramas, esses outros alfabetos, essas outras linguagens, elas são imagéticas e eu sempre, quando você me responde, você manda uma mensagem ali vem, folhinha, vem planeta, vem água, vem, raio de chuva. Eu sempre penso nessa coisa que conecta instantaneamente.

00:21:39

(Ailton)

Eu acho que você pensa, que eu estou insistindo numa linguagem que não é o grego é, é porque no final das contas, essa grafia que a gente usa, ela saiu de algum lugar lá da Grécia, circulou até chegar na nesse nosso alfabeto, né? E alguém já me disse uma vez, Ailton, quando eu escuto as línguas nativas, quando eu escuto os velhos, principalmente falando suas línguas nativas do país eu vejo imagens quando eles estão falando e eu fico pensando, que loucura que seria expressar essas imagens dessas falas com outros tipos de grafia que não fosse essa que se disseminou, né, que é uma escrita alfabética. Aí a gente fala, olha, provavelmente iria ser muito mais fluída a comunicação, essa ideia é da escrita e da fala, é um ambiente que eu insisto em. Ele é essa coisa da oralidade, então eu acho que a oralidade ela sugere imagens a escrita resume, quando você faz um parágrafo, você resumiu o mundo de imagens que uma fala proporciona um enunciado, qualquer. Um enunciado é a hora que você dispara e dispara imagens, mas a hora que você põe no papel, você não encomendar nada, e talvez diferentes leitores, não tem diferentes imagens daquela daquele mesmo parágrafo daquela mesma frase, mas foi muito interessante você dizer que já tem então chinês para criança.

00:23:22

(Emicida)

É e é bom porque mostra também. Eu acho que a gente é pouco, é nessa experiência. Achatada na vida urbana, principalmente no mundo ocidental, a gente é pouco apresentado à pluralidade do mundo. Parece que tudo é cidade, tudo é carro, tudo é internet. Então tem a oportunidade de ver não só que tem um negócio diferente lá do outro lado do mundo. E o negócio diferente aqui do outro lado da sua cidade. Então a gente faz olhar e pensar que essa experiência não é única, não é a única forma de viver. Tem uma pessoa ali na esquina que vê o mundo de uma maneira radicalmente diferente da sua, né?

00:24:00

(Ailton)

Eu fui surpreendido hoje de manhã com uma conversa com a superintendência de educação escolar lá no Rio. São centenas, milhares de professores que estão dentro daquela rede e a superintendência de educação escola não queria que eu falasse. Sobre a experiência do professor, né? Inspirar o professor numa nova relação com a sala de aula, com os meninos, porque está passando por uma dificuldade. Agora, a volta da pandemia e tal tem um desencontro de partes. Aí eu pensei, o que que eu podia trazer para essa conversa com os professores no último período do fundamenta 2. Essa faixa ali é sensível pra caramba. Uma conversa com a turma dessa e o que me ocorreu foi lembrar que se você está numa sala de aula com 30 ou 40 meninos e meninas, você tem que fazer um bom esforço para você lembrar que cada um deles é um. Essa é a minha conversa com aquele professor que está passando por essa transição para ver se eu ajudo ele a se aproximar dessa nova perspectiva da relação sala de aula é claro que em primeiro lugar eu botei em questão a própria sala de aula, mas já que ela existe vamos arrumar uma maneira da gente ser gentil com aquele canteiro de flores, que são aquelas crianças que estão ali dentro, lidar com elas como cada uma é uma flor lida com elas desse jeito. O superintendente que estava conversando comigo falou comigo, está, mas se eu propuser isso para o secretário de educação ou para o governador, eles vão me dizer, está? Eu não consigo tratar cada um como um, eu estou falando disso porque você falou de uma coisa no interior. Que sugere que esse mundo admite que cada um tem a sua própria. E aí quando eu falei isso para as crianças por trato do professor com as crianças em sala de aula. Estremeceu geral que na verdade então dizer assim, você não está me ajudando, eu

te convidei para me ajudar. Então o tema é professor de quê, professor de quem? Essas 2 perguntas, professor de quê, professor, de quem? Se cada serzinho que está ali naquela sala é único. Eu inverti a proposta. Eu disse que a gente deveria perguntar para eles o que é que é para a gente fazer? Porque são novidade. Eles vieram a Terra como novidade. Nós estamos é dizer para eles o óbvio, que a gente já está careca de crer, a gente não consegue ouvir o que eles trazem. E quando a conversa consegue ser sensível e inteligente, a conversa, ela pode chegar num termo que diz o seguinte, todo ser que aporta a vida aqui na Terra, seja humano ou não, humano. Ele é a novidade. A novidade em todos os sentidos, inclusive no DNA. Tudo novo. Aí você entra em contacto com algo que é tudo novo e enche ele de ideias velhas. Eu falei que a escola fazia isso. Ela pega um ser que chegou todo novo e enche de ideias velhas, não me venha com esse papo de uma pedagogia inteligente, de uma pedagogia bacana, é claro, a gente pode encomendar a pedagogias em francês, em chinês, em qualquer língua. A questão é que cada ser que aporta aqui na Terra, ele é pronto. Eu não gosto de usar termos muito tecnológicos, mas ele é um chip configurado quanto e a gente esculhamba com ele dando ideias Velhas, preconceituosas, totalmente fora do lugar, querendo que ele reproduza isso. Eu disse que a gente tem que parar com essa educação que reduz.

00:28:00

(Emicida)

Isso não é ensinar a pensar, né?

00:28:01

(Ailton)

Reproduz, reproduz, não é de maneira nenhuma e talvez a gente, toda vez que considerar que o pensar. Já é a novidade que ele traz, então ao invés de ensinar, a gente deveria, na verdade, deveria ficar ali aprendendo.

00:28:16

(Emicida)

A gente tinha que ter uma espécie de filtro mais preciso, né? Que que mostrasse para a gente se a gente está de fato, pensando ou se a gente está só tentando reorganizar nossos preconceitos?

00:28:27

(Ailton)

Sim, reorganizamos os preconceitos. Quem sabe seja mais isso que acontece na sala de aula quando é bom. Porque pode acontecer coisas muito piores. Pode acontecer de uma orientadora pedagógica, chegar na sala de aula de manhã cedo para dar uma geral na sala. Aí ela olha e vê que um menininho levou uma daqueles cadernos de aqueles livros que é para colorir. Mas a aula é de copiar de outras coisas, não é de colorir. Então ela vai sem avisar, tira o livro de colorir do menino e avisa para ele. Hoje não é isso. O menino fica olhando alguém acabou de me tomar uma coisa, uma coisa minha. O livro de colorir do menino não é do coordenador pedagógico nem da escola do menino. Tomei um brinquedo dele, aquilo é um brinquedo para ele, aquilo é uma coisa dele, condenadora pedagógica. Vira e o menino pega o livro, ela liga para o pai do menino, seu filho não sabe se comportar na sala de aula hoje. Ele trouxe um livro de colorir. Eu tirei dele e ele reagiu, e quando eu tirei de novo, ele chorou desesperadamente. Você precisa, levar ele no médico. Então está cheio de escola com o coordenador pedagógico mandando os pais levar o menino no médico. Por que essa pessoa não entendeu o que ela fazendo ali? Mas, infelizmente, é o maior despiste da educação hoje.

00:30:01

(Emicida)

Você me contando isso, você me lembrou na história de um amigo meu que mudou para a Alemanha e matriculou o filho dele pequeno, uma criança de 5 anos, numa escola lá é uma criança muito afetuosa, abraça todo mundo, aí encontra você. Ela já corre aqui, abraça rei, tio Ailton e beija, sabe, e se senta, canta e conta história e conta e inventa história da cabeça dela. Até uma vez a gente ficou conversando e eu falei e ele falava não, ele está começando a mentir agora. Eu falei não, ele está começando a entender que ele consegue criar uma história e é maravilhoso você conseguir concatenar ideias, sabe? E vai elaborando, elaborando, aí fala, a elaboração dele está nascendo. E ele foi morar na Alemanha e isso vai super de encontro com o que você falou. Eu gosto muito de pedagogia. Gosto muito de entender como a gente partilha o conhecimento essa experiência com as gerações que estão vindo e não foi para a escola. Primeiro dia de aula abraçou um coleguinha. Segundo dia de aula, deu um beijo no outro coleguinha. Terceiro dia de aula abraçou uma professora. No quarto dia

de aula, meu camarada foi chamado na escola porque ele tinha uma mania de abraçar.

00:31:12

(Ailton)

Bem, a gente quase chegou de novo na...

00:31:16

(Emicida)

Na tapera? É o nascedouro da tapeira do jumento, o seu método de escrita ou de fala. Você acredita na oralidade, né? Como você disse, é isso me lembra muito. Um pensador africano chama Hampâté Bâ. Ele tinha uma frase muito bonita que dizia o seguinte, cada vez que tomba um Ancião é uma biblioteca que se queima por causa da quantidade de conhecimento que aquela pessoa guarda, né? Ele foi um dos caras ali na década de 70 que fez a UNESCO reconhecer o valor da oralidade como uma fonte de história precisa.

(Ailton)

Maravilha, acabei de adotar ele como meu ídolo.

(Emicida)

É incrível, acho que a metodologia dele talvez me pareça isso, posso estar equivocando, mas me parece que a metodologia de escrita dele é muito semelhante a que você emprega nos seus livros, porque quando eu leio nos seus livros, parece muito que você está em energia conversando comigo. Tem uma fluidez que às vezes se perde na atitude da escrita e aí eu queria entender com você, assim como é o processo desde a ideia, porque é o seguinte, me parece que o que te leva a escrever são duas coisas, a urgência e a esperança. Eu fico pensando muito isso e eu posso pegar, por exemplo, ideias para adiar o fim do mundo, posso pegar a vida não é útil, posso pegar amanhã não está à venda, que são esses 3 últimos que você lançou, em cada um deles, eu vejo dureza, mas eu também vejo essa fresta de Esperança, porque é importante que a gente acredite em algo. Se a gente quer construir esse amanhã, aí eu queria entender o seu o que você chamaria desse seu processo, assim como como é da ideia até aquilo se materializar em texto.

00:33:08

(Ailton)

Então é muito interessante você usar a expressão porque eu sou um anti-processo, eu estava até brincando dizendo que eu vou fundar desorganizações Tim Maia. Brincadeira que eu fiz, eu soube desorganizar e, eu não tenho processo, eu sou possesso. Eu acordo uma hora do dia ou da noite, com uma ideia me tomando me invadindo, e aí eu tenho que contar aquilo, tem que narrar aquilo, narrar? Eu acho que fui abençoado com uma antiga tradição dos narradores. Aliás, é da África que vem o termo Griô sim, Griô não escreve, Griô fala. É maravilhoso aqui no nosso continente, aqui na patianama, na ameríndia, nessas línguas nativas, todas com Tupi na Costa Atlântica, com os tupinambás, esses parentes que chegaram a ser o mesmo na mesma aldeia, a mesma tribo, chegaram a ser mais de 5000 pessoas falando, vivendo, quer dizer, tinha uma experiência social tão intensa, ninguém escrevia. Nada durante 2000 anos, essa gente conseguiu ser ter sociedade, tomar decisões, governar assim mesmo, numa boa, sem escrita. Então isso mostra para a gente que a escrita é uma ferramenta adicional. A experiência da comunicação da fala, assim como outros recursos que a gente pode se utilizar dele. Eu costumo dizer que a humanidade viveu até outro dia sem escrever. Sem ler e sem escrever. Durante milhões de anos esses humanos existiam sem mês, sem escrever, aí você pode dizer, é, mas lá na mesopotâmia eles faziam aquelas telinhas escreviam naqueles tijolinhos. Era muito legalzinho, mas aquilo era uma conversa para a academia, para a academia de letras da mesopotâmia, nossa que lá era para sacerdotes, o rei, entendeu?

(Emicida)

O rei? Você está sendo generoso e também que não faltou ver ignorante também não.

(Ailton)

Mas o cara da fazenda entendeu, você tinha que prestar conta para o rei. Eu tinha que mostrar lá umas Pedrinhas, aqueles caras lidavam com isso o resto de todo mundo vivia abundante, sem nenhuma preocupação com o negócio de registro de escrita, nem nada. Essa longa tradição de oralidade aqui no continente, ela tem uma expressão que é mais ou menos equivalente, a Griô, que é moranguetá o nhe moranguetá é que é o Narrador, o falador, o cara que tem a comunicação. Essa fala, essa oralidade. Ela me interessa muito mais do que a escrita. Eu só aprendi a escrever mesmo depois de adulto. Ah, é? Eu não aprendi a ler e escrever. Na infância eu aprendi a ler e escrever. Vamos dizer que depois dos 20 anos com desconfiança,

porque eu achava que não conferia com o que eu estava querendo falar. Aquelas letrinhas de novo? A gente demonstrou lá, entre assim. Olha publicar mesmo e assinar o texto. A capa eu só achei. Eu só fiz isso Com 60 anos de idade. Então, o que que eu estava fazendo antes, falando? Mas os outros sempre notaram que eu falei. Aí um editor, nosso amigo, Sérgio Com, de uma editora chamada Azog, fantástica, um dia cerca de 15 anos atrás, talvez 20. Ele falou comigo, a gente tem que reunir seus textos. Eu falei, que texto? As coisas que você fala, eu falei, ah, são textos. Ele falou, claro, as coisas que você fala são textos. Ele fala, ah, que coisa boa, e daí? Ele falou, eu fiz uma pesquisa, eu peguei tudo quanto é entrevista sua, tudo quanto é conferência sua. Cara, eu estou com um livro seu, pronto aí ele me apresentou, ele falou, eu organizei isso aqui, ó. Eu tinha desde 83 até 2013 por aí. Aí é esse livro saiu por uma coleção chamada encontros. Eu acho que foi a primeira vez que saiu uma crítica dizendo Ailton escreve. Quer dizer, eles descobriram que eu escrevia quando eu estava com mais de 60 anos, Encontros, encontros, é um livro que eu acho que você não viu. Tem uma série da Azoe chamada encontro é uma série, tem Darcy Ribeiro tem, Ismail Xavier, então, tem toda essa gente tem até Glauber rocha. Então quando ele falou que eu ia sair na lista de eu era o 52 da lista de todo mundo que já saiu, eu falei, nossa, mas você vai me botar nessa Galeria? Ele ficou claro, rapaz, seus textos são dessa qualidade. Ele falou, ah, que bom, nunca pensei neles como textos depois, quando eu passo aí uns, sei lá, 8 anos, em 2018, eu decido é fazer as ideias. Ele é uma conferência. É 2 conferências. É e aí é transcrito no meio do caminho. Tem um trabalho de um artífice que se chama escriba. Sim, então o escriba existe de verdade e não sou eu, é uma escriba, a Rita Carelli filha do meu amigo Vansan Carelli. A Rita é maravilhosa. Eu conheço a Rita desde quando era pequenininha que o Vansan é meu amigo há 500 anos. Aí, um dia ela me apresentou para o meu editor, quer dizer, ela já estava com intenção de que ela me apresentou para o editor e falou, esse cara escreve, aí eu falei, não, não escrevo. Aí ela falou, esse cara fala, aí o editor falou, eu quero publicar ele aí ela falou, então eu sou a escrita dele. Ela pegou meus textos, não tirou esse sentido de cascata, ela deixou o livro do jeito que eu falo. Impressionante. Eu não sei como é que eles fizeram com isso, quando eles traduziram para o japonês, lá no Japão, agora eu fiquei pensando, como é que esses caras resolveram isso. Estou curioso.

(Emicida)

a coisa da tradução é fantástica, porque a tradução, é um trabalho muito difícil. O trabalho de escreva na Rita já é um trabalho supercomplexo porque a partir da experiência de vida dela, ela poderia transformar sua fala num texto dela, o que ela projeta a partir do que você está falando, e não, acho que ela consegue manter uma fluidez maravilhosa. Agora, quando você vai levar isso, de um idioma e de uma cultura como a sua, a uma cultura e o idioma como japonês. Meu Deus do céu.

00:40:21

(Ailton)

Eu estou com uma grande curiosidade, porque eu tenho amigos que lê a nas duas línguas, né? Tem um fotógrafo chamado Hirome Nagakura, que andou quatro anos comigo na Amazônia. Eu era o guia dele e tem um texto muito, muito agradável que é a Sombra e o Samurai esse texto, a Sombra e o Samurai, a sombra sou eu, o Nagakura é o samurai. Aí ele queria ir para a Amazônia e fotografar as pessoas dentro do seu cotidiano nas aldeias. Eu nessa época estava fazendo uma atividade que já estava configurada. Ele falou, eu vou ser sua sombra. Ele falou. Eu falei, não, como que você me assombra aonde você for, eu vô. Aí a história da sombra e o Samurai nasce dessa espécie de é intimidade.

00:41:21

(Emicida)

Mas é interessante também essa inversão no papel e ele ser sua sombra e você ser o Samurai.

00:41:25

(Ailton)

Mas eu acho que ele era o Samurai, quem estava mesmo nessa função de Samurai era ele, por que sabe o que que eu estava fazendo? Eu estava trabalhando. Eu estava trabalhando nas aldeias antes de acontecer essa perda de qualidade da vida política no Brasil, eu estava promovendo um trabalho nos nossos territórios. Que era de autonomia dentro da floresta, autonomia dentro da floresta, na que que consistia, por exemplo, em chegar na cabeceira do Rio Juruá, na Fronteira com o Peru, numa aldeia dos meus amigos, Achinica que me disseram, o peixe um está subindo, ele é pego lá embaixo em Manaus, a gente está sem peixe aqui em cima. Aí eu levava um biólogo, um camarada com a expertises daquilo. E junto com o pessoal local, a gente ia entender o que que estava acontecendo e lidar com aquela sequência que podia ser,

inclusive, denunciar os barcos pesqueiro grande que estava lá embaixo, tirar os barcos pesqueiro, que estava inclusive fazendo uma coisa criminosa, bota a fiscalização em cima. Ativar esses mecanismos todos ou também mudar práticas locais, que é de não bater tinguí na água porque o tinguí não mata só os peixes grande, ele mata também os filhotinhos, aqueles filhotinhos que depois iam para a beira do Rio para ficar lá no Remanso reproduzindo você já acabou com eles? Quando você bate o tinguí, quando você bate essa folha que intoxica os peixinhos, você tira os grandes e os pequenos você joga fora. Então a gente fez uma reeducação de práticas, uma repressão de outras práticas era uma das coisas que a gente fazia e isso dava autonomia de pesca lá dentro de controle do território Governança de território. A gente estava fazendo isso na década de 90, o Nagakura chegou no Brasil em 93 e ficou comigo até por volta de 97. Ele vinha ao Brasil e pegava uma viagem minha e caronava uma viagem minha, fotografando, fez três, quatro exposição, publicou um monte de livro no Japão e um deles ele publicou em coautoria comigo. Quer dizer, eu já sou meio japonês porque eu tenho um livro no Japão, me chama Como um Rio, Como um Pássaro, se você olhar o ideograma, você olha pra caramba, é mesmo, é um Rio e um pássaro. A capa do livro é sugestiva para caramba, então eu quero pedir para esses meus amigos que trocam ideias comigo dizer isso que você está lendo aí é ideias para adiar o fim do mundo mesmo. É o que eu falei ou é outra coisa? Eu vou pedir para eles conferir comigo.

00:44:11

(Emicida)

Você falou de duas coisas que acho muito importantes aqui nesse, nessa sua história da sombra, e o Samurai. Eu ia falar do Samurai porque uma tradução possível para Samurai, se não me engano, é aquele que serve, sabe? E é muito bonito você servir. O nosso entendimento as vezes ele é hierárquico, e ele faz com que a gente pense que uma pessoa que serve um subalterno, alguém menor e servir é muito nobre, servir ao mundo, servir ao planeta? Por isso que eu falei que talvez você também pudesse ser a sombra e ele sem o Samurai e o inverso também poderia ser real.

00:44:45

(Ailton)

Cara, se você tiver oportunidade de conhecer Hirome Nagakura, você vai ver que presente.

(Emicida)

Quero ter esse prazer maravilhoso.

E você falou de duas coisas que para mim são fantásticos. A gente falou de Fronteira e de Rio. Eu tenho uma dúvida, porque uma vez eu estava em Angola subindo para o norte de Luanda, e eu estava com um amigo local e a gente estava conversando e todo o meu conhecimento a respeito da África tinha vindo através dos livros, música, filme. Eu nunca tinha vivenciado, está no continente africano, principalmente em Angola, e eu me referi a uma região no Norte que agora é Congo, mas ele se referia àquela região como Zaire, né? E ele falava do Banza-Congo. E eu falei no passado sobre um Banza-Congo, porque os livros de história que eu tinha lido e se referiam àquela região tratavam dela como uma região que não existia mais depois da conferência de Berlim, que é quando os europeus se juntam corta a África como se fosse uma Pizza, retalha ela, com um monte de linha que não faz o menor sentido para aquelas populações.

(Ailton)

E que transformou a vida deles no inferno.

00:46:02

(Emicida)

E essa nessa conversa, meu camarada, me corrigiu, corrigiu o tempo que eu estava falando, ele falou lá não era o Zaire, mas não era o Banza Congo lá é Zaire, lá é o Banza Kongo. Como é a relação de povos, né? Que tiveram essa Fronteira atravessando o seu território como um muro de Berlim, né? Fica metade da família para cada lado. Esse intercâmbio continua a existir, certo? Claro que independente dessa Fronteira, atravessar rasgar o território.

00:46:35

(Ailton)

Olha a história, a história de colonização e de ocupação de territórios aqui dentro do país, dentro do Brasil, suas Fronteiras inventadas. Ela tem uma qualidade, digamos, diferente do que aconteceu em outros continentes. Eu até mencionei lá atrás que durante muito tempo ocuparam a Costa Atlântica e nem vinham que tinha o Sertão, Sertão, era lugar remoto. Sertão era o Guimarães Rosa, olha bem, até na literatura você vê esse configurado, né? É outro dia. Ali tinha uma parte do imensa desse país que é julgar o Sertão no lugar que ninguém vai essa narrativa, ela, ao mesmo tempo que ela é um profundo desprezo por esses territórios, esses lugares. Ela Foi

temporariamente uma vantagem para o povo indígena porque o muro não chegou lá só agora, no final do século 20, é que essa fissura de se apropriar de Riqueza, água, floresta, minério, é que empurrou esse Brasil branco, esse Brasil fronteiriço, Ocidental para dentro, para cima desses territórios, estabelecendo esses cortes que nós ainda estamos resistindo. Nós ainda estamos empurrando aí para outro lugar, Para Ele não se encaixar em cima da gente, mas quando eu escuto você falar da África, cara, eu sinto assim uma dor, entendeu? Da sacanagem que a Europa fez a sacanagem foi tão bem-feita que eles transformaram aqueles povos em um Tabuleiro de guerras, guerras internas que, você sabe, Angola, Moçambique e são guerras civis. O os europeus já foram embora, mas eles largaram a desgraça da guerra espalhada lá, e arma pra caramba. Agora mesmo está tendo uma guerra na Namíbia, está tendo uma guerra em algum lugar, deve ter uns 5 ou 6 países. Esses países inventados pela Europa na África, nesse momento, mandando Busey um para cima do outro, você sabe disso, e ele não comove ninguém sabe por quê? Porque aquela região do mundo foi produzida pela Europa para ser isso, sem essa espécie desse inferno astral onde as pessoas não têm o direito de viver em paz, não tem direito de viver em paz. E é um contrassenso total quando você quer reclamar a ideia de uma declaração universal dos direitos humanos. Não pode haver uma declaração universal dos direitos humanos se uma parte dessa humanidade já separou pedaços inteiros de continente para ser um inferno astral, onde eles vão jogar arma, onde eles vão jogar o bagulho deles, onde eles vão fazer esse inferno terreno? Eu fico muito chateado quando eu vejo que continua isso. A gente está lutando para isso não acontecer aqui, a gente está se esperneando de toda maneira. Para isto não acontecer aqui nessa Pindorama.

00:49:39

(Emicida)

Eu ia te perguntar se você acredita, por exemplo, que essa invasão, se intensifica a partir da década de 60 no Brasil, período da ditadura, da ideia de uma ideia de segurança nacional que começa a trazer para nós umas informações onde, por exemplo, o indígena é uma espécie de inimigo interno, sabe por que ele tem um território gigante e ele pode cercar aquilo ali a qualquer momento e transformar isso aí num país só deles.

00:50:11

(Ailton)

Essa narrativa, essa narrativa, não surgiu nos anos 60, 70, por incrível que pareça essa narrativa, ela não se estabeleceu durante aquela ditadura civil militar, não foi naquele período. Ela Foi produzida na transição daquilo para modernizar, é uma coisa tecnológica. Primeiro vem o maquinário e depois vem a narrativa, a narrativa, essa narrativa. Ela só ganha força quando um bioma maravilhoso que a gente tem, que é o cerrado, passa a ser considerado útil. Até a década de 70, a atividade agrícola no cerrado era nenhuma. Eles diziam que o cerrado não valia, não prestava para agricultura, não valia para nada. Por isso que eles destruíam toda a cobertura florística do cerrado, porque eles falavam, isso não vale nada. Eles queriam abrir o caminho para entrar na Amazônia. Isso aí é o fato econômico, é sociológico, está? Junto com isso, a Embrapa e todas essas, toda essa tecnologia que o Brasil foi se apropriando foi preparando a ocupação do cerrado pela monocultura. Enquanto eles preparavam a monocultura que ia ser capaz de se estabelecer naquele lugar que é o cerrado, quando eles vão domesticar o cerrado, aí eles precisam dizer que os índios têm que sair de lá, e aí tem que inventar um defeito, um defeito de origem, né? Eles ficam aí à toa em cima desse mundo de terras. Olha aí que folgados, ó lá, ó, tem ouro debaixo do pé deles, vão tirar o pé dele dali para a gente pegar o ouro lá embaixo. Quer dizer, uma obsessão burra de um tipo de gente que não sabe conviver com Riqueza. O desgraçado prefere conviver com a pobreza. Aí tem um antropólogo que eu gosto muito dele, que é o Eduardo Viveiros de Castro.

00:51:59

(Emicida)

Conheço os livros, metafísicas, canibais.

00:52:03

(Ailton)

A partir da experiência dele com os Araweté e algumas pegadas, mais política mesmo denunciando a realidade brasileira, onde ele consegue sacar uma coisa que é o seguinte: o Brasil se especializou na produção do pobre, o Brasil se especializou em produzir o pobre, não é a pobreza não, ele produz o pobre. Isso aqui é um pobre, a gente produz o pobre, e a gente vai produzir o pobre em série agora.

00:52:32

(Emicida)

É isso que é paradoxal num território como esse, porque esse é um território de abundância. Produzir pobre é muito mais trabalhoso.

(Ailton)

Exatamente produzir o pobre, por exemplo, quando o governo decidiu que iria construir Belo Monte lá em Altamira, uma Volta Grande do Xingu, Altamira era uma região onde as pessoas pescavam, tinham abundância. Aquele mercado cheio de comida. Aquele, aquele povo farto, entendeu? Foram empurrados de lá e meteram um complexo de produção de energia Hidroelétrica lá e junto com ele, associou um outro complexo ligado com todo esse processamento de recursos é minerário e tudo que essa tal de Belo Sun que dizem que é o capital asiático que entrou lá pesadão. Ocupando colonizando aquela região, o povo nativo que vivia ali foi todo enxotado.

(Emicida)

Isso aí foi o que matou a Pororoca, que não foi?

(Ailton)

Foi não só acabou com a Volta Grande do Xingu, acabou com o corpo do Rio, adulterou o corpo do Rio, que vai continuar tendo danos ecológicos gravíssimos daqui para frente. Mas o que eu queria concluir no negócio da produção da pobreza é que para compensar essas pessoas que eles estavam tirando do lugar onde ia construir a barragem, eles os construíram que que aqueles conjuntinhos habitacionais dentro da floresta para eles virem morrer lá, o que, como é que uma pessoa que caça pesca nada mergulha, surfa e todos vão morar numa desgraça daquela? É para matar ele e agora em torno de Altamira, está constituindo um mundo de marginalidade, de miséria e droga, cara. O craque já chegou lá em Altamira e ele chegou pela mão do projeto megalomaníaco do estado brasileiro, que não sabe o que é que faz com seu próprio território. Porque se você prede o seu território e produz o pobre, que você está fazendo, cara, você é inimigo de você mesmo? Você é o seu invasor? Você é o seu predador? O seu aliem?

00:54:02

(Emicida)

É um modelo de urbanização, né?

00:54:42

(Ailton)

Totalmente errada, equivocada demais.

(Emicida)

A gente a gente tem aqui em São Paulo. Você morou aqui um tempo. Talvez você conheça uma rua perto da 25 de março, chamada ladeira do Porto geral, na rua. Ele sabe ladeira do Porto geral e eu não entendia na minha infância, por que aquela rua, chamava ladeira do Porto geral. Se não tinha um Porto ali, se não tinha um lugar próximo de se pudesse ter um barco aportando naquela região de fato, mas a verdade é que por ali passavam rios, se não me engano, o Tamanduá Teí, né? A história de São Paulo, de alguma maneira também a história do sufocamento de vários rios importantes do Sudeste e isso a gente não está falando nem do Tietê que quando você falou sobre a Fronteira e o Rio, o trabalho que você estava efetuando ali nos anos 90, eu me lembrei dessa coisa da relação de São Paulo com os rios, né? Então, tem o Anhangabaú, ele foi aparece até bastante na poesia do Mário de Andrade, porque acho que ele viveu o momento no qual o Anhangabaú foi soterrado.

00:55:35**(Ailton)**

O Osvaldo também, o Oswald, também. O Oswald tem umas poeminhas, que é uma denúncia contra a invasão imobiliária. Você acredita aí gente, lá na década de 30 tem uma poeminha que ele fala da ele, sugere até as imagens, né? Que ele fala quando o prédio aparece em contraponto, os casarões. Então, uma coisa se ergue e os casarões some. Uma coisa se ergue, os casarões, some, ele consome uma imagem assim, uma coisa meio concretista, né? Um poema concreto assim, onde é que eles pedem, vão comendo a paisagem, aí vira um Monte de torre e somem as casas.

00:56:17**(Emicida)**

É, eu sinto muito essa saudade do Anhangabaú em específico, e essa coisa de matar seus rios, que é o modelo de urbanização que se tenta replicar, como se isso fosse uma referência admirável no país inteiro.

(Ailton)

Se enfiando isso para dentro da Amazônia, entrando com isso para dentro do país inteiro.

00:56:36**(Emicida)**

É, eu fico pensando muito nisso, porque eu acho hoje eu penso o seguinte, né? A nossa relação com os rios fala muito. Se a gente olha para a história da humanidade,

quantos rios, a história da humanidade se desenvolveu nas margens dos rios né? Nilo, Tamisa.

(Ailton)

Matando rios. É eu sei que quando a gente olha as nossas próprias mazelas, às vezes alguém, se ergue para dizer é, mas aqui no Brasil é assim, né? Não sei onde, de outro jeito eu não sei onde não é de outro jeito, não. Eu já andei em alguns lugares do mundo e eu vejo que os humanos só sabem fazer uma coisa com os rios.

00:57:13

(Emicida)

Precisa transformar o Rio num problema, né?

(Ailton)

Num esgoto e depois tampar. Ele você acha que os ingleses sempre cuidaram do Tamisa? Ele foi podre quando não tinha mais jeito. Eles fizeram investimento, investimentos muito grandes para recuperar ele. Mas você teria coragem de pegar um copo de água lá e beber? Então, como é que você o chama de Rio de Rio? É um lugar onde você abaixa, põe a mão e pega a água e bebê. Vai em Roma, vai lá no Reno entra lá, pega a água e bebe. Se você não for morto, não for baixar no hospital.

00:57:52

(Emicida)

Cai seu cabelo, instantaneamente.

00:57:54

(Ailton)

Então, cara, isso não é água é sacanagem dizer que aquilo é água, aquilo lá é uma imagem plástica da água, o cenário. É um simulacro, então assim é uma tragédia, né? Que vergonha. A gente se se referir ao Nilo, eu nem sei se existe o Nilo, você entendeu. Além, além de como chama...

(Emicida)

Também não sei. Falei dessa referência histórica, mas a gente visita muito o Nilo nas histórias antigas.

00:58:18

(Ailton)

No contemporâneo agora, eu não sei se alguém pode ir ao Nilo. Eu sei que ele é um lugar muito, tem uma literatura imensa sobre a coisa do Nilo. Tem um escritor egípcio que foi Nobel em 90, e eu acho que foi 98.

00:58:41

(Emicida)

O que escreveu arquitetura para os pobres é esse?

00:58:44

(Ailton)

Não esses. Esse senhor que ganhou o Nobel de Literatura. Eu acho que ele se chama. É o sobrenome dele, é Mafus, é. O único Nobel de Literatura que não é europeu quer dizer, naquele canto de mundo lá é depois dele, foi aquele africano...

00:59:10

(Emicida)

Agora teve um africano que ganhou.

00:59:13

(Ailton)

Então, mas agora é arquitetura. Agora ele ganhou um Nobel, mas é arquitetura, não é literatura.

00:59:18

(Emicida)

Não, esse é o outro, entende?

00:59:19

(Ailton)

É de arquitetura. É um prêmio de arquitetura.

(Emicida)

Não, mas teve um que ganhou um Nobel de literatura.

00:59:24

É um africano?

00:59:28

(Ailton)

Ah, é uma mulher, não é?

(Emicida)

Que ganhou o Nobel? Não, não, não é um cara. Eu agora não vou me lembrar. O nome dele é um nome difícil.

00:59:34

(Ailton)

Uhum. Mas que bom, então foi a segunda ou terceira, então foi o segundo ou terceiro, é escritor da África, que, obviamente, não é do mesmo país...

(Emicida)

Acho que foi o mano que escreveu aquele livro "E o mundo se despedaça".

00:59:53

(Ailton)

Então a gente deve ter 2 ou 3 escritores, é de países africanos que alcançaram essa condição de Nobel e tem um egípcio. O Nobel egípcio. Será que você consegue perguntar aí? Pra Síri?

01:00:10

(Emicida)

Abdul Zarachna Gurna, África norte da África o primeiro africano, o primeiro negro africano a ganhar o Nobel desde 86.

01:00:19

(Ailton)

É literatura de literatura?

(Emicida)

Literatura

01:00:24

(Ailton)

Olha, egípcio, Nobel de Literatura é esse Mafuso, que é o sobrenome dele.

01:00:34

(Emicida)

Nagib Mafunce.

01:00:37

(Ailton)

Então esse ser maravilhoso, ele escreveu uma trilogia sobre o Egito. O Nilo é um protagonista ativo da história. O Nilo é um personagem fantástico no romance dele, eu gostei muito de ler esse cara.

01:00:59

(Emicida)

Eu vou, pô, vou atrás porque eu penso muito pouco sobre o mundo árabe.

01:01:06

(Ailton)

E ele consegue introduzir a gente numa visão sobre aquela região do mundo fora de toda essa caricatura besta que os Estados Unidos produziram sobre o Oriente médio, escapa disso.

01:01:17

(Emicida)

Você, os krenak, eles vivem nos arredores do Rio Doce.

01:01:23

(Ailton)

A gente podia dizer que eles vivem imerso no Atú. O Atú é um Rio Doce, nós chamamos o Atú, porque quando a gente chama de o Atú, nós estamos chamamos de avô. Eu não sou avô lindo. Eu não sou avô. Quando. Quando minhas crianças estavam com menos de 40 dias de vida, a avó deles me mandava pegar o os menininhos e levar na beira do atum, ir buscar um lugar bom para eu ficar de pé e pegar o menininho pelas mãos e enfiar ele na água, enfiar ele na água 3 vezes e tirar ele e botar ele para fora e dizer agora, ele está vacinado. E o que é interessante é que essa expressão vacinada era uma maneira de aproximar isso do cotidiano da vida, né? Dos vizinhos, que não são krenak e tudo porque existe uma, acha estranho que a gente fizesse isso com um nem antes de terminar o resguardo da mãe dele, botando ele em contacto com o corpo da água do Atú, do avô.

01:02:27

(Emicida)

A vacina é um procedimento sanitário, parece, né?

01:02:29

(Ailton)

É a vacina, é um procedimento sanitário. Não ia ter nenhuma suspeita no negócio, mas o que os Krenak fazem, na verdade, é apresentar aquele ser ao avô deles, para ele abençoar aquela, aquele ser aqui agora vai ter que tomar corpo e viver aqui no mundo.

01:02:49

(Emicida)

Maravilhoso você contar essa história tem. Tem um ditado que diz o seguinte, é, é preciso de uma aldeia para se criar uma criança.

01:02:55

(Ailton)

E os Krenak que sabem disso é fazem isso a ideia de uma aldeia para criar uma criança é quando. Olha, Emicida, quando eu vi aqui em São Paulo a FEBEM e quando eu vi aquele lugar que eles prendiam as crianças, eu fiquei tão horrorizado com aquilo. Foi aí que eu comecei a perder minha fé na civilização. Eu olhei e falei, é isso que vocês estão querendo oferecer para a gente? Eu vou sair correndo daqui. Aí uma pessoa me perguntou, escuta, é porque é que você ficou tão horrorizado com o fato de ter criança de rua eu falei, porque eu acho que uma cultura que produz um menino de rua, ela não merece existir.

01:03:42

(Emicida)

É isso. Enquanto a gente for a uma máquina de criar pobre, produzir desgraça.

01:03:50

Não existe 11 Horizonte positivo. Nosso destino, o nosso tumor, tem um livro do escritor. Se eu não me engano, ele era inglês, chama. HG. Wells sabe esse cara de ficção? Ele fez a máquina do tempo. Ele fez também um outro que chamava ilha do doutor Moreau e esse a ilha do doutor Moreau é um livro que ele sempre me faz, fica pensando muito no que foi a colonização porque esse cara, ele faz uma vivissecção nos animais, porque ele quer transformar um animal num homem e aí ele é acusado desse crime. Isso é crime, ele foge para uma ilha tropical onde ele está fora do olhar daquela sociedade e ali ele cria 120 criaturas diferentes, embora algumas pareçam e tenham características humanas. Às vezes nenhuma delas é um ser humano de verdade. É a colonização.

01:04:37

E é essa reprodução colonial que alguém já disse que agora não precisa mais do colono. É uma colonização sem colono, é uma metástase, não precisa mais um organismo de fora a colonizar a gente. A gente mesmo se coloniza, nessa entrada para o centro-oeste, o cerrado e a Amazônia. Agora é questão devastando, é em nós mesmo. Não, eles não são uma preocupação e a gente precisa pedir a lua para que ela fure a nuvem da noite e abra a raios de sol.

01:05:18

(Emicida)

E nosso trabalho, nossa missão de vida, não é verdade?

01:05:22

(Ailton)

Porque eu sei que alguém que está acompanhando a conversa, pensou: caramba, eles pegaram pesado. Mas não dá para a gente conversar agora no século 21 só para fazer as pessoas se distraírem as pessoas já estão distraídas demais. A gente está precisando agora, contar histórias para fazer as crianças dormir e despertar os adultos porque os adultos estão todos parecendo zumbi a gente tem que acordar eles.

01:05:58

(Emicida)

Embora acordar, segundo mestre. Ailton krenak, muito obrigado, que honra poder ouvi-lo sempre.

Fim da transcrição.